

Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

MARCUS VINICIUS CAMPOS

Alegria Para a Saúde: A arte da palhaçaria como proposta de tecnologia social para o Sistema Único de Saúde

Tese apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Cremonini de Araújo - Jorge

RIO DE JANEIRO

2009

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca de Ciências Biomédicas/ ICICT / FIOCRUZ - RJ

C198

Campos, Marcus Vinicius.

Alegria para saúde: a arte da palhaçaria como proposta de tecnologia social para o Sistema Único de Saúde / Marcus Vinicius Campos. – Rio de Janeiro, 2009.

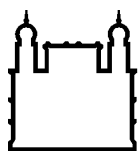
xviii, 149 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde, 2009.

Bibliografia: f. 123-133

1. Arte da palhaçaria. 2. Educação popular. 3. Dialogia do riso. 4. Promoção da saúde. 5. Alegria. 6. Tecnologia Social. I. Título.

CDD 613,04244



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

AUTOR: Marcus Vinicius Campos

Alegria Para a Saúde: A Arte da Palhaçaria como Proposta de Tecnologia Social para o Sistema Único de Saúde

ORIENTADORA: Profa. Dra. Tania Cremonini de Araújo - Jorge

Aprovada em: 15 / 05 / 2009

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Eduardo Stotz – ENSP – FIOCRUZ/RJ
Presidente

Prof. Dr. Dario Frederico Pasche – MS/BR
Membro Titular

Profa. Dra. Ana Aschar - UNIRIO/RJ
Membro Titular

Profa. Dra. Rosa Mitre – IFF – FIOCRUZ/BR
Membro Suplente – Revisora

Profa. Dra. Lucia Roque – IOC – FIOCRUZ/RJ
Membro Suplente

Rio de Janeiro, 15 de Maio de 2009



Imagem 01 - Fernando Gopal

Dedico (In memória):

A Flávia Cordeiro Campos, companheira amada, minha bailarina que no seu enfrentamento contra o câncer de mama, por amor a vida e a sua arte, me ensinou nesses quatro anos de união o que realmente é rir de si mesmo com muita *Dignidade, Coragem e Humor*.



Agradecimentos

Mãe Divina e Pai Celestial

Ao Dr. Oswaldo Cruz, Cientista, Artista e Entidade.

Tânia Araujo - Jorge, amiga, orientadora e artista da ciência.

Haide Ribeiro e Najla Bombassei:

Minha mãe e minha irmã, meu escudo, meu porto seguro.

Flávia Cordeiro Campos, companheira amada.

Aos colegas do Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos /LITEB/IOC.

A CAPES pela bolsa de doutorado e apoio para realização da oficina.

Aos colegas do grupo CASA - Ciência, Arte, Saúde e Alegria.

Minha rede afetiva solidária de trabalho: Valéria Trajano, Lucia de La Roque, Denise Oliveira, Chico Romão, Lucia Ballester, Lucinha Ramos, Thiago Carvalho, Fernando Baggio, Doutor Ota, Mauricio Luz, Marcus F. Nogueira, Heloisa Helena, Edson Bozó, Erick Vishwas, Alexandre Lirani, Isabela Soares, Gert Wimmer, Yeda Dantas, Fernanda Sarkis, Cinthia Mendonça, Batone, Gabriela Andrade, Elaine Souto, Pedro Jonathas, Brisa Caleri, João Ximenes, Elida Hennington,

Cristina Cordeiro, Mario Eduardo, Claudia Colombera,

Santiago Lencina e Los Abuelos de La NASA.

À equipe da Secretaria Acadêmica do EBS/IOC.

À todos os cooperativados e terceirizados do IOC.

Aos participantes da banca de qualificação:

Eduardo Stotz, Brani Rozemberg e Claudia Teresa.

Aos participantes da banca examinadora:

Dr. Dario Frederico Pasche, Dra. Ana Aschar,

Dr. Eduardo Stotz, Dra. Rosa Mitre e Dra. Lucia Roque.

Ao Povo Invisível e Outsiders.

A© Deus Palhaço que ri de tudo e todos.

Ando devagar
Porque já tive pressa
Levo esse sorriso
Porque já chorei demais
Cada um de nos compõe a sua historia
Cada ser em si
Carrega o dom de ser capaz
E ser feliz

Almir Sater e Renato Teixeira

Índice

Dedicatória	iv
Agradecimentos	v
Resumo.....	viii
Abstract.....	ix
Resumé.....	x
Apresentação/Memorial: A trajetória do autor e o encontro com a PG-EBS	xiv
Lista de imagens.....	xv
Lista de tabelas.....	xvii
Lista de abreviaturas.....	xviii
Capítulo 1: INTRODUÇÃO	01
Capítulo 2: A ARTE DA PALHAÇARIA E SEU ENCONTRO COM A CIÊNCIA E A PROMOÇÃO DA SAÚDE	08
3.1. Artigo: Palhaçadas, Saúde e Alegria.....	09
3.2. Artigo: Doutor Oswaldo Cruz e Palhaço Matraca: um diálogo imaginário.....	16
Capítulo 2: IMPORTANCIA DO RISO NA PROMOÇÃO DA SAÚDE.....	29
2.1. Artigo: Dialogia do riso: um conceito em construção a partir do diálogo que introduz alegria para a promoção da saúde.....	29
Capítulo 4: ABORDAGENS METODOLÓGICAS.....	53
4.1. Escolha dos territórios e do público para investigação.....	53
4.2. O registro de trabalho de campo.....	54
4.3. Pesquisa Participante: os outsiders e a partilha do saber.....	55
4.4. Tecnologia sociais	59
Capítulo 5: RESULTADOS: EXPERIENCIA DO PALHAÇO MATRACA COMO PROMOTOR DA SAÚDE.....	61
5.1. Artigo: Inovação nas práticas de promoção da saúde por meio da arte da palhaçaria: a dialogia do riso registrada em vídeo-documentários nas experiências de campo.....	62
Capítulo 6: RESULTADOS: ALEGRIA PARA A SAÚDE COMO POLÍTICA PÚBLICA E TECNOLOGIA SOCIAL PELA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR: PALHASUS E Oficina Saúde, Alegria e Palhaçadas	82
6.1. A oficina saúde, alegria e palhaçadas (S.A.P):.....	82
6.2. Oficinas educativas como Tecnologias Sociais.....	83
6.3. Concepção da Oficina “Saúde, Alegria e Palhaçadas - SAP” e procedimentos de estudo.....	84
6.4. Descrição da Oficina “Saúde, Alegria e Palhaçadas – SAP e de sua evolução”.....	85
6.5. Proposta de formato genérico para a Oficina “Saúde, Alegria e Palhaçadas”.....	90
6.6. A experiência da oficina com educadores e seus depoimentos.....	96
6.7. Experiência da oficina com gestores de C&T e seus depoimentos.....	98
6.8. Análise qualitativa dos depoimentos de educadores (E) e de gestores (G).....	99
6.9. PALHASUS: Tecnologia social/ proposta de política pública.....	109
Capítulo 7: FIM DO PICADEIRO.....	121
Capítulo 8. BIBLIOGRAFIA	123
Anexos: Galeria de Imagens.....	134

RESUMO

ALEGRIA PARA SAÚDE:

A Arte da Palhaçaria como Proposta de Tecnologia Social Para o Sistema Único de Saúde

Introdução: A prática da liberdade só encontrará adequada expressão em uma pedagogia na qual o oprimido tenha condições de, reflexivamente, descobrir-se e conquistar-se com alegria, como sujeito de sua própria destinação histórica. O diálogo e o riso são recursos naturais utilizados para potencializar a promoção de encontros baseados na alegria humana. Desde 2003 exercitamos regularmente nas ruas do Rio de Janeiro e de outras cidades, o encontro de um palhaço-músico (Palhaço Matraca) com a população de rua. **Referencial teórico:** embasamos o trabalho em contribuições de Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, George Minois, Baruch de Espinosa, Jacques Lecoc, Roberto Ruiz, Luiz Felipe Neves e Federico Fellini, dentre outros. **Objetivos:** Investigar o potencial dialógico da *Arte da Palhaçaria* para a promoção da saúde, visando à construção de propostas de políticas públicas que promovam saúde com alegria. **Metodologia:** Utilizamos metodologia qualitativa dividido em duas etapas: 1) o levantamento histórico-documental e bibliográfico sobre o tema e 2) a pesquisa participante, que valoriza o diálogo e a participação coletiva na análise de sua própria realidade. O trabalho foi registrado por meio de fotografias e filmagens. **Resultados:** O palhaço Matraca foi a campo para dialogar com a população sobre: i) prevenção de DST-Aids, ii) cultura de Paz, e iii) a divulgação de políticas públicas de promoção da saúde. Os registros indicaram boa receptividade das pessoas ao trabalho e evidenciaram seu potencial educativo. Confirmamos que a arte de um palhaço tem um grande potencial de comunicação e educação que podem gerar encanto, beleza e saúde, pois se trata de uma arte que vai às ruas cooperando para as mudanças sociais. Esses resultados nos levaram à elaboração da proposta de Alegria para a Saúde como política pública, desdobrada em projeto denominado *PALHASUS* e numa prática educativa – Oficina Saúde, Alegria e Palhaçadas/ S.A.P. **Discussão:** O universo lúdico como instrumental educativo exerce papel fundamental não só no processo de aprendizagem em saúde, mas na relação do cidadão com o seu meio social. A junção entre ciência e arte se potencializa com o uso da palhaçaria e da música para a promoção da saúde com alegria. **Conclusões:** Concluimos que a figura do palhaço como divulgador e promotor da saúde pode se tornar de grande relevância neste momento da história. A arte da palhaçaria é uma tecnologia social com forte potencial pedagógico e dialógico, que poderá ter desdobramento como política pública a ser apropriada pelo SUS.

ABSTRACT

JOY FOR HEALTH:

The art of clown how proposal for social technology for the single health system

Introduction: Practices of freedom can only find an adequate expression in a type of pedagogy where the oppressed has means of discovering oneself as well as conquering oneself reflexively with joy, as the main subject of his own historical destiny. Dialogue and laughter are natural resources used to potentially enhance meetings based on human happiness. Since 2003 we have regularly exercised meetings between a musician-clown (Clown Matraca) with street residents along the streets of Rio de Janeiro and other cities.

Theoretical background: to subsidize this research, we chose valuable contributions of Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, George Minois, Baruch de Espinosa, Jacques Lecoc, Roberto Ruiz, Luiz Felipe Neves e Federico Fellini, amongst others. **Objective:** to investigate the dialogic potential of the art of clownery in health promotion aiming to suggest public policies that promote health with joy. **Methodology:** we used a qualitative methodology that was divided in two steps: 1) assessments of historical and bibliographic documents on the subject and 2) participating research, a sort of methodology that enhances dialogue and collective participation in the analysis of its own reality. This study was recorded in photographs and in movies. **Results:** Clown Matraca was set to work in order to establish a dialogue with street people on: i) STD/AIDS prevention; ii) Culture of peace; iii) to divulge public policies on health promotion. Records have informed us that this sort of approach has pleased most people involved, proving to be potentially educational in itself. We have also confirmed that the art of clownery offers great communication as well as education potential generating enchantment, beauty and health for it is a sort of art that meets people on the streets cooperating to social changes. These results have guided us to propose a new health policy that evolved in a project named *PALHASUS* and in an educational praxis: the Workshop “Health, Joyfulness and Clownery”. **Discussion:** the playful universe as an educational tool plays a fundamental role not only in the process of learning about health issues but also in the relationship between citizens and their own social environment. The union of Science and Art reaches its full potential when uses the art of clownery and music to promote health with joyfulness. **Conclusion:** Our study has offered us subsidies to conclude that the clown character as a spokesman and health promoter can be of great relevance in this historical moment. The art of clownery is a social technology of great pedagogic and dialogic potential that deserves to be thought as a sort of public policy folding to be appropriated by the National Health System.

RESUMÉ :

JOIE POUR LA SANTÉ: L'Art de la Clownerie comme Proposition de Technologie Sociale pour le Système Unique de Santé

Introduction: La pratique de la liberté trouvera seulement une expression adéquate dans une pédagogie où l'opprimé ait des conditions de, réflexion faite, se découvrir et faire la conquête de soi-même avec joie, comme le sujet de sa propre destination historique. Le dialogue et le rire sont des ressources naturelles utilisées pour potentialiser la promotion des rencontres basées sur la joie humaine. Depuis 2003 nous exerçons régulièrement dans les rues de Rio de Janeiro et d'autres villes, la rencontre d'un clown-musicien (Palhaço Matraca) avec la population de rue. **Référentiel théorique:** nous basons le travail sur les contributions de Paulo Freire, Mikhail Bakhtin, George Minois, Baruch de Espinosa, Jacques Lécoc, Roberto Ruiz, Luiz Felipe Neves et Federico Fellini, entres autres. **Objectifs:** Investiguer le potentiel dialogique de l'Art de la Clownerie pour la promotion de la santé, visant la construction des propositions de politiques publiques afin de promouvoir santé avec joie. **Méthodologie:** Nous utilisons la méthodologie qualitative divisée en deux étapes: 1) le relevé historique-documentaire et bibliographique sur le thème et 2) la recherche participante qui valorise le dialogue et la participation collective dans l'analyse de sa propre réalité. Le travail a été enregistré par moyen de photographies et tournages. **Résultats:** Le clown Matraca s'est mis à l'oeuvre dans les rues pour dialoguer avec la population sur : i) prévention de SIDA-MST; ii) culture de paix; iii) la divulgation de politiques publiques de promotion de santé. Les registres ont indiqué bonne réceptivité des personnes à ce travail et ont mis en évidence son potentiel éducatif. Nous confirmons que l'art d'un clown a un grand potentiel de communication et d'éducation qui peuvent produire enchantement, beauté et santé, car il s'agit d'un art qui va aux rues coopérant pour les changements sociaux. Ces résultats nous ont mené à l'élaboration d'une proposition de politique publique, dédoublée en proposition de projet dénomée PALHASUS et en pratique éducative : atelier « Santé, Joie et Clownerie »

Discussion: L'univers ludique comme outil éducatif exerce un rôle fondamental non seulement dans le processus d'apprentissage en santé, mais aussi dans la relation du citoyen et son milieu social. La jonction entre science et art potentialise avec l'emploi de la clownerie et de la musique pour la promotion de la santé avec joie. **Conclusions:** Nous concluons que la figure du clown comme divulgateur et instigateur de la santé peut devenir de grande importance en ce moment historique. L'Art de la Clownerie est une technologie social de grand potentiel pédagogique et dialogique, qui mérite avoir de dédoublement comme politique publique à être appropriée par le Système de Santé Publique.

APRESENTAÇÃO/MEMORIAL

A trajetória do autor e o encontro com a PG-EBS

1. EU SOU MARCUS VINICIUS CAMPOS, atualmente MARCUS VINICIUS CAMPOS MATRACA, também conhecido desde as minhas primeiras horas como PIPO e na graduação PIPO SAM. Sou um típico brasileiro, aquele que vem de José Vicente Campos nascido em Ipaçu na região oeste do Estado de São Paulo, cuja certidão de nascimento o descreve como pardo, filho de Emilia Borges e Waldomiro Benedicto Campos; e Maria Haide Ribeiro, gerada na mata atlântica entre seu povo, os índios Guarani em Pedro de Toledo no Vale do Ribeira – SP, filha de Cypriano Ribeiro e Paulina Duarte. Desembarquei na terra no dia 25 de novembro de 1970 às 16:00h na cidade de Ipaçu - SP, sob a luz de Ogúm e Iemanjá. Após dois anos, minha irmã e amiga Ingrid Najla Campos nasceu dando um novo brilho para família.

2. Momentos fundamentais na minha formação: aos 13 anos recebi a notícia que iríamos mais uma vez mudar de cidade, digo isto por que meu pai trabalhou em várias obras como a Hidrelétrica de Itaipu e mudar fazia parte da rotina familiar. Morava na capital de São Paulo e meu espaço de lazer era bem limitado; a possibilidade de voltar a morar no interior cheirava liberdade. Passei dos 13 aos 21 anos na cidade de Monte Mor, tendo a oportunidade de estudar em duas escolas públicas que promoviam freqüentemente feiras de ciências me influenciando na escolha do curso de graduação.

3. Em 1991 passei para o curso de Ciências Sociais na PUC Campinas, mas a faculdade era particular e como muitos brasileiros tive que abandonar o curso no primeiro semestre. Como não tinha condições de pagar um cursinho pré vestibular, peguei o material de um amigo e estudei sozinho, passando em Ciências Sociais da Universidade do Estado de São Paulo do Campus de Marília - 1992. No primeiro ano da graduação morei na moradia estudantil, com oito pessoas envolvidas na militância e na iniciação científica, não apenas pelo prazer do conhecimento mas pela necessidade da bolsa de estudo. Estava próximo do IV Congresso de Iniciação Científica da UNESP e os amigos da casa me convenceram a escrever um resumo para enviar. Na época a Professora Doutora em Sociologia Maria Valéria Barbosa Veríssimo concordou em ser minha orientadora e apresentamos o trabalho *Aborto: Um Crime Social?* O resumo foi aprovado, sendo meu primeiro contato a iniciação científica. Depois de ver tantos pôsteres e seus diversos percursos científicos, voltei muito curioso e cheio de idéias, falei com a Dra. Valéria que gostaria de trabalhar com música, ela me apresentou ao sociólogo Dr.

Sebastião Jorge Chammé, Mestre em Sociologia da Música e recém Doutor em Saúde Pública pela USP, me iniciando em uma nova paisagem sociológica. No segundo e terceiro ano da graduação morei numa república com três artistas estudantes de filosofia. Nossa casa era ponto de encontro de vários movimentos culturais. A música sempre esteve presente na minha vida, mas transformá-la num projeto acadêmico não me instigava mais, tinha apenas um esboço de projeto que era investigar as letras de protesto da MPB no cenário dos anos 80. Entrava no meu último ano de graduação, tinha mudado de república, a Banda se dissolveu, estava sem dinheiro, tinha terminado com a namorada e fui passar as férias na casa dos meus pais em Campinas, quando recebi um convite para fazer um estágio não remunerado no Hospital Beneficência Portuguesa. Aceitei, e quando pisei no hospital senti algo agradável, falando que não sairia tão cedo do campo da saúde. O Chammé acabara seu pós doutorado na Sorbonne, chegando na UNESP em março de 1995, quando encontrou na sua mesa meu projeto agora totalmente diferente do combinado, com o título *Apontamentos sobre os deficientes renais crônicos da cidade de Marília*. A pesquisa foi aprovada com a bolsa de iniciação científica pela FAPESP, e defendi a monografia de Bacharelado em novembro de 1995 frente à banca formada pelos professores da Unesp Luis Roberto Bozeli - Doutor em Psicologia Social; Mauro Cherobim - Doutor em Antropologia Social; e o orientador, obtendo o título de Bacharel em Ciências Sociais.

4. Em 1996 passei no Aprimoramento em Ciências Sociais aplicado à Saúde no Dep. De Medicina Preventiva da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, com bolsa de um ano do CNPq. O aprimoramento foi muito importante para melhor compreender o campo da saúde coletiva e o papel das ciências sociais. No ano seguinte prestei, mas não passei no mestrado em saúde coletiva e entre 1997 a 1999 trabalhei como garçom, barman, músico, educador popular, em Centro de Saúde, ONGs e coisas afins.

5. Ingressei no Mestrado Acadêmico em 2000 na Pós-graduação em Saúde Coletiva no Dep. de Medicina Preventiva da Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, com o projeto *O conceito de prevenção no discurso da Organização Pan Americana da Saúde*, sob a orientação do Dr. Everardo Duarte Nunes, tendo a oportunidade de participar do programa de estágio docente no curso de medicina e enfermagem. No mesmo ano o projeto universidade solidária abria suas inscrições na Unicamp e me escrevi, sendo selecionado para compor a equipe multidisciplinar. No processo seletivo as habilidades extra-curriculares tinham mais peso que a formação acadêmica, a equipe se agregou neste espírito artístico com 22 pessoas rumo ao interior de Pernambuco na cidade de Jatobá. O coordenador da expedição, Dr. Celso Costa Lopes também era conhecido como Palhaço Juvenal e naquela terra distante as margens

do Rio São Francisco, fui tocado pela *Arte da Palhaçaria* e pela prática da educação popular materializada no teatro de rua, no diálogo no Centro de Saúde, no trabalho com DST/AIDS em prostíbulos, nas rodas culturais, na alegria do povo na rua e no riso dos Índios Pankararus. Com estes aprendi sobre os seres encantados e segundo o Pajé da tribo Seu Manézinho, *estar vivo é estar encantado*. Depois desta experiência voltei para finalizar a pós-graduação, investigando paralelamente a *Arte da Palhaçaria*. O mestrado foi concluído em 2002 com a aprovação dos Doutores Sebastião Jorge Chammé, Nelson Rodrigues dos Santos e Everardo Duarte Nunes, aos quais sou grato por me orientar nos caminhos da sociologia, arte e saúde.

6. Em 2001 passou no interior de São Paulo via antena parabólica, no canal TVE -atual TV Brasil-, um programa sobre os Anjos do Picadeiro (Encontro Internacional de Palhaços – RJ), quando tive a oportunidade de ver o palhaço Nani Calombaioni (italiano), Tortel Poltrona (Espanha), Chacovachio (Argentina), Gigantes da Lira e Teatro de Anônimo (Brasil), uma “trupe” de adultos brincantes fazendo de seus números uma crítica à hipocrisia humana. Aquilo só fomentou meu desejo e poucos meses após a conclusão do mestrado, recebi um convite para trabalhar na Diretoria de Recursos Humanos da Fiocruz. Cheguei no Rio de Janeiro na semana do carnaval de 2003 com o objetivo de me tornar Palhaço, mesmo ano que fiz a oficina *A Nobre Arte do Palhaço* ministrada pelo Marcio Libar do projeto Mundo ao Contrário. Nesta oficina tinha uma doutoranda fazendo sua pesquisa de campo, onde tive a oportunidade de relatar minha experiência sobre a oficina e participar da pesquisa *Entre cientista e palhaços: a criatividade em ação* da hoje Doutora Alexandra Tsallis. Na semana seguinte segui meu coração e fui ver qual era a desta história de palhaço na rua. Vesti uma roupa do cotidiano que achava engraçado, fiz uma maquiagem, coloquei o nariz vermelho e nasce o Palhaço que posteriormente foi batizado de Matraca pelo compositor Batone. Ser palhaço possibilitou vivenciar situações como esta: Era dia 10 de dezembro de 2004 – DIA DO PALHAÇO – E lá vai o Palhaço Matraca para a Av. Presidente Vargas, perto da estação Central do Brasil para celebrar seu dia. Falante como nunca, o palhaço segue andante pela calçada até o cruzamento que favorecia a passagem dos automóveis tendo que esperar o sinal abrir. Quando olha ao seu lado avista uma jovem senhora com um sorriso singelo e, gatuno como é, Matraca coloca seus galanteios em ação, se apresentando e oferecendo seu braço para conduzir a transeunte para a outra margem do sinal. Ela aceitou e relatou a seguinte história nos trinta segundo que se conta na imagem do homem verde do farol: Eu tive um filho palhaço, ele devia ter quase sua idade, era muito brincalhão e risonho como você, faz quase um ano que ele morreu. Chegando do outro lado da encruzilhada, nossos olhos se cruzaram e o palhaço falou para aquela fortaleza: - É uma honra para meu ser poder trazer a lembrança do seu filho, mas os tempos são outros e apesar de tantos desencontros os encontros acontecem,

como o nosso. Os dois se abraçaram, ela o abençoou e seguiram seus caminhos. Este é um exemplo dos diversos que vivo quando coloco o Palhaço Matraca para girar no mundo.

7. Meu encontro com a Dra. Tânia Araujo Jorge ocorreu no início de 2004, após inúmeras tentativas. Quando soube do seu trabalho, fiquei sensibilizado e curioso, ia toda semana no Setor de Inovações Educacionais daquele estranho Laboratório de Biologia Celular tentar encontrá-la; após dois meses e meio finalmente consegui. Desejava apenas compartilhar meu experimento, as idas e vindas do Palhaço Matraca pela rua, meu insight. Após um agradável diálogo concluímos que o projeto era viável. Depois deste encontro, estruturei o projeto de doutorado e a Oficina Saúde, Alegria e Palhaçadas oferecida no mesmo ano no II simpósio de Ciência, Arte e Cidadania. Em 2005, atravessando todo o ritual acadêmico de seleção e passagem para o Doutorado (projeto, prova, entrevista) ingressei no programa de Pós Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, na Área de concentração em Ensino não formal, na linha de pesquisa em Ciência e Arte no Instituto Oswaldo Cruz. Desse encontro resulta este trabalho.

8. EU PALHAÇO MATRACA desejo ao leitor: **SAÚDE, ALEGRIA E PROSPERIDADE.**

Lista de Imagens

- 01 – Fernando Gopal - pg. Iv
- 02 – Gutemberg Brito - pg. 10
- 03 – Studio PV - pg. 16
- 04 – Lucia Helena Ramos - pg. 63
- 05 – Matraca e o Povo Invisível - pg. 66
- 06 – Na Pista - pg. 75
- 07 – Marcus Vinicius Campos Matraca - pg. 87
- 08 – Marcus Vinicius Campos Matraca - pg. 87
- 09 – Marcus Vinicius Campos Matraca - pg. 88
- 10 – Fernanda Sarkis - pg. 88
- 11 – Marcus Vinicius Campos Matraca - pg. 88
- 12 – Fernanda Sarkis -pg. 89
- 13 – Fernanda Sarkis -pg. 89
- 14 – Fernanda Sarkis -pg. 89
- 15 – Mapa da Cidade do Rio de Janeiro - pg. 116
- 16 – Venicio Ribeiro - pg. 119
- 17 – Eduardo Reginato - pg. 134
- 18 – Eduardo Reginato - pg. 135
- 19 – Eduardo Reginato - pg. 135
- 20 – Radio Maré Manguinhos/ASFOC - pg. 136
- 21 – Marcelo Duarte - pg. 136
- 22 – Eduardo Reginato - pg. 137
- 23 – Marcus V. F. Nogueira - pg. 137
- 24 – Jornalismo/IOC - pg. 138
- 25 – Eduardo Reginato - pg. 139

- 26 – Marcelo Duarte - pg. 139
- 27 – Flávia Cordeiro Campos - pg. 140
- 28 – Fernanda Sarkis - pg. 140
- 29 – Paulo Vinicius - pg. 141
- 30 – Élio Grossman - pg. 141
- 31 – Alvaro pg. 142
- 32 – Fernanda Sarkis - pg. 142
- 33 – Kika Serra - pg. 143
- 34 – Gutemberg Brito - pg. 144
- 35 – Marcus Vinicius Campos Matraca - pg. 144
- 36 - Gutemberg Brito - pg. 144
- 37 – Studio PV - pg. 145
- 38 – DJ TUCHO - pg. 146
- 39 – DVD I – pg. 147
- 40 – DVD II – pg. 148
- 41 – LOGO – pg. 149

Lista de Tabelas

Tabela 1: Experiência de oferta da Oficina *Saúde Alegria e Palhaçadas* em diferentes contextos e públicos – pg. 86

Tabela 2: Perfil dos participantes nas oficinas com gestores de C&T – pg. 98

Tabela 3: Percepções sobre a oficina e sobre alegria e saúde – pg. 99

Lista de Abreviaturas

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

IOC – Instituto Oswaldo Cruz

ENSP – Escola Nacional de Saúde Pública

UNIRIO – Universidade do Rio de Janeiro

IFF – Instituto Fernandes Figueira

MS – Ministério da Saúde

TS – Tecnologia Sociais

MC – Ministério da Cultura

LITEB - Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior- Capes

MCT – Ministério de Ciência e Tecnologia

SMSDC - Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil

SMC - Secretaria Municipal de Cultura

ASFOC – Associação dos servidores da Fundação Oswaldo Cruz

OMS – Organização Mundial da Saúde

OPS – Organização Pan Americana da Saúde

Capítulo 1

INTRODUÇÃO

Saúde com Alegria

Diz o dito popular: *Rir é o melhor remédio*. A compreensão de que o riso melhora a qualidade de vida, previne doenças e promove saúde, reaparece com força na década de 60 com a *Terapia do Riso*, movimento ligado aos novos saberes e práticas em saúde coletiva (LUZ, 2003). No meio acadêmico as investigações direcionadas para o campo da Gelotologia (KRAFT, 2008), do grego “gelos” que significa riso, ganham novos adeptos a cada ano. Grupos transdisciplinares como “International Society for Humor Studies da Califórnia”; “Association pour le développement des recherches sur le Comique, le Rire et l'Humour – CORHUM - da França; Ciência, Arte, Saúde e Alegria da Fiocruz - Brasil investigam esta prática terapêutica, cujo reconhecimento pela medicina oriental data de mais de 4 mil anos. Um “clube do riso”, possivelmente o primeiro no mundo, foi fundado em 1995 em Mumbai pelo médico indiano Madan Kataria, e atualmente este movimento mundial conta com mais de 2500 clubes em todos os continentes.

No campo da saúde, Ayres (2005) nos propõe um “*Projeto de Felicidade*” que debate o movimento de humanização na saúde. Esta proposta valoriza positivamente as experiências vividas, que freqüentemente independem de um estado de completo bem-estar, ou de perfeita normalidade morfo-funcional. Para o economista Richard Layard (2005) o conceito de felicidade é um indicador importante na promoção de políticas públicas em saúde. Independente se é um conceito ou um projeto, ambos concordam que felicidade é um índice de si mesmo, que não se deixa medir nada fora dela, estando dialeticamente comprometido com o contexto social. Esta sensibilização e participação da comunidade na formulação de políticas na esfera municipal é conceituada no portal da OPAS (2009) como: “*municípios, cidades e ou comunidades saudáveis, uma filosofia e também uma estratégia que permite fortalecer a execução das atividades de promoção da saúde como a mais alta prioridade dentro de uma agenda política local*”. Considera-se um município ou cidade saudável aquele em que os seus dirigentes locais enfatizam a qualidade de vida de seus cidadãos na perspectiva da promoção da saúde.

Pensando nas diversas ferramentas que a Promoção da Saúde nos proporciona, a educação popular em saúde torna-se um dos eixos principais para despertar as potencialidades humanas. A educação em saúde da qual falamos não é aquela que se pauta no âmbito da “educação formal”, como afirma o educador popular Chico Viana (2008), mas na democratização do conhecimento proposto por Epicuro (1973). O filósofo comprou um pequeno jardim em Atenas e transformou em uma escola não formal, promovendo encontros dialógicos onde qualquer ser humano, independente da sua condição social, tinha acesso aos conceitos filosóficos, sendo conhecido como o “*Grupo do Jardim*”.

O Jardim de Epicuro se tornou inspirador para refletir novas estratégias de promoção da saúde com alegria, sendo fundamental no enfrentamento da adversidade do adoecimento humano. A constatação deste fato se encontra nos inúmeros grupos espalhados pelo planeta que trabalham com a promoção da saúde com alegria, como o Gesundheit Institute liderado pelo médico e palhaço Patch Adams (2002).

Atualmente, vários cientistas e artistas vêm desenvolvendo projetos inovadores utilizando a *Arte da Palhaçaria* como ferramenta da promoção saúde. Como exemplos podemos citar os relatos nos trabalhos de Koller e Gryski (2008) sobre palhaçaria e o tratamento de crianças, de Mundhenke (1994) sobre a redução da ansiedade, e de Scannavino (2003) com o projeto “*Saúde e Alegria*”. Estas experiências, mesmo em número reduzido, são chanceladas pelas vozes dos usuários, permitindo pensar na hipótese da promoção de mais alegria nos projetos do campo da saúde.

Diante dos exemplos citados sobre o tema, a pergunta que se coloca, e que trabalhamos na presente tese é: a *Arte da Palhaçaria* tem poder dialógico para comunicar sobre questões de saúde com diferentes públicos? Após um longo trabalho de campo, que descreveremos a seguir, chegamos à conclusão que sim, a *Arte da Palhaçaria* é uma tecnologia social com forte potencial pedagógico e dialógico, que merece ter desdobramento como política pública a ser apropriada pelo SUS.

Objetivo Geral:

A pesquisa tem como objetivo geral investigar o potencial dialógico da *Arte da Palhaçaria* para a promoção da saúde, visando à construção de propostas de políticas públicas que promovam saúde com alegria.

Objetivos Específicos:

- 1) Realizar levantamento bibliográfico envolvendo várias mídias sobre a temática do diálogo, riso, alegria e o palhaço, objetivando a sustentação teórica e prática da pesquisa;
- 2) Identificar encontros da palhaçaria com a ciência e a saúde em eventos científicos, e construir um diálogo fictício entre um artista e um cientista, concretizado numa proposta de intervenção teatral;
- 3) Realizar trabalho de campo e a confecção de dois vídeos documentários, objetivando por meio da linguagem fílmica apresentar a prática da investigação e seu potencial dialógico;
- 4) Conceber, estruturar, testar, difundir e avaliar uma Oficina de Trabalho sobre *Saúde, Alegria e Palhaçadas* (S.A.P) como estratégia de trabalho para a promoção da saúde;
- 5) Formular a proposta e o projeto piloto PALHASUS para o Ministério da Saúde.

Relações entre a ciência e a arte: apresentando o laboratório onde a Tese foi desenvolvida

Na cerimônia de reinstalação do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia no dia onze de outubro de dois mil e três, o presidente da República Federativa do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, em seu discurso discorreu com a seguinte fala: *Mas eu confesso a vocês que esse início é para quebrar um pouco o gelo, porque eu estava vendo o nosso ministro falar (Roberto Amaral). Eu estava me perguntando: será que todo o agrupamento de ciência no Brasil, é todo mundo sério, que ninguém ri? Então vai mudar, inclusive o nosso jeito de ser. Eu acho que a coisa que mais me fez, de vez em quando, detectar a minha alegria de ter sido eleito Presidente da República, é de poder colocar em prática as coisas que a gente sonha e que a gente acredita ser possível. Esse é o grande desafio* (2003).

O desafio se traduz nesta Tese, tanto em sua prática na promoção da saúde com alegria, como na construção da identidade do projeto de pesquisa com a linha de pesquisa de “Ciência e Arte”, dentro da área de concentração de Ensino não formal do Programa de Pós Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz-Fiocruz. Essa linha de pesquisa

vem sendo desenvolvida gradualmente no Instituto Oswaldo Cruz através do Setor de Inovações Educacionais do Laboratório de Biologia Celular desde 1998. A partir de 2009 o laboratório se re-configurou denominando-se “Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos”, dando visibilidade à essa vertente de *Ensino* ligada à *Inovação*. O laboratório possui hoje, dentre os seus diversos projetos na linha de Ciência e Arte, atividades que visam sensibilizar seus participantes para questões que vão da ficção científica ao picadeiro do palhaço. As intervenções do Palhaço Matraca e seus desdobramentos são um desses produtos avaliados e aplicados nesta Tese de doutorado.

Apesar da dicotomia estabelecida entre os campos da ciência e da arte, sua relação é intensa e fértil. Pesquisas de Robert e Michelle Root-Bernstein (2000) demonstram que inúmeros cientistas utilizam a arte em suas investigações e diversos artistas que usam a ciência em suas intervenções. Para Wallace (2006) a interface destes dois campos possibilita uma ampliação do conhecimento nas duas áreas, e do ponto de vista educacional possibilita ao estudante um real contato com a interdisciplinaridade, sem barreiras rígidas entre as áreas.

Nesta lógica a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) busca promover a interdisciplinaridade, com a aproximação da ciência com as artes, superando gradualmente os obstáculos da fragmentação do conhecimento (CANDOTTI, 2000). Abordando este campo a revista *Nature* dedicou sua publicação de março de 2005 (*Nature* 434) para o tema “Artista na Ciência e Cientistas na Arte”, destacando a distância entre os dois campos e antagonicamente a atual interseção entre cientistas e artistas.

O diálogo entre ciência e arte pode ser muito bem ilustrado no Pavilhão Mourisco da FIOCRUZ, no castelo das “Mil e uma noites da ciência” do Dr. Oswaldo Cruz. Segundo Araújo-Jorge (2007), ciência e arte estão disponíveis para quem trabalha ou estuda na Fiocruz, pois o próprio castelo símbolo da instituição é, em si, uma incrível obra de arte. Podemos afirmar que o legado de Oswaldo Cruz é inspiração para diversos cientistas e artistas que investigam o tema.

No Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos, estruturamos também o grupo C.A.S.A que articula em suas investigações a Ciência, a Arte e a Saúde com Alegria, onde passamos a pesquisar as interações da arte com a saúde, além das relações da arte com a ciência. Saúde, porque todos os nossos objetos de investigação estão, direta ou indiretamente, relacionados à geração de conhecimentos comprometidos com a promoção da saúde, devido à vinculação do IOC/Fiocruz com Ministério da Saúde. Alegria, porque na maioria das atividades

que envolvem ciência e arte percebemos que o elemento comum é o riso, que promove saúde e conhecimento com alegria.

Referencial teórico e estrutura da Tese

As investigações sobre a prática da *Arte da Palhaçaria* não encontram uma única teoria que dê conta de explicá-la, o que nos remete a buscar novas referências em diversas áreas do conhecimento como as artes, as ciências sociais e as ciências da saúde. Por isso a tese inclui em seus diversos capítulos uma variedade de produtos: três artigos científicos (publicados e submetidos), ensaio ficcional, vídeo-documentários, um produto educativo e uma proposta de política pública.

Respeitável Público: tanto a investigação teórica quanto a pesquisa de campo são apresentadas em detalhes nos produtos que compõem esta tese, descritos a seguir.

- Capítulo 2: A ARTE DO PALHAÇO E SEU ENCONTRO COM A CIÊNCIA E A PROMOÇÃO DA SAÚDE.

2.1 – Artigo científico *Palhaçadas, Saúde e Alegria*. Neste trabalho apresentamos o encontro entre cientistas e artistas em fóruns acadêmicos de Ciência e Arte e a relevância da adoção da Arte da Palhaçaria no campo científico.

2.2 – Ensaio ficcional *Doutor Oswaldo Cruz e Palhaço Matraca: Um diálogo imaginário*. Este texto é uma ficção sobre um inusitado encontro entre o Dr. Oswaldo Cruz e o Palhaço Matraca, que transcorre numa tradicional confeitaria na cidade do Rio de Janeiro. Sem a preocupação de qualquer aprofundamento histórico dos fatos citados, este diálogo se apresenta como um momento em que os personagens – cientista e artista- compartilham sua amizade, relatam com humor suas experiências sobre a revolta da vacina e suas preocupações com a saúde pública brasileira.

- Capítulo 3: IMPORTANCIA DO RISO NA PROMOÇÃO DA SAÚDE.

3.1 – Apresentamos e debatemos a *Dialogia do Riso*, um conceito baseado na prática da educação popular em saúde desenvolvida com alegria. Saúde entendida como um recurso para a vida e não como um objetivo de viver; promoção da saúde como uma reação positiva que leva a uma percepção ampliada, integrada, complexa e inter-setorial: articula ambiente, educação, pessoas, estilo e qualidade de vida. O riso pode então ser incorporado como ferramenta de promoção da saúde, tese que defendemos.

- Capítulo 4: ABORDAGENS METODOLÓGICAS

4.1 – Escolha dos territórios e do público para investigação

4.2 – O registro de trabalho de campo

4.3 – Pesquisa Participante: os outsiders e a partilha do saber

4.4 – Tecnologias sociais

- Capítulo 5: A EXPÊRIENCIA DO PALHAÇO COMO PROMOTOR DE SAÚDE: NOVAS PRÁTICAS DE EDUCAÇÃO POPULAR.

5.1 - Artigo científico *Inovação nas práticas de promoção da saúde por meio da arte da palhaçaria: a dialogia do riso registrada em vídeo-documentários nas experiências de campo*. Neste trabalho descrevemos e refletimos sobre a construção dos vídeos documentários: *Matraca e o povo invisível* e *Na Pista*. Ambos foram protagonizados pelo Palhaço Matraca nas ruas das cidades do Rio de Janeiro, Niterói e Buenos Aires, dialogando e brincando com o povo da rua sobre temas de saúde e vida, e também integram esta Tese.

- Capítulo 6: TECNOLOGIA EDUCACIONAL E SOCIAL

6.1 – Produto educativo: *OFICINA: Saúde, Alegria e Palhaçadas (S.A.P)*. O foco deste trabalho é o registro detalhado do desenvolvimento da oficina de trabalho “*Saúde, alegria e*

palhaçadas” e de sua aplicação com diferentes públicos, com o objetivo de verificar seu potencial para sensibilização em temas de saúde, ensino, ciência e trabalho.

6.2 – Apresentação do Projeto *PALHASUS*.

- Capítulo 7: FIM DO PICADEIRO
- Capítulo 8: REFERÊNCIAS
- ANEXOS

Capítulo 2

A ARTE DA PALHAÇARIA E SEU ENCONTRO COM A CIÊNCIA E A PROMOÇÃO DA SAÚDE.

Este capítulo está no formato de dois artigos científicos. O primeiro, relata o trabalho de campo desta tese em sua fase inicial (2005 e 2006). A relação entre eles se pauta na interface entre ciência e a arte da palhaçaria, introduzindo-a na linha de pesquisa em ciência e arte do laboratório em que tese foi desenvolvida. O primeiro é um artigo completo já publicado nos anais do evento “Ciência e arte 2006”.

http://www.museudavida.fiocruz.br/publique/media/Memorias_Ciencia_e_Arte_2006.pdf

O segundo é um ensaio ficcional: *Doutor Oswaldo Cruz e Palhaço Matraca: Um diálogo imaginário*. Este texto é uma ficção sobre um inusitado encontro entre o cientista e o palhaço que transcorre numa tradicional confeitaria na cidade do Rio de Janeiro. Dialogo que pode ser facilmente adaptada para realizar uma brincadeira teatral.

PALHAÇADAS, SAÚDE E ALEGRIA

Marcus Vinicius Campos* e Tania C. de Araújo-Jorge

Setor de Inovações Educacionais, Laboratório de Biologia Celular, Departamento de
Ultra-estrutura e Biologia Celular

*palhacomatraca@palhacomatraca.com.br

- Hoje tem espetáculo?
- Tem, sim sinhô!
- Com Saúde e Alegria?
- Ciência e Amor!
- E o Palhaço o que é?
- Artista e Doutor!

Palhaço Matraca♥

INTRODUÇÃO

Encontros e diálogos inéditos ocorreram no Simpósio Ciência e Arte 2006, que reuniu num único evento o “Fazendo Arte na Ciência: 2º Simpósio” e o “Ciência Arte e Cidadania: 3º Simpósio”. Uma feliz conjunção entre o Museu da Vida e o Instituto Oswaldo Cruz, celebrou as maiores paixões do patrono do castelo de Manguinhos: a Ciência e a Arte. Nesse artigo procuramos registrar as experiências (ou seriam as irreverências?) do Palhaço Matraca no Simpósio, e da cientista que orienta o trabalho de Doutorado do homem que dá vida a esse Palhaço.

Em meio aos poetas, cientistas, cronistas, músicos e palhaços, no Simpósio as histórias saíam do imaginário se materializando na leitura dramática e cenas teatrais da “Vacina e seus

♥ Palhaço de Rua, músico, galanteador e boêmio; não se tem registro da data do seu nascimento, mas sabe-se que ele é paulista, oriundo da cidade Ipaçu (Tupi – Ilha Grande). Segundo ele, seu avô, que também foi circense, ensinou-lhe o ofício de palhaço desde a infância. E assim nunca mais parou. O que mais gosta é fazer amigos, falar sobre as injustiças das coisas da vida e ao mesmo tempo sobre o prazer de se jogar na existência. Tem sempre o cuidado de escolher as roupas que usa para não sair de maneira ridícula pela cidade. Não é por ser um palhaço que vai andar de qualquer modo – se o ser humano tem suas vaidades, imagina um Palhaço, com alma de artista! O aqui e agora é sua prioridade máxima e a cordialidade e gentileza um frescor em seus atos. O que mais o incomoda é o desrespeito com tudo que está aqui para se dispor e compartilhar, tanto as coisas animadas como a inanimadas.

Dramas”, “Das Leben dês Galilei”, “O Mistério do Barbeiro” e o “Fagote Probabilístico”. Sob a batuta do Maestro Cientista Léo Fuks, os estudantes do curso de música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Leandro Ferreira, Carlos Henrique Cota e Gabriel Otoni, formaram com o Palhaço Matraca a *Grande Orquestra do Camelódico*.



Imagem 02 - Gutemberg Brito

O encontro entre o Maestro Cientista e o Palhaço Matraca já tem seu registro histórico no simpósio. Em 2004, no 1º Simpósio Fazendo Arte na Ciência, Fuks com a Ciclofônica, o Palhaço Bob Brother e o Palhaço Matraca, invadiram a Tenda da Ciência desafiando a lei do equilíbrio entre as bicicletas sonoras e os Palhaços músicos, recheados de diversão. No mesmo ano, a mesa redonda do 2º Simpósio Ciência, Arte e Cidadania também contou com a presença de Léo Fuks, Cláudio Baltar, Cristina Grossi e Sergio Machado em reflexões e debates sobre “Música e movimento que unem Ciência e Arte”, mediado por Marcus Vinicius Campos, ou o homem que se transmuta em Palhaço Matraca.

Desta vez o novo encontro ocorreu na abertura do Simpósio Ciência e Arte 2006, com o Palhaço Matraca desafiando os membros da *Grande Orquestra do Camelódico* e participantes da plenária do Simpósio, para jogar *Pandeiro-Ball* no Anfi-teatro do Museu da Vida. Sem fim competitivo, esse jogo sonoro e criativo, foi uma prévia para palestra teórica e prática do “Fagote Probabilístico” do Maestro Cientista Léo Fuks.

Quando cientistas palhaços se unem, segundo Gilberto Gil, “*A ciência não avança; A ciência alcança; A ciência em si*”. Passa a ser possível desmistificar a ciência como algo distante da realidade dos simples mortais, e ainda dialogar com algumas estratégias que Robert Root-

Bernstein (2004) propõe na sua obra “Centelhas de Gênios”, como estabelecer analogias, pensando com o corpo, transformando e brincando.

Estas estratégias proporcionam a ampliação do conceito de saúde, englobando questões políticas, culturais, ambientais, sociais e econômicos, redimensionando o nível de reflexão e diluindo a distância entre profissionais de saúde e a população.

Saúde e Alegria

A sociedade do consumo que situa o *status* social como poder simbólico, tem feito do descrédito da vida, o contexto da existência de muitos semelhantes. As variadas formas de mídia dão ênfase ao medo, descrença e mentiras, inundando a população de “miragens”. Todos nós desejamos uma vida feliz apesar da promoção de tanta solidão e tristeza; tudo o que nos é apresentado conduz-nos ao descrédito de que seja possível promover Saúde¹ e Alegria.

As questões políticas, econômicas, ambientais, sociais e culturais têm implicação direta com Saúde e Alegria. A mútua cooperação como exercício da cidadania pertence ao universo da alegria, enquanto que a guerra e a falta de solidariedade pertencem ao da solidão. A alegria está totalmente ligada aos fenômenos que envolvem a coletividade e acreditamos que se a maioria da população pudesse vivenciar mais momentos de alegria, a humanidade seria mais saudável.

O bom humor e a capacidade do riso estão associados à inteligência, à criatividade e a uma maior produtividade. O riso é libertador. O bem-humorado é muito mais livre, porque, como tem um repertório aberto, está sempre encontrando saídas para as pressões do cotidiano. O curta-metragem *Rir, um poderoso remédio* (Bélgica, 2005), mostra as reações do nosso corpo diante do fenômeno do riso, experiências hilárias sendo monitoradas para entender o que acontece no corpo, no coração, na musculatura, no cérebro de uma pessoa que ri. No final das contas, uma coisa é certa: rir promove saúde.

O Palhaço na Saúde

¹ Entende-se saúde não apenas como processos de intervenção na doença, mas processos de intervenção para que o indivíduo e as coletividades disponham de meios para a manutenção ou recuperação do seu estado de saúde e Alegria, no qual estão relacionados os fatores orgânicos, culturais, sociais, econômicos e espirituais. Consideramos, ainda, que se pode exercer a prática de saúde e alegria em qualquer espaço social, visto que o campo da saúde e alegria é mais amplo do que o da doença.

Diante dos vários modelos explicativos do processo saúde – doença – cuidar, entendemos a estratégia de Promoção da Saúde e Alegria como fundamental no enfrentamento da adversidade do adoecimento humano. Segundo o Dr. Thomas Sydenham - médico do século dezessete – “a chegada de um bom palhaço² na cidade exerce influência mais benéfica sobre a saúde da população do que vinte burros de medicamentos”.

Os palhaços são conhecidos há aproximadamente quatro mil anos. Podemos até mesmo imaginar o primeiro palhaço como sendo um primata “contando” para o seu grupo alguma caçada desastrosa de que tenha participado, descortinando o prazer de rir entre amigos e rir de si mesmo.

O teatro indiano, uma das formas dramáticas mais antigas do mundo tem o registro do personagem cômico Vidusaka³, fiel escudeiro do herói mítico que, com suas intervenções cômicas, ajudava o povo a entender o enredo. Por ser o único a falar em *prakrit*, a língua das mulheres e das camadas sociais inferiores, ele proporcionava a compreensão da dramaturgia ao público que não falava sânscrito, língua dos deuses e reis.

Mas o que é o palhaço ou clown? Essa figura mutante presente em todas as culturas, que foi se adaptando às transformações do planeta, tem sua existência mantida através dos tempos, nas batalhas, nas festas e nos rituais sagrados, sempre cumprindo seu principal papel: subverter a ordem e provocar o riso. Por exemplo, um palhaço de hospital vai subverter a ordem da doença, transformando-a em fonte de riso, diluindo assim o medo e a dor.

Com seu nariz vermelho, “a menor máscara do mundo”, o palhaço é o anti-herói mais amado por todos, mesmo sendo estigmatizado e muitas vezes nada elegante, podendo ser um esnobe, vaidoso, egoísta, covarde, desastroso ou simplesmente um verdadeiro idiota. Seu objetivo principal é expor nossos erros e defeitos, ridicularizando-os a ponto de não levarmos

² Segundo Bolognesi (2003), a palavra palhaço vem do italiano Paglia (palha), material usado no revestimento de colchões, porque a primitiva roupa deste cômico era feita do pano dos colchões: um tecido grosso e listrado, e afofado nas partes mais salientes do corpo, fazendo de quem a vestia um verdadeiro “colchão” ambulante, protegendo-o das constantes quedas. E a palavra clown vem de clod, que se liga, etimologicamente, ao termo inglês “camponês” e ao meio rústico, a terra.

³ Vidusaka é um careca nanico, quase anão, de dentes proeminentes e olhos vermelhos. Criado fiel ao patrão, é um comilão, beberrão, desajeitado e facilmente enganado. Um de seus versos favoritos é: “*Abençoados sejam os que estão embriagados de bebida, abençoados os bêbados de bebida, abençoados os encharcados de bebida e abençoados os que estão afogados no bebida*”. Vidusaka aparece constantemente acompanhado de outro personagem cômico: Vita. A junção de um malandro sagaz – Vita – com um estúpido idiota – Vidusaka – é uma das mais belas combinações da comédia, sendo encontrada em todas as culturas, em todos os tempos (Castro:2005).

tudo tão a sério; por exemplo, para que dar tanta atenção à doença se é a saúde que estamos buscando?

No âmbito da Saúde Coletiva, o movimento dos palhaços que trabalham questões de saúde ainda é muito limitado. Sua maior expressão no continente americano encontra-se nos hospitais, como os projetos dos Doutores da Alegria e Doutores do Riso desenvolvidos no Brasil. Entretanto Patch Adams (2002), o pioneiro deste movimento na área da saúde nos propõe a expansão dos palhaços da saúde para as ruas da cidade, sendo que o autor se denomina como um Palhaço de Rua. O projeto MATRACA'S da SAÚDE desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro, em parceria com a ONG *Crescer e Viver* – Rede Circo Social - tem como objetivo principal Promover Saúde e Alegria entre a população de rua no complexo urbano. E transformou-se em tema de trabalho de intervenção bem como de elaboração acadêmica num projeto de Doutorado na linha de pesquisa em Ciência e Arte da Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde no Instituto Oswaldo Cruz - Fiocruz.

Consideramos que a arte de um palhaço tem um grande potencial de diálogo, que pode gerar encanto, saúde e alegria; trata-se de uma arte que vai para a rua cooperando para as mudanças de realidades. A figura do palhaço como divulgador e promotor da saúde pode se tornar de grande relevância neste momento da história. O TAO – filosofia milenar chinesa– já afirmava que: “Se Dele não se pudesse rir, Ele não seria verdadeiro”. Como acreditar na saúde sem rir da doença? De outro modo, parafraseando o poeta Milton Nascimento, *o artista tem de ir onde o povo está* e o promotor da saúde também precisa ir aonde está o povo – e a rua torna-se o espaço principal, o verdadeiro picadeiro, o palco do palhaço.

Esse cidadão ao avesso, se personifica nos bufões, nos clowns, nos palhaços de rua, conectando-se aos seus ancestrais cômicos, expondo verdades que estremecem o devaneio entre os sonhos e a realidade, desmistificando assim o opressor por meio do riso.

O ser humano de nariz vermelho que passa pelos tempos, compartilha a construção de sonhos, esperança e felicidade, fala para o cristão aprender com São Francisco, para a zona sul tratar a norte como irmã, que gentileza gera gentileza, fala que feijão não nasce em pé de caviar e que morro não é plano. Subvertendo e burlando a ordem das coisas para que o espectador adorne-se com a arte de rir da sua própria condição, metamorfoseando assim sua fé. E quando toca, já que é um palhaço-músico, propicia o canto e a melodia a todos com quem interage, e

reúne-se a outros músicos em diálogos únicos e inusitados, como o que aconteceu neste Simpósio.

Promover Saúde e Alegria é incorporar a cultura da Paz como exercício da cidadania. É transversalizar o conhecimento, brincando e harmonizando-se com seu semelhante como a sede e a água que satisfaz desejo presente.

BIBLIOGRAFIA

ADAMS, P & MYLANDER, M. *A terapia do amor*. Ed. Mondrian. 1º ed. RJ. 2002.

BOLOGNESI, M. F. *Palhaços*. São Paulo: Ed. Unesp. 2003.

CADERNO DE RESUMOS – *Ciência e Arte 2006 – Fazendo Arte na Ciência: 2º Simpósio e Ciência, Arte e Cidadania: 3º Simpósio*. FIOCRUZ. 2006

CADERNO DE RESUMOS – *2º Simpósio Ciência, Arte e Cidadania*. FIOCRUZ. 2004

CASTRO: A.V. *O elogio da bobagem – palhaços do Brasil e no mundo*. Rio de Janeiro: Ed. Família Bastos, 2005

ROOT-BERNSTEIN, R & M. *Centelhas de Gênios – como pensam as pessoas mais*

Doutor Oswaldo Cruz e Palhaço Matraca: um diálogo imaginário

Resumo: Este texto é uma ficção sobre um inusitado encontro entre o Dr. Oswaldo Cruz e o Palhaço Matraca, numa tradicional confeitaria na cidade do Rio de Janeiro. Sem qualquer análise dos fatos históricos reais citados, o diálogo se apresenta como o momento em que os personagens – cientista e artista- compartilham amizade, e trocam suas experiências sobre a Revolta da Vacina, movimento de rejeição popular à vacina obrigatória contra a varíola no início do século XX, discorrendo sobre suas preocupações com a saúde pública brasileira. Escrito em linguagem teatral para embasar esquete livre em ações de promoção da saúde com alegria e de divulgação científica, o texto se dirige ao público infantil ou jovem.

Palavras Chave: diálogo, revolta da vacina, alegria, ciência e arte.

Doctor Oswaldo Cruz and Clown Matraca: an imaginary dialogue

Abstract: This text is a fiction piece of an meeting between Dr. Oswaldo Cruz and Clown Matraca, taking place in a traditional confectionery in Rio de Janeiro. Without any analysis on the actual historical facts cited, the dialogue mainly presents the friendship between a scientist and an artist sharing thoughts on their personal experiences on events such as the “revolt of the vaccine” as well as their concerns on Brazilian Public Health. Written for theater to support free sketches in actions on health promotion with joy and for scientific literacy, the text addresses children or young people.

Keywords: Dialogy, revolt of vaccine, joy, science and art.

Doctor Oswaldo Cruz y Payaso Matraca: un diálogo imaginario

Resumen: Este texto es una ficción acerca de un singular encuentro entre el Dr. Oswaldo Cruz y el Payaso Matraca, que tiene lugar en una panadería artesanal en la ciudad de Río de Janeiro. Sin proponer ninguna preocupación con análisis de los hechos históricos reales citados, el diálogo se presenta como el momento en que los personajes - un científico y artista - comparten amistad y intercambian sus experiencias en la Revuelta de la Vacuna, el movimiento de rechazo popular de la vacunación obligatoria contra la viruela el comienzo del siglo XX. Discuten sus preocupaciones sobre la salud pública en Brasil. El texto está dirigido a niños o jóvenes, en idioma teatral para poner en escena libremente el acto único logrando acciones de promoción y difusión de alegría científica.

Palabras clave: el diálogo, la revuelta de la vacuna, la alegría, la ciencia y el arte.

1. Introdução

O texto é uma ficção sobre um inusitado encontro entre o Dr. Oswaldo Cruz e o Palhaço Matraca, cientista e artista, personagens reais de dois tempos históricos diferentes que se tornam contemporâneos num delírio ou sonho do palhaço. Os personagens se encontram na ficção para conversar sobre seus percursos e tropeços. O personagem “Palhaço Matraca” foi gerado pelo ócio criativo de um doutorando que passeava no campo da ciência e da arte em suas investigações, utilizando a Arte da Palhaçaria em sua pesquisa de campo. Ele até conseguiu concluir seu doutorado, no próprio Instituto Oswaldo Cruz e é certamente um dos primeiros palhaços Doutores no Brasil. O diálogo é imaginário, palhaço e cientista compartilham arte e ciência.



Imagem 03 – Studio PV

O roteiro de texto teatral pode ser representado em espaços fechados ou abertos, de dia ou de noite. Tem características de teatro popular para ser adaptado à inclusão de figurantes que auxiliem na composição da cena. Eles conversam sobre os fatos históricos reais, compartilham

amizade e trocam suas experiências sobre a Revolta da Vacina, movimento de rejeição popular à vacina obrigatória contra a varíola no início do século XX, discorrendo sobre suas preocupações com a saúde pública brasileira.

O objetivo do texto é ser apropriado por agentes de saúde, professores ou estudantes que o encenem em atividades de promoção da saúde com ciência, arte e alegria. Por isso ele introduz informações científicas e históricas, sem a preocupação de qualquer aprofundamento, mas com o objetivo de sensibilização às matérias abordadas. A bibliografia lista referências conceituais e histórias não citadas explicitamente por se tratar de um texto de ficção.

2. Roteiro de texto para teatro:

(Página 1: Título da peça) UM ENCONTRO INUSITADO

(Página 2): PERSONAGENS

Doutor Oswaldo Cruz, cientista e fotógrafo

Palhaço Matraca, palhaço e músico.

Garçon

Narrador

ÉPOCA: presente;

LUGAR DA CENA: Rio de Janeiro

(Página 3) ATO ÚNICO

Tradicional confeitaria na cidade do Rio de Janeiro. Mesa de bar, 2 cadeiras, opcional: cenografia de fundo de confeitaria. Pode ser dia ou noite. As imagens sugeridas podem ser apresentadas ao fundo da cena, em projeção ou como álbum ilustrado exposto em cavalete. Os personagens Oswaldo Cruz e Palhaço Matraca já se posicionam a direita e esquerda da cena, já caracterizados ou em processo de caracterização. Oswaldo tem uma máquina fotográfica.

CENA I

Narrador

Narrador, entra em cena e apresenta os personagens, que já colocaram a direita e esquerda da cena.

NARRADOR

Entrando na cena e posicionando-se a frente da mesa.

Respeitável público, senhoras e senhores, criançada, garotada, todo mundo. Vou apresentar a vocês um cientista e um artista que se encontraram num dia imaginário e tiveram um diálogo inusitado.

apontando o personagem Oswaldo Cruz

Ao meu lado direito, com vocês, o Doutor Oswaldo Cruz. Ele nasceu em São Luiz do Paraitinga, São Paulo, em 1872, antes mesmo da proclamação da República do Brasil. Aos 15 anos de idade ele entrou na Faculdade de Medicina aqui na cidade do Rio de Janeiro, e depois se especializou no Instituto Pasteur de Paris. É apaixonado pela arte da fotografia e pela ciência da medicina experimental e da microbiologia. Retornou ao Brasil e integrou a equipe de Adolfo Lutz e Vital Brasil no combate à peste bubônica. Devido a seus estudos no exterior, assumiu a direção do Instituto Soroterápico Federal, criado em 1900 na fazenda de Manguinhos, e que depois seria rebatizado como Instituto Oswaldo Cruz. Em 1902 assumiu a Direção Geral de Saúde Pública com a missão de combater as três pestes que assombravam o Rio de Janeiro: febre amarela, peste bubônica e varíola. Em 1904, por sua iniciativa, foi aprovada a lei que tornou obrigatória a vacinação contra a varíola. Mas a população se insurgiu contra essa imposição, num episódio histórico hoje conhecido como “Revolta da Vacina”. Posteriormente, Oswaldo deixou esse cargo e se dedicou apenas ao Instituto e à construção do Pavilhão Mourisco, o “Castelo de Manguinhos”, no subúrbio carioca. Por motivos de saúde, em 1916 Oswaldo foi viver em Petrópolis com sua família, sendo nomeado prefeito da cidade. Morreu no ano seguinte, aos 45 anos.

apontando o personagem Palhaço Matraca

Ao meu lado direito, com vocês, o Palhaço Matraca. Esse palhaço é um brincante por natureza, e com seu saxofone espalha encanto e prepara o público para o picadeiro da vida e da arte. É paulista da cidade de Ipaçu, aprendeu os primeiros segredos da Arte da Palhaçaria com o Bispo Kid, seu avô, que foi circense na juventude. Boa parte da sua formação é informal, aprendeu matemática quando estagiou na bilheteria do circo. Diplomacia ele aprende com cada povo que encontra quando gira no mundo, ciência aprende quando resolve planejar alguma engenhoca para

uma cena. Procura todas as informações necessárias para apresentar com generosidade sua arte que geralmente, denuncia com humor as diferenças e desigualdades do local visitado. O palhaço pode ser bobo, mas não é tolo. E a rua pode ser um espaço para encontros, desencontros e reencontros inusitados como este:

O narrador se afasta da cena

CENA II

Palhaço Matraca, Oswaldo Cruz

Palhaço Matraca e Oswaldo Cruz caminham para o centro da cena e se encontram como que inesperadamente

MATRACA: Olha lá! Doutor Oswaldo Cruz. De que tempo e espaço sua pessoa retorna?

OSWALDO: Digamos que estou de passagem na ilusão do tempo e do espaço. Apesar disso, já faz tanto tempo...Acredito que... Deixa para lá. Amigo Palhaço Matraca, já que estamos aqui, que tal tomarmos um café na confeitaria, para compartilharmos nossas histórias e saudades.

Se dirigem para a mesa e se sentam

OSWALDO: Como disse meu amigo Machado de Assis, “a saudade é o passar e o repassar das memórias antigas”. Como uma fotografia que retrata um pouco nossa história de vida.

MATRACA: Também sinto saudade, mas passa rápido quando olho uma nova paisagem.

OSWALDO: Como tudo mudou por aqui Amigo Palhaço. Agora tem metrô, carros muito diferentes e em grande número, vida agitada, tudo azeitado no consumismo desta época de globalização.

MATRACA: É Doutor, a globalização da pobreza, do desrespeito à vida, da lipoaspiração e do individualismo, tudo no mesmo pacote. Mas eu, Palhaço Matraca, levo alegria para a revolução e

como disse meu amigo de fé, meu irmão camarada Che Guevara: “Hay que endurecerse pero sin perder la ternura jamas”

CENA III

Palhaço Matraca, Oswaldo Cruz, Garçon

Entra o Garçon e interrompe o diálogo:

GARÇOM: Boa tarde Senhores, o que desejam degustar?

OSWALDO: Por favor, me traga chá de jasmim e biscoitos de canela.

MATRACA: Como convidado, quero café, suco de laranja, pão na chapa, uma bomba de chocolate, água com gases e palito de dente.

O Garçon anota tudo e sai

CENA IV

Palhaço Matraca, Oswaldo Cruz

MATRACA: Mas como anda no seu lar doce lar? Pela cor dos seus cabelos, estará passando mais tempo no castelo de Manguinhos do que na casa da dona Miloca?

OSWALDO: Claro que não. Continuo amando a ciência mas também me refugio em casa. Agora estou muito dedicado à arte da fotografia. Foi por esse mesmo motivo que fiz questão de manter sempre o registro fotográfico das atividades cotidianas no Instituto.

MATRACA: Nos velhos tempos te chamaria de Doutor Fotógrafo. Mas descobri que na verdade tu és um tremendo Paparazzo de insetos e bactérias da vida cotidiana.

OSWALDO: Ando me dedicando à arte, tenho até uma câmera digital. Procuro captar os melhores lances da vida, uma forma de perpetuar a própria história com os olhos.

MATRACA: Feliz é o amigo que tem uma arte para se dedicar, pois triste é viver na solidão. Mas, noto que não mudou alguns hábitos duvidosos, como usar sebo na ponta do bigode.

OSWALDO: Algumas coisas mudaram, não ando mais de fraque e cartola, entretanto conservo com minha pomada Hongroise, meu bigode à chomberga.

CENA V

Palhaço Matraca, Oswaldo Cruz, Garçom

O garçom entra e interrompe, trazendo bandeja com o pedido:

GARÇOM: Senhores, o Chá e o Pingado.

OSWALDO:

Dirigindo-se ao Garçom

Grato, amigo.

O garçom sai

OSWALDO:

Retomando o diálogo com o palhaço

Mas quantas coisas aconteceram desde a primavera sem flores, Amigo Matraca!

MATRACA: Primavera sem flores! Existe isso?

OSWALDO: Sim, Amigo, o momento da reforma urbana e sanitária no início do século XX, que não foi fácil como você sabe. Muitas pessoas foram contra a vacina. Se a liberdade é o dom essencial da vida e o direito fundamental do ser humano, então o que será a vida? Qual a importância dela sem saúde? E a vacina naquele momento era proteção da vida. Eu tinha a hora e o poder para decidir sobre isso. E resolvi agir. Não me arrependo.

MATRACA: Lembro-me bem, estava na Rua do Ouvidor arrumando o cenário para minha apresentação. Foi aí que o Doutor passou correndo, com seu bigode à chomberga, bagunçando meu picadeiro e derrubando o cenário do maior espetáculo de rua: No País Amarelo, com a presença das internacionais irmãs Variola e Bubônica. Depois disso, tive que sair correndo da Policia Médica.

OSWALDO: Naquele momento, fui incumbido pelo Presidente Rodrigues Alves de combater a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. Mas não foi tão fácil assim, pois no momento que um assunto de saúde pública vira uma manobra política pode-se perder o foco. Você sabe, apesar de não existir neutralidade científica, busco enxergar os fatos com clareza.

MATRACA: Eu só sei que não sou Chinês. Mas o Rio de Janeiro ficou conhecido como túmulo dos estrangeiros e de quem habitava a cidade. Depois querem me convencer que plano de saúde e seguro de vida garantem alguma coisa; fala sério.

OSWALDO: Mesmo hoje, mais de cem anos depois, ainda acho que não havia outro caminho a não ser reestruturar a cidade e planejar uma nova política sanitária.

MATRACA: É Doutor! Temos que botar tudo para baixo, com muitos vasos sanitários.

OSWALDO: Realmente, concordo que o “bota abaixo” de Pereira Passos só mudou o espaço geográfico da pobreza. Desalojou problemas de uma área para concentrá-los em outros pontos. Ademais, o aumento da população tornou a situação mais crítica. O povo não entendeu, mas a intenção era das melhores.

MATRACA: Mas amigo, de bem intencionados o inferno está cheio. Essa é a mesma população que sempre pede mais e pede biz quando eu toco a polca Rato, Rato, de Casemiro Rocha e Cláudio Costa. Aquela música que fizeram em homenagem aos seus projetos, conhece?

OSWALDO: E como vou esquecer? O Coral da Fiocruz chegou a gravá-la no século XXI! Além disto, fiquei até bonito na capa da revista Careta. Mas, modéstia a parte, quando a gente sabe o que está fazendo não sente medo de dar a cara para bater.

MATRACA: Verdade. Conheci um criador de ratos, seu nome era Amaral. Um dia me disse que ia dar sua cara a tapa e ampliar seus negócios, meses depois soube que tinha sido preso, até foi notícia de jornal.

OSWALDO: Foi sim, amigo! O caos foi tanto que o governo comprava os ratos da população para conter a epidemia. Entretanto, além de criar ratos, o gatuno os apanhava em outra cidade, alegando que eram cariocas, procriados, nascidos e registrados no Distrito Federal. Porém, Amigo Palhaço, o difícil foi combater a varíola, aí a primavera realmente ficou sem flores...

MATRACA: Olha Doutor, melhor a gente parar com essa prosa de primavera com flor ou sem flor. Já ouvi falar dessas coisas de efeito estufa, poesia, mas primavera tem flor e pronto. E no Rio de Janeiro até inverno tem flor.

OSWALDO: Hoje, passado todo esse século, tenho consciência que deveria ocorrer junto com a vacinação um trabalho de informação em saúde. Mas na época nem cogitei, pois não haveria tempo hábil. Há momentos que a vida não pode esperar.

MATRACA: A vida de quem?

OSWALDO: Sei que não justifica qualquer forma de autoritarismo, mas em 1904 já tínhamos notificado 3 mil e 500 mortes em virtude da epidemia da varíola. Não havia outra solução. Depois que vacinamos a população, só aconteceram 9 mortes. Tava certo ou não? A história é quem me julga.

MATRACA: Doutor sempre há solução, quando se abre o coração. Não precisava ter obrigado tanto as pessoas.

OSWALDO: Amigo Palhaço, foram dias sem flores, não parei de trabalhar e nem me refugiei em outra cidade, como alguns fizeram. Cheguei a pensar que fosse morrer...

MATRACA: Um dia vai acontecer e geralmente é com flores. Depois daquela correria, no mesmo dia encontrei sua cartola caída com um bilhete dizendo: Morreu pelo bem do povo, a 10 de novembro de 1904. Tentei devolver mas surrupiaram na mesma hora. Suspeita-se que exista uma quadrilha de cartolas na cidade.

OSWALDO: Palhaço Matraca, foi uma guerra, tiros, gritos, vaias, trânsito parado, estabelecimentos fechados, bondes queimados, árvores derrubadas, uma total desordem. Não dá para ser romântico assim...

MATRACA: A operação limpeza trouxe ordem e cerca de 1000 detidos, dentre esses eu e 460 deportados. Mas fui solto depois de três apresentações que fiz para os trutas detidos, muitos meus amigos. Pois riso de todo mundo é igual, não tem bandido nem mocinho.

OSWALDO: O que doeu amigo Palhaço, foi que os deportados eram em sua maioria opositores do governo.

MATRACA: Pelo que ouvi falar, acho que doeu mais neles.

OSWALDO: Apesar do ocorrido, no ano seguinte, comecei a construção do Castelo de Manguinhos e fui viajar por 30 portos, em 111 dias. Digamos que, naquele momento, troquei o jaleco branco dos cientistas pelo azul dos técnicos.

MATRACA: Tava de férias?

OSWALDO: Também, mas fui reavaliar as estratégias que adotaria nos próximos projetos. Naquela época esses “cientistas sociais” já estavam se infiltrando na Organização Panamericana da Saúde, incluindo os antropólogos. Eles estão quase nos convencendo da

importância das Ciências Sociais para pensar na coletividade em termos de consciência sobre a saúde.

MATRACA: É Doutor! Posso afirmar que o povo tem seu próprio conhecimento e está mais ativo do que os intelectuais cerebrudos.

OSWALDO: Amigo, por isso que temos que aprender a rir dos nossos erros e saber que nada sabemos.

MATRACA: É mole? Passa tanto tempo estudando para falar que não sabe de nada... Já que é assim, vire palhaço!

OSWALDO: Será amigo? Não tenho essa certeza. O mundo dos palhaços é um mundo que parece exagerado, intenso e abstrato. Mas também expressa a verdade na alegria e no riso.

MATRACA: O melhor mesmo é brincar com tudo Dr. Paparazzo. Rindo a gente afina a lábia e o pensamento. Mas, se não sabe brincar não desça para o play.

OSWALDO: Que seja isso amigo Palhaço. Mas naquele momento não havia espaço para sorrir, muito menos para rir. Ao menos agora, que tudo passou...

MATRACA: O gigante cantor Nelson Ned disse, mas tudo passa, tudo passará, sendo assim até meu terno vou passar.

OSWALDO: É, amigo, esta vida tem seus mistérios. Após tudo isso, liderei a expedição em 1910 para Belém, região onde se construiu a ferrovia Madeira-Mamoré. Até enfrentei desafios diferentes, mas quando avançamos no caminho – seja por ousadia, temeridade ou falta de escolhas, passamos a enxergar a vida com outras lentes.

MATRACA: Gostei disso, onde vende estas lentes?

OSWALDO: Meu amigo, isto já não é o tempo presente, muitas coisas mudaram e fico muito gratificado em poder ver a fundação que leva o meu nome trabalhar sem descanso para a saúde pública. E todas as doses de vacina contra a varíola que protegeram os brasileiros foram produzidas nesse meu querido Instituto.

MATRACA: Vamos comemorar, que tal uma festa dionisíaca no Castelo?

OSWALDO: O castelo foi projetado para fazer ciência com arte. E acertamos, pois por ser um enorme objeto de arte, nosso castelo sobrevive hoje e é um de nossos legados, com muito orgulho, para as atuais gerações de brasileiros, tanto cientistas como artistas. Porque você sabe Palhaço, todos podem ser artistas, todos podem ser cientistas. Basta olhar o mundo com curiosidade, intuição e encantamento.

MATRACA: É Doutor, todo espírito sério tem um palhaço...que tal promovermos a Dialogia do Ris© na saúde?!

OSWALDO: Hoje a varíola já foi erradicada do mundo com a estratégia da vacinação. É o único exemplo de uma doença erradicada pela ciência e pelas políticas de saúde. Outras também precisariam ser. Apesar da revolta popular continuo achando que se voltasse no tempo eu faria tudo de novo. Entretanto, a incompreensão humana, o preconceito, a intolerância ao próximo, dentre outros fatores, estão destruindo a vida no nosso planeta.

MATRACA: Diz o dito popular, quem cuida da vida alheia da sua não pode cuidar.

OSWALDO: Então, Amigo Palhaço? Qual é o caminho?

MATRACA: O caminho foi dito pelo Profeta Gentileza: Gentileza Gera Gentileza.

OSWALDO: Concordo com você, Amigo Palhaço. E na atual conjuntura, a promoção da saúde com alegria se torna fundamental.

MATRACA: É por isso, Doutor, que saio pelas ruas com a minha palhaçaria, brincando, tocando e encantando.

OSWALDO: Amigo Palhaço, me fale mais sobre esse jeito diferente que você vem inventando para promover diálogo e alegria na rua.

MATRACA: Doutor, a arte me joga na rua. Na rua o riso é nosso....a gargalhada é do saltimbancos, dos moradores e dos que ali passeiam. A alegria, o encanto e a gentileza fazem o maior espetáculo da Terra.

OSWALDO: Palhaço Matraca, você não apenas promove alegria, mas também saúde. Victor Hugo já dizia que o riso é o sol que afugenta o inverno do rosto humano.

MATRACA: É bem por aí Dr. Paparazzo, mas como tudo passa, até uva passa, preciso seguir meu caminho.

OSWALDO: Aonde você vai Palhaço, com esse trocadilho?

MATRACA: Vou por aí. Antes quero lhe dar este vaso cheio de flores do meu Jardim Celeste.

OSWALDO: Muito obrigado! Deixe-me fotografá-lo. Olha o passarinho... Em breve nos encontraremos para lhe entregar o retrato digital.

MATRACA: Manda por email e lembre-se que tudo vale a pena quando a alma não é maisena.

FIM

3. Comentários finais

O texto se propõe a ser encenado por amadores, alunos em escolas, moradores em associações de bairro, qualquer grupo em qualquer lugar que promova educação e saúde. Pode ser adaptado para teatro de bonecos, para vídeo, ou como roteiro para história em quadrinhos ou desenho animado. O objetivo é fortalecer a noção de que artistas e cientistas têm identidades e

complementaridades, que podem ser exploradas para a promoção da saúde. Defendemos a tese de que ciência, arte e alegria podem e devem estar juntos na promoção da saúde, potencializando ações e engajando emoções.

Engajamento e agradecimentos:

Ambos autores trabalharam na concepção e na redação final do artigo. Os autores agradecem Thiago Carvalho e Lucia Helena Ramos (www.estudiopv.com), pela imagem, e Heloisa Helena Siqueira Correia, Eduardo Stotz e Dário Pasche, por sugestões incorporadas no texto após atuação como avaliadores da tese de doutorado.

Capítulo 3

Dialogia do Riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria.

Dialogy of Laughter: a new concept introducing joy for health promotion based on dialogue, laughter, joy and on the art of the clown.

Marcus Vinicius Campos Matraca ¹, Gert Wimmer ², Tania C. de Araújo-Jorge ³

1- Sociólogo, Palhaço, Doutor em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (Ensino de Biociências e Saúde), Instituto Oswaldo Cruz, Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos; www.palhacomatraca.com.br; matraca@ioc.fiocruz.br ;

2- Especialista em Odontologia em Saúde Coletiva-UnB, Especialista em Saúde da Família-Ensp Fiocruz, Coordenador de Saúde da Família da Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil do Estado do Rio de Janeiro; gertwimmer@yahoo.com.br

3- Médica, Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Pós-doutorado em Imunoparasitologia, Pesquisadora Titular do Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos, Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Diretora do Instituto Oswaldo Cruz (2005-2013). www.ioc.fiocruz.br; taniaaj@ioc.fiocruz.br

Artigo aceito para publicação na revista Ciência e Saúde Coletiva, 2010, acessível no link:
http://www.abrasco.org.br/cienciasaudecoletiva/artigos/artigo_int.php?id_artigo=4930

Resumo:

Apresentamos e debatemos a *Dialogia do Riso*, um conceito baseado na prática da educação popular em saúde desenvolvida com alegria. Saúde entendida como um recurso para a vida e não como um objetivo de viver; promoção da saúde como uma reação positiva que leva a uma percepção ampliada, integrada, complexa e inter-setorial: articula ambiente, educação, pessoas, estilo e qualidade de vida. O riso pode então ser incorporado como ferramenta de promoção da saúde, tese que defendemos. Para isso apresentamos considerações sobre o *diálogo*, o *riso*, a *alegria* e o *palhaço*, conceituando a *Dialogia do Riso*. O *diálogo*, fala entre duas ou mais pessoas para entendimento de alguma idéia mediada pela comunicação, é uma metodologia de reflexão conjunta, que visa melhorar a produção de novas idéias e compartilhar significados, essência da comunicação. O *riso* é um fenômeno universal, condicionado a aspectos da cultura, da filosofia, da história e da saúde; é dialógico, porque, através do humor nos deparamos com a comédia e o escárnio que existe por traz de cada riso, um código de comunicação inerente à natureza humana. Arrolamos argumentos para defender a *alegria* como estratégia para a promoção da saúde, e adotamos o *palhaço*, e usamos sua arte como ferramenta educacional que pode ser integrada como tecnologia social. **Palavras chave:** Dialogia do Riso, Promoção da Saúde, Alegria, palhaço

Abstract:

We present and debate on the *Dialogy of Laughter*, a concept based upon the praxis of popular health education performed with joy. Health for us is a resource for life and not a goal on life; health promotion is a positive reaction that leads to an amplified, integrated, complex and inter-sector perception articulating the environment, education, people, life style and quality. Laughter can then be incorporated as a tool in health promotion, the thesis that we defend. For this, we present considerations on *dialogue*, *laughter*, *joy* and the *clown* character giving rise to the concept of *Dialogy of Laughter*. The *dialogue*, a talk between two or more persons for the comprehension of some idea mediated by communication, is a methodology for a joint thought, aiming to produce new ideas and to share meanings, which is the essential of communication. The *laughter* is a universal phenomenon, depending on aspects of culture, philosophy, history and health; it is dialogic, since through mood we face the comedy and the mockery existing from behind of each laughter, a communication code inherent to human nature. Furthermore, we point out and highlight *joy* as a strategy for health promotion and we adopt the *clown*, using its art as an educational tool that can be integrated as a social technology. **Keywords:** Dialogy of laughter, promotion of health, joy, clown

INTRODUÇÃO

Dizia o poeta Vinicius de Moraes¹: *a vida é a arte do encontro, apesar de tanto desencanto e desencontro*. Diversas redes sociais e movimentos virtuais promovem encontros para dialogar e compartilhar experiências no campo da saúde, construindo estratégias e articulando questões referentes à qualidade de vida. Essa prática potencializa virtudes como a solidariedade humana e supera gradualmente o modelo biomédico assistencialista e privatista, para uma efetiva promoção da saúde coletiva. Dentre estas estratégias, observam-se movimentos de valorização do riso no campo da saúde, tendo como principal referência os palhaços de hospital^{2,3}.

O sorriso é a distância mais curta entre duas pessoas, nos afirma a frase de Borge na charge que ilustra o trabalho do Ministério da Saúde sobre Educação Popular⁴. Entretanto, para Valiate e Tozzi³, o riso como ferramenta dialógica é pouco difundido entre os profissionais e usuários dos serviços de saúde. O riso é importante para a construção de vínculos com a população nos serviços de saúde, pois ele desarma, aproxima, quebra barreiras, estimula a capacidade de reflexão.

Temos desenvolvido trabalhos com a arte da palhaçaria promovendo saúde por meio do riso⁵. Práticas realizadas pelo Palhaço Matraca foram documentadas nos curtas metragens *Matraca e o Povo Invisível*⁶ e *Na Pista*⁷, nos quais a palhaçaria subverte e promove uma divertida interação com a população de rua e com profissionais do sexo. Em nossa publicação sobre essas experiências⁵ relatamos que o riso é libertador, subverte e burla a ordem das coisas, para que o espectador adorne-se com a arte de rir da sua própria condição, transmutando assim sua realidade.

Desse modo, o riso ajuda a contrapor a idéia de saúde como simples ausência de doença ou um completo bem-estar, tese defendida inicialmente como conceito universal da saúde pela OMS desde 1946⁸. Em 1986, a Carta de Ottawa⁹ firmou-se como um marco na construção do conceito de Promoção da Saúde. Neste documento, saúde é entendida como um recurso para a vida e não como um objetivo de viver. Desta forma, a Promoção da Saúde para Lefevre¹⁰, é uma reação “positiva” (positivo de positividade e não de positivismo), que conduz para uma percepção ampliada, integrada, complexa, inter-setorial, relacionando saúde com ambiente, educação, pessoas, estilo e qualidade de vida, dentre outros. Neste sentido, o riso é um elemento que pode ser incorporado como ferramenta de Promoção da Saúde, premissa que buscamos sustentar teoricamente neste trabalho.

O Sistema Único de Saúde (SUS) nasce em meados dos anos 70, em meio à consciência revolucionária dos pesquisadores, militantes sociais, políticos, artistas e representantes comunitários. Seus preceitos demonstram a preocupação com uma ética social traduzida pela universalidade, equidade, integralidade, descentralização – municipalização, regionalização – hierarquização e participação popular. Segundo Rodrigues e Santos¹¹, o SUS em menos de duas décadas, transformou-se no maior projeto público de inclusão social do mundo, no qual 110 milhões de pessoas são atendidas por agentes comunitários de saúde em 95% dos municípios do Brasil, e 87 milhões são atendidos por 27 mil equipes de saúde da família por todo o país. A concepção de saúde como direito social encontra-se na Constituição Federal de 1988¹², Art. 196: *“A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”*.

O processo dialógico - ou simplesmente o diálogo - entre o indivíduo e as coletividades é indispensável nos espaços de atuação do SUS, potencializando uma práxis em saúde que não valoriza apenas a manutenção ou recuperação do estado de saúde, posto que este é dinâmico: ao envelhecer não se tem mais nem menos saúde, mas uma saúde diferente. A saúde, portanto, não é ausência de doença e, deste modo, amplia-se o olhar da saúde sobre as condições de vida da população, quando se deseja ir além da prestação de serviços clínico-assistenciais. Neste contexto, nos unimos a Sicoli e Nascimento¹³ na proposição de ações inter-setoriais que envolvam tecnologias educativas e sociais, construídas dialogicamente.

As dimensões éticas e culturais são essenciais para o cuidado da saúde dos indivíduos e dos grupos populacionais. A adoção do universo lúdico como instrumental para a promoção da saúde é uma tecnologia inovadora que está sendo investigada no meio acadêmico, tal como vem ocorrendo com o projeto Saúde e Brincar¹⁴, um programa de atenção integral à criança hospitalizada que, desde 1994, desenvolve atividades lúdicas nas enfermarias e ambulatórios do Instituto Fernandes Figueira/FIOCRUZ. O programa tem caráter interdisciplinar e funciona nas áreas de assistência, ensino e pesquisa, atuando nas enfermarias e nos ambulatórios. Crianças e seus acompanhantes são convidados a brincar, favorecendo as relações entre os usuários e a equipe de saúde.

Dentre centenas de exemplos, encontram-se trabalhos sobre o “capital social” das crianças¹⁵, a prescrição de música para tratamento de ansiedade crônica¹⁶, brincar e aprender¹⁷, saúde de pessoas em situação de rua¹⁸, e o projeto Saúde e Alegria¹⁹. Visto que o campo da saúde é muito

mais amplo do que o da doença, propomos e defendemos neste trabalho o conceito de *Dialogia do Riso* como ferramenta de interação e geração de conhecimento, entendendo que a prática da saúde pode acontecer em qualquer espaço social. Promover saúde com alegria fortalece o exercício da cidadania: compartilhando conhecimento, brincando e harmonizando-se com seu semelhante, pois na “na saúde ou na doença” somos todos um.

INTERLUDE

De início cabe esclarecer que não é a proposta deste artigo – e nem temos a pretensão de – discorrer longamente sobre o surgimento dos conceitos que serão apresentados. Queremos apresentar pontos importantes sobre *o diálogo, o riso, a alegria e o palhaço*, que consideramos essenciais para a reflexão conceitual da *Dialogia do Riso*.

O DIÁLOGO

Segundo o dicionário Houaiss²⁰, a palavra “diálogo” do grego *dialogos*, significa fala entre duas ou mais pessoas na busca do entendimento de alguma idéia mediada pela comunicação, objetivando a solução de problemas e sua harmonia. O diálogo é a essência da comunicação humana, sempre com um *locutor*, que apresenta um tema discursivo, e um *interlocutor*, que percebe, reage, responde e constrói sentidos com o discurso emitido.

O diálogo também pode ser uma atividade de reflexão e observação da experiência vivida. Imaginemos que a práxis dialógica seja um jogo com normas iniciais e sua continuidade dependa apenas dos participantes. Mariotti²¹ ressalta que não devemos confundir normas operacionais com receitas, bem como o uso exagerado de técnicas e métodos com normas operacionais. A temperança que o autor nos apresenta para a prática dialógica é: a) ouvir para aprender algo de novo e não para conferir com crenças prévias; b) respeitar as diferenças e a diversidade; c) refletir sem julgar; d) ter sempre em mente que o objetivo é criar e aprender, e não “ter razão” e sair vencedor. O diálogo é uma metodologia de reflexão conjunta, que visa melhorar a produção de novas idéias e compartilhar significados.

Nesta perspectiva ao afirmarem que “o caminho se faz caminhando” Myles Horton e Paulo Freire²², defendem a construção da práxis dialógica usando como ponto de partida a realidade

observada. Esta práxis deve ser híbrida, agregando diversos olhares e saberes, tendo como bússola metodológica a promoção de encontros e diálogos. Horton afirmou que custou a compreender que não precisava saber, mas sim ter visão, ou apenas deixar as situações se desenvolverem utilizando sempre o conhecimento acumulado e disponível na construção coletiva do saber. Caminhando é possível acreditar na realização de encontros e na construção de uma práxis dialógica em prol da vida humana. Segundo Deleuze²³, o imaginário humano jamais seria capaz de contabilizar as possibilidades geradas pelo encontro.

Segundo Paulo Freire²⁴ o diálogo não impõe, não maneja e não domestica. Portanto através do diálogo cria-se uma importante ferramenta de vínculo, fluxos, sentidos e informações necessárias que colaboram nas ações de promoção da saúde. Esta tarefa não se limita à esfera de poder do Estado, centros de pesquisa, empresas médicas e organizações comunitárias. A práxis da promoção da saúde depende da participação coletiva e de estratégias que envolvam micro-políticas locais, sem perder de vista a necessidade de se manter em rede²⁵. E a geração de encontros facilita a construção compartilhada de conhecimentos no trabalho em saúde²⁶.

Na pedagogia de Paulo Freire o diálogo é abordado como uma ação essencialmente humana, um ato de amor, coragem, liberdade e confiança no próximo. Freire define que o pensamento crítico se constitui a partir do diálogo e molda o conceito de “dialogia”. Na pedagogia do oprimido²⁴, o diálogo apresenta-se como a horizontalização da relação entre A e B, gerando uma matriz crítica e comunicativa. Na relação inversa encontramos a anti-dialogia, onde a relação entre A e B ocorre de forma vertical, gerando o comunicado e não a comunicação. Freire nos afirma que a sustentabilidade da teoria anti-dialógica se alimenta da conquista e dominação do outro, da manutenção e divisão das classes sociais, onde o oprimido é imerso em uma realidade de manipulação e padrões sociais que freiam sua criatividade inibindo a sua expansão. Ele acentuou a necessidade de uma revolução no processo pedagógico para efetivamente rompermos com a educação bancária que forma os seres em série, para pactuarmos com a pedagogia da liberdade, que potencializa a prática da autonomia do ser e do diálogo.

Mikhail Bakhtin^{27,28} defende que a comunicação só existe na reciprocidade do diálogo, sendo fator fundamental na produção comunicativa, ou seja, só é possível com prática. O pensador russo afirma que em primeiro lugar está a linguagem direta, a linguagem patética, a linguagem no sentido próprio, aquela que é utilizada sem distanciamento, sem refração, sem consciência lingüística explícita, utilizada por figuras sólidas como os bufões²⁷. Para Bakhtin, a dialogia ocorre quando a

interação entre os sujeitos favorece a construção coletiva do saber, construindo uma relação horizontal. Em suas palavras: “*O diálogo inconcluso é a única forma adequada de expressão verbal de uma vida autêntica*”²⁸. O indivíduo é percebido como sujeito coletivo que, por intermédio do diálogo, atua no mundo, relacionando suas informações anteriores com suas experiências, dialogando e contextualizando sua realidade com seus pares. Para este artigo adotamos o conceito de *dialogia*, que para o autor russo é tratado enquanto diálogo entre interlocutores através da interação comunicativa.

Neste sentido, a criação de mecanismos de diálogo e encontros favorece a mediação de saberes entre agentes de promoção da saúde e a população. Trabalhados em diálogos coletivos, os saberes científicos e populares sobre saúde e doença se hibridizam e poderão embasar a construção de políticas públicas comprometidas com os direitos sociais e humanos.

O RISO

O riso, um fenômeno universal que desperta interesse por ser transversal e dialógico. Transversal por ser condicionado a aspectos da cultura, da filosofia, da história, da saúde, entre outros. Dialógico porque, ao trilharmos os sentidos do humor, nos deparamos com a comédia e o escárnio que existe por trás de cada riso, um código de comunicação inerente à natureza humana. O riso e o humor são mutantes, assim como os costumes e as correntes de pensamento.

Todos sabem que o ser humano nasce chorando, mas algumas horas após o rito de passagem do nascimento, depois de adormecer e descansar, logo começa a sorrir. Talvez por um instinto natural, ou um código de defesa, que desde a infância o acompanhará na construção da sua história de vida. Mas o que é o riso? Para Alberti²⁹ é um enigma no pensamento ocidental. Encontrar a essência do que nos faz rir despertou o interesse do filósofo Platão, defensor da tese de que quando rimos, experimentamos um falso prazer nos afastando da verdade e do bem.

No clássico *O nome da rosa*, Umberto Eco³⁰ ilustra o riso como o oposto da verdade, um signo da loucura, um ato irracional, segundo a lógica de vigiar e punir. Nesta trama o monge Jorge é o protagonista principal na ocultação do conhecimento e, na sua cegueira e fanatismo, envenena as páginas da segunda parte da poética de Aristóteles, que é justamente dedicada à comédia. Ironicamente todos os que entram em contato com os segredos do cômico falecem. As histórias e ficções são caricaturas das histórias do cotidiano humano, permeado pela manipulação ideológica.

Na compreensão deste processo dialético o riso aparece como uma ferramenta que desarticula o poder, a autoridade e o intocável, pois toda forma de rigidez possui comicidade.

Freqüentemente na sua construção histórica, o riso é provocado por pessoas que apresentam algum estigma ou posição de inferioridade frente ao seu grupo social. Esta teoria é defendida por Tomas Hobbes, tal como descrito em Skinner³¹, destacando que o riso se assemelha ao sarcástico, à soberba, à honra, à uma efêmera sensação de superioridade (*sudden glory*). Quem ri sempre vê o objeto do riso de cima e, por algum padrão, julga o outro inferior. Uma das causas deste tipo de comportamento é o que chamaremos aqui de ideologia da seriedade.

Para Neves³², a “ideologia da seriedade”, como qualquer ideologia, não é ingênua nem seus efeitos são benéficos a todos; impõe um antagonismo absoluto entre seriedade e comicidade, à medida que qualifica positivamente a primeira e desqualifica a segunda, colocando-a em oposição ao saber. Esta mesma ideologia evoca para si o *status* de teoria científica e, portanto, genérica e verdadeira. Enuncia: “O saber sou eu”, mas não nos revela as condições que tornaram possível tal afirmação, não denunciando o controle social do saber, nem seus laços institucionais e políticos. Tal saber atende aos interesses de que forças sociais? Confunde arrogância e sisudez com seriedade e responsabilidade para melhor recalcar o poder libertador e corrosivo que a comicidade traz. Neste contexto o riso e o cômico são manipulados e distribuídos em conceitos como a inconseqüência, a irresponsabilidade, a irrelevância, o revés da seriedade. Mas para o Palhaço russo Karandash³³: “*O riso não é um objetivo, é um meio que leva a idéia até o entendimento*”.

Em sua obra “História do Riso e Escárnio” Georges Minois³⁴ nos diz que *o riso é um caso muito sério para ser deixado apenas nas mãos dos cômicos*. A ideologia da seriedade, que por meio da coação permite que riamos do que é inofensivo ou descontraído, sem mensagem ou negação, elege o humor da moda, apresentado nas mais variadas mídias, para que em seguida nos esqueçamos de quem somos, exercendo de fato, uma opressão sobre as formas mais ou menos veladas de análise e de crítica social.

Vamos destacar também a “ironia”, presente na obra de Reali³⁵ sobre história da filosofia. No pensamento de Friedrich Schlegel, a ironia é central para a indagação do infinito, no qual se chega com a filosofia ou com a arte. Em ambos os campos lidamos com meios finitos e o desafio é encontrar o canal para o infinito com os meios finitos. A “ironia” para autor indica uma *atitude espiritual que tende a superar e a dissolver progressivamente a inadequação em relação à infinitude de todo ato ou fato do espírito humano, e nele tem um papel decisivo como elemento*

“*espirituoso*” ou *brincalhão do humor*³⁵. Assim a ironia se coloca como possibilidade dialética de lidar com a limitação de recursos e capacidades humanas de forma leve, estimulando o riso sobre si mesmo.

A partir da segunda metade do século XIX e início do XX o conceito do riso ganhou forte projeção na produção acadêmica, principalmente no campo da psicologia, com investigações voltadas para a descrição e fisiologia do riso. No mesmo período Henri Bergson³⁶ lança um dos mais completos estudos sobre o riso. Para ele o riso é um fenômeno puramente social e os grupos que partilham este fenômeno necessitam de afeto e celebração, sendo que qualquer movimento de controle social rígido, age negativamente para a sociedade gerando uma reação coercitiva. O riso opera de forma dialética na superação do opressor, atuando no íntimo de cada sujeito coletivo. O autor nos deixa claro que o riso é uma fonte de prazer inesgotável; entretanto é também uma prática de poder, sendo utilizado inclusive para manipulação de pessoas enquanto marionetes, processo este consagrado pela expressão “*pão e circo*”.³⁶

Quase um século depois o conceito volta ao cenário científico e intelectual. Grupos multidisciplinares publicam revistas especializadas, tais como o *Corhum* na França, que edita semestralmente o *Humoresques*³⁷. O periódico *International Journal of Humor Research*³⁸ é publicado trimestralmente nos Estados Unidos, com índice de impacto já apurado em 0,41 e com conteúdo “on line” há oito anos. Todos buscam a compreensão deste fenômeno natural que apesar de tanta investigação, vive um antagonismo em relação ao assunto. O riso está em todos os lugares, nos programas humorísticos, livros de auto-ajuda, blogs virtuais, bem como na vida cotidiana; porém, rimos cada vez menos apesar da chancela científica sobre as vantagens de uma boa gargalhada. Para ilustrar este paradoxo, de acordo com a pesquisa elaborada pela Organização Mundial de Saúde³⁹, diariamente três mil pessoas cometem suicídio no mundo, somando 1,1 milhão de suicidas a cada ano, sendo a depressão um dos fatores pré-disponentes (com o cuidado para não confundir depressão com tristeza: a primeira é um estado patológico que provoca sintomas como desânimo e falta de interesse por qualquer atividade; a segunda é um fenômeno normal que faz parte da vida psicológica de todos, e que não nos impede de reagir com alegria se algum estímulo agradável surgir). Esta pesquisa concluiu que o suicídio não pode continuar sendo um fenômeno-tabu, ou um resultado aceitável de crises pessoais ou sociais, mas sim uma questão de saúde pública.

O suicídio é um reflexo de uma sociedade tolhida de sonhos, uma sociedade rígida, onde assumimos o papel de engrenagem na máquina do capital, os tempos modernos anunciados por Charles Chaplin.

Na comédia *A Vida é Bela*⁴⁰, Roberto Benigni protagoniza o personagem judeu italiano Guido, que na segunda guerra mundial é encaminhado para um campo de concentração junto com seu pequeno filho Josué. Guido é um homem brincalhão, afetuoso, inteligente e com suas brincadeiras consegue burlar a rigidez da ideologia da seriedade. Para proteger e poupar Josué do holocausto nazista Guido cria uma realidade paralela, uma gincana no campo de concentração onde ambos participavam. As regras do jogo para os judeus eram as seguintes: esconder-se, manter-se em silêncio e não pedir por comida, somando assim, um determinado número de pontos para ganhar o prêmio - um tanque de guerra. Em confluência com a poesia desta estória, o psicólogo Viktor Frankl⁴¹ relata que sabia de antemão quem conseguiria sobreviver no campo de concentração, pela simples observação da capacidade de cada um de rir diante daquele horror. Frankl defendia o riso como sinônimo da arte de viver. Nas charges da *Bienal Internacional de Humor*⁴², que expõem trabalhos produzidos para provocar o riso, também há um claro convite à reflexão e tomada de atitude em relação à AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis e políticas públicas.

Para comprovar fisiologicamente que o riso faz bem para a saúde, Beck⁴³ investigou as modulações neuroimunológicas durante e depois dos pacientes terem sido submetidos a programas associados ao riso. Experiências hilárias foram monitoradas para entender o que acontece no corpo, no coração, na musculatura, no cérebro de uma pessoa que ri. Conclui-se que o riso e o bom humor têm efeitos benéficos para a saúde e no final das contas, uma coisa é certa: promove saúde com alegria. Defendemos o ris😊 como ferramenta dialógica, numa postura de pactuação cotidiana frente à vida. A saúde que desejamos trabalha com a idéia de alegria.

A ALEGRIA

Para muitos filósofos a alegria foi considerada uma das paixões da alma, podendo levar qualquer mortal para o “céu e inferno”. Como disse o compositor Caetano Veloso⁴⁴: “*cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é*”. Ferrater Mora⁴⁵ abre sua argumentação sobre esse conceito na seguinte lógica: *a alegria se contrapõe à tristeza porém, não necessariamente à dor, como a tristeza se contrapõe à alegria, mas não necessariamente ao prazer*. Muitos pensadores relacionaram a

alegria como a posse de alguma coisa, um bem material ou sua representação; outros como um êxtase, um relaxamento, um estado ético, o nirvana. Sabemos que a alegria pode ser concebida de maneiras muito distintas e, sendo assim, ficamos com a do poeta¹ que recita: *é melhor ser alegre que ser triste*.

Na obra *As Paixões da Alma*, René Descartes investiga os sentidos das paixões, incluindo a alegria e a tristeza, considerando que há um *bem presente que excita em nós a alegria, e o mal, a tristeza, quando é um bem ou um mal que nos é representado como nosso*⁴⁶. Apesar de estarmos condenados a sentir as memórias e fraquezas da pele, o filósofo alerta que podemos ter controle e domínio, sendo tudo uma questão de método, pois o que é para alma uma paixão, para o corpo é uma ação. Em suas reflexões Descartes define a tristeza como... *um langor desagradável no qual consiste a incomodidade que a alma recebe do mal, ou do defeito que as impressões do cérebro lhe apresenta como lhe pertencendo*⁴⁶. E no corpo age da seguinte forma: *...o pulso é fraco e lento, e sentimos em torno do coração como laços, que apertam, e pedaços de gelo que o gelam e comunica a fragilidade do corpo*⁴⁶ (p. 265). No caso da alegria o autor define como: *...uma agradável emoção da alma, na qual consiste o gozo que ela frui do bem que as impressões do cérebro lhe representam como seu (...); a alegria é uma paixão que chega a alma pela exclusiva ação da alma*⁴⁶... (p. 262). E para a carne: *...o que excitou na alma a paixão da alegria e fez, ao mesmo tempo, com que os orifícios do coração se abrissem mais do que de costume e que os espíritos corressem, abundantemente*⁴⁶... (p. 267). No art. 104 diz: *na alegria não são tantos os nervos do baço, do fígado, do estômago ou dos intestinos que atuam, mas os que existem em todo o corpo, e particularmente aquele que fica em torno do coração*⁴⁶ (p. 266). As reflexões que Descartes realizou no sec. XVI não se distanciam daquelas, apresentadas anteriormente sobre os benefícios do riso e alegria no corpo humano agora já no sec. XXI. No último artigo⁴⁶ (art. 121) da sua tese, Descartes relata que a sabedoria é a senhora de todas as paixões, e que saber manejá-las com destreza é uma arte para suportar a existência; ele conclui que no final o que vale mesmo é tirar uma certa alegria de todas as situações.

Por outro ângulo, alegria foi também um tema do trabalho do filósofo holandês Baruch de Espinosa⁴⁷, um jovem de origem judaica, que desde cedo chamava atenção por seus dotes intelectuais e intuitivos, sendo iniciado precocemente no universo da cabala e filosofia. Seu momento mais difícil na vida, excomungado pela sinagoga, abandonado pela família, polindo e

fabricando lentes para obter sua renda, é o marco da sua generosa produção intelectual. Para o filósofo, o ser humano se relaciona com três formas centrais de paixões que não são boas nem más, são naturais e originais: a alegria, a tristeza e o desejo; as demais derivam desta matriz. Da alegria nascem: o amor, a esperança, a ética, o contentamento; da tristeza: o ódio, a inveja, o orgulho, o medo; no caso do desejo podemos ter as paixões tristes que geram a crueldade, a ambição e a avareza, ou a alegria promovendo a gratidão, a pacificação e a ética⁴⁸. Na proposição XXI da Ética - III, o autor afirma que *aquele que imagina que ama afetado de alegria ou de tristeza será igualmente afetado de alegria ou de tristeza; e ambas essas afeições serão maiores ou menores naquele que ama, conforme o forem na coisa amada*⁴⁸ (p. 196) e, *a alegria não é diretamente má, mas sim boa; a tristeza, pelo contrario é diretamente má*⁴⁸ (p. 257). Espinosa pontua que uma paixão triste nos enfraquece e nos deixa cada vez mais passivos, diferente da paixão alegre que potencializa e fortalece nossa capacidade de agir e ser.

Descartes estava interessado no desenvolvimento ou descoberta de um método racional para o domínio das paixões, ao contrário de Espinosa, que direcionava suas investigações para a compreensão de como viver bem, dando alegria e sentido à existência humana. Apesar de analisarem o mesmo conceito de formas e vivências distintas, ambos concordam que a promoção da alegria melhora a qualidade de vida humana – portanto, a saúde, e suas relações sociais. Segundo Boff⁴⁹, na oração de São Francisco de Assis há a seguinte afirmação: *Onde houver tristeza, que eu leve alegria*. Não estamos falando da alegria fetichista, fruto de uma sociedade individualista que vende a mercadoria da moda, o produto sintético, o botox envolto por vícios e paixões que iludem o ser humano na roda do consumo e do descarte, mas da alegria criativa, do compartilhamento, da construção coletiva, dos esportes, da cultura, das artes, das relações, enfim, das paixões alegres.

Uma das marcas da alegria é seu caráter totalitário, do tudo ou nada onde, não há alegria senão total ou nula, pois o seu êxtase é geral permitindo o ser humano ficar alegre pelo simples fato de ser. Clemente Rosset⁵⁰, fala da “alegria com todas as alegrias” que *não se distingue, de modo algum, da alegria de viver, do simples prazer de existir*⁵⁰ (p. 18). Para ele, *a alegria de viver consiste em uma comoção à vida, pela qual ela renuncia a qualquer pretensão de duração, em contrapartida das alegrias efêmeras que pode obter da existência*⁵⁰ (p.19). Mesma alegria que Paulo Freire relata a Moacir Gadotti⁵¹, quando nos seus 67 anos de idade, continuava engajado numa

pedagogia boêmia, tropical, uma pedagogia do riso, da pergunta, da curiosidade, uma pedagogia da alegria, do amanhã pelo hoje, focada na promoção de encontros e diálogos.

Um exemplo prático do que falamos é o projeto Saúde e Alegria¹⁹, que atua no baixo Amazonas desde 1987, em comunidades extrativistas dos rios Amazonas, Tapajós e Arapiuns, localizadas na zona rural do município de Santarém e agregados. Sua equipe interdisciplinar pesquisa e aplica tecnologias sociais⁵². Partindo da realidade local, das necessidades mais prementes, e da contrapartida dos “mocorongos”, buscam-se soluções simples e adaptadas que tragam benefícios à população e sirvam como referências de tecnologias sociais apropriadas, demonstrativas e replicáveis, sobretudo através das políticas públicas. Quem nasce em Santarém é “mocorongo”, palavra indígena que significa gente humilde e receptiva, bem diferente do sentido pejorativo que toma em outras regiões do país. A escolha do nome foi proposital, valorizando seu sentido original, sendo sinônimo de desenvolvimento, educação e participação comunitária. O projeto utiliza a linguagem circense para envolver todos os segmentos e faixas etárias, lideranças comunitárias, produtores rurais, agentes de saúde, parteiras tradicionais, mulheres, professores, jovens e crianças, capacitando-os como multiplicadores e estimulando a auto-gestão.

Partindo desta discussão, propomos mais ações promotoras de saúde, que trabalhem com a arte, ciência e cultura para o exercício do diálogo. Desejamos compartilhar com nossos interlocutores saberes e novas experiências para a construção de uma agenda política propositiva, embasada na ética da alegria, na participação autônoma, crítica e coletiva para o fortalecimento do Sistema Único de Saúde. Nesta lógica, acreditando que não há saúde sem celebração e manifestação de identidades culturais, o Coletivo Humaniza SUS/MS⁵³ promoveu o espaço cultural na 13ª Conferência Nacional de Saúde em 2007, com objetivo de promover momentos de reflexão, diálogo e alegria. Portanto, a *Dialogia do Riso* é um conceito plenamente aplicável à Política de Humanização do SUS⁵³, assim como as tecnologias educacionais e sociais associadas a esse conceito.

E O PALHAÇO O QUE É?

Para Lecoc⁵⁴ é uma profissão de fé, uma tomada de posição perante a sociedade, um estado de aceitação, é mostrar-se tal como realmente é. Sentimos um vivo interesse naquilo que o Palhaço não sabe fazer ou não faz direito, lá onde seus estigmas são ridicularizados. Sua indumentária potencializa o imaginário coletivo sobre o que tenta esconder. Quem nunca riu dos seus sapatos? São grandes por que não teve dinheiro para comprar o seu número; Quem nunca riu do nariz? É vermelho por que toda hora se esfrega para esquentar do frio, da cachaça ou da poeira. Quem nunca riu dos seus adereços? Chapéu furado, calça remendada ou cueca rasgada. E quem nunca chorou quando o Palhaço é maltratado, segregado ou perde sua bailarina? Estamos falando do nariz vermelho, um código de libertação do espírito.

Na sua longa tradição, os trabalhadores da milenar arte da palhaçaria são conhecidos em diversos grupos sociais do planeta, tais como Hotxué (índios Krahô/ Brasil), Vidusaka (Índia) , Bufão (Itália), Danga (Egito), dentre tantos nomes e projeções personificados ao longo da sua construção histórica. No ocidente este profissional é conhecido também como “clown” (palavra inglesa) que quer dizer rústico, rude, torpe, quem com artificiosa torpeza faz o público rir. Palhaço vem do italiano paglia (palha), material usado no revestimento de colchões e sua indumentária era um tecido listrado e grosso, afogado com palha nas partes mais salientes do corpo, fazendo do cômico um verdadeiro colchão ambulante⁵⁵. Existem grupos como o Lume⁵⁶ e o Grupo Tempo⁵⁷, que realizam pesquisas sobre a diferença prática e conceitual entre o clown e o palhaço. Em nossas investigações optamos por trabalhar com o Palhaço, tão popular na cultura brasileira^{5,6,7}.

Os palhaços estão em todos os lugares denunciando os mandos e desmandos de qualquer regime totalitário, como o Bobo da Corte, um paradoxo no contexto social, pois se trata de um ser grotesco, muitas vezes com deformações físicas, mas alguém que fala verdades como falou o Zaratrústra de Nietzsche⁵⁸: *uma luz se acendeu para mim, não é ao povo que deve falar Zaratrústra, mas a companheiros! Não deve Zaratrústra tornar-se pastor e cão de um rebanho*. Verdades que não podem ser ditas por qualquer mortal, mas por alguém que possua uma subjetividade descentrada, que não tenha pátria, seja digno de riso e repulsa, alguém estranho à corte.

O Bobo da Corte, como não faz parte da aristocracia e nem mais do seu grupo de origem social, vive como um coringa dentro da estrutura. No baralho o coringa pode entrar em quase todos os jogos, pode ocupar quase todas as posições desde que não rompa a hierarquia, na qual não se

situa, mas faz parte. Pode ser descartado do jogo a qualquer momento sem impedir sua continuidade; porém, é de extrema importância quando se faz presente. Para Neves³² o *Bobo da corte é um louco guerreiro lúcido palhaço, inesperado e alegre, amoral porque exhibe a moralidade, integrado e outsider, crítico e bajulador, subversivo e enquadrado, irônico e reformador, sem estirpe e vivendo em palácios* (p. 40). Como está solto, o Palhaço não porta o sectarismo social podendo denunciar antagonismos e rivalidades mais ou menos veladas, mas latentes, na vida dos palácios. Apesar de muitos Palhaços terem sido decapitados neste jogo, o ofício sempre teve adeptos, talvez por proporcionar ser ator e co-diretor de um espetáculo que denuncia a cristalização repressiva de qualquer época ou reino.

O Palhaço é um agente secreto social pronto para a revolução, tendo como estratégias o riso e a alegria. Sua história é a de um herói às avessas que, de forma criativa, encontra sempre soluções para sua arte, indo onde o povo está, de vila em vila, de cidade em cidade, de reino em reino, estando disponível ao encontro e aprendizado da cultura com a qual entra em contato. Sua matéria básica para criar são os costumes locais, o idioma, como os principais traços folclóricos e culturais, construindo o maior espetáculo da terra, que geralmente denuncia as diferenças e desigualdades do local visitado. Esta é a visão de palhaçaria adotada para este trabalho, identificada por nós também em trabalhos como os de Palhaços Patch Adams (EUA), Hugo Possolo (Brasil) e Léo Bassi (Espanha), dentre outros.

O Palhaço tem a capacidade de inverter o sentido das representações. O cômico ri das suas fraquezas. Transculturando sua realidade, ultrapassa os limites da sua condição social por um instinto de sobrevivência e tira sabiamente proveito da tragédia. *Com seu porte atlético invisível, num topete conversível, ele prepara o sermão, pra tratar do mundo cão, colocando a vida em perigo, por amor à profissão*⁵⁹. O Palhaço é este ser que estremece as barreiras entre sonhos e realidades, desmascarando assim o opressor por meio do riso.

No jogo da palhaçaria temos duas figuras clássicas: o Branco e o Augusto. Para Burnier⁶⁰ o Branco é a elegância, a inteligência, a lucidez, a moral, as divindades indiscutíveis. Eis que em seguida surge o aspecto negativo da questão: o Augusto, a criança que faz sujeira, se revolta ante tanta perfeição, se embেbeda, rola no chão e na alma, numa rebeldia perpétua. Esta dupla pode ser o gordo e o magro, o professor e o aluno, o santo e o demônio, o rico e o pobre, o médico e o paciente, o homem e a mulher, o normal e o patológico, Apolo e Dionísio, como um jogo em que quanto mais autoritária for a intenção, mais o outro se mostrará reticente e desajeitado. Um jogo de verdades e

mentiras como disse Nietzsche⁵⁸: *como aceitar uma verdade cuja enunciação (Palhaço Branco) não se fez acompanhar de nenhuma risada (Palhaço Augusto)?*

No filme *Clowns*, Fellini⁶¹ exalta o Palhaço como uma criatura fantástica, sem pudor, o lado irracional do homem, a parte do instinto, o rebelde a contestar a ordem superior que há em cada um de nós. No documentário, enquanto entrevista e filma os melhores palhaços da Europa, apresenta também um jogo cênico entre o Branco, sempre com o traje mais luxuoso na luta dos figurinos e o Augusto, um tipo único que não muda nem pode mudar de roupa, como o mendigo, o menino de rua ou o esfarrapado. Sua beleza está na total falta de seriedade, incluindo o próprio Diretor, no papel de um pretensioso diretor que com sua equipe, tenta fazer um documentário sobre a relação dos palhaços Branco e Augusto com personagens da vida cotidiana. Questionado se era palhaço, Fellini⁶¹ responde: *...creio que sou um Augusto. Mas também um clown Branco ou, talvez, o diretor do circo. O médico de loucos que, por sua vez, enlouqueceu.*

Larrosa⁶² afirma que o Palhaço é um absurdo, um personagem irreal, claramente fora do lugar. Mas às vezes, por um momento, é a própria estabilidade da situação dialógica, a solidez e seriedade do real cenário que ele denuncia, como o coringa que pode assumir diversas personificações. Um exemplo é o próprio Patch Adams, que em entrevista concedida ao programa *Roda Viva*⁶³ revelou que seu Palhaço é um adulto com Síndrome de Down. Adams relata que *ao envelhecer o portador desta síndrome potencializa o amor incondicional e seu estado brincante. Quem dera se a humanidade vivesse uma fração da inteligência emocional de um Down.*

Patch Adams² riu e questionou os métodos utilizados pela comunidade médica, assim como o Zaratrusta de Nietzsche ante à sociedade. Adams o fez adotando a *Arte da Palhaçaria* na promoção da alegria com saúde. Usou a arte para questionar a estrutura normativa das escolas de medicina norte-americanas, num momento impulsionado pela contra-cultura, movimento de mobilização e contestação política e social dos anos 60. Sua indagação gerou um sonho chamado Instituto *Gesundheit* onde a práxis é baseada na lógica da Humorização (grifo nosso): sua equipe promove saúde na direção da integralidade humana, usando ferramentas como a gentileza, a brincadeira, o encontro, o diálogo, o riso rumo à alegria.

Como Nietzsche⁵⁸ disse que não há fatos eternos e nem verdades absolutas, o Palhaço pode sair das ruas, circos e cortes, para ocupar alguns campos da estrutura social como as ciências, a saúde e as artes. Atualmente no Brasil temos diversas redes que promovem fóruns virtuais sobre o

tema, como o site Pindorama Circus⁶⁴ e encontros internacionais de palhaços como os Anjos do Picadeiro⁶⁵, sendo possível constatar como a arte ocupa diversos espaços e gêneros. No entanto, no campo da saúde os palhaços têm sua predominância nos hospitais, como a trupe baiana Terapêutas do Riso⁶⁶ no complexo das Obras Sociais Irmã Dulce, atingindo mais de mil leitos, levando arte e humanização com alegria, ou Enfermaria do Riso⁶⁷, na qual palhaços atuam em hospitais universitários e de ensino a partir do trabalho de uma escola de teatro.

Estamos falando de uma arte que vai para a rua, para o hospital, para o circo, cooperando pró-ativamente nas mudanças de realidades, como uma pedagogia profana. Não ao contrário de sagrado, mas uma pedagogia do humor que questiona o caráter moral e moralista do discurso pedagógico. Segundo Larrosa⁶², a austeridade dos museus impede o riso contrapondo-se ao que pretende enquanto uma “Cultura” com “C” maiúsculo. O palhaço *polemiza e, entra em contato com o sério, a partir do riso. O riso desmascara uma linguagem canonizada e aceita, que não duvida de si mesma, retira-a de seu lugar, de seus esconderijos, a expõe enquanto idéia cristalizada e não universal, uma casca vazia*⁶² (p. 178). Nossa percepção e a boa receptividade das pessoas a essa arte, nos faz constatar que se trata de uma “linguagem patética”, com forte potencial pedagógico para a construção de tecnologias sociais, que promove encanto, encontro, alegria e, portanto, saúde.

ÚLTIMAS GARGALHADAS

Em nossa investigação, tanto prática como teórica, concluímos que a Arte da Palhaçaria é uma ferramenta para a ***Dialogia do Riso***. Na nobre arte temos o diálogo, o riso, a alegria, e como foi dito, este é apenas um exemplo dos muitos que o conceito de ***Dialogia do Riso*** pode agregar. O saber sobre saúde e alegria evocado e apresentado pelo Palhaço, mobiliza a emoção positiva e sua potencia de transformação, sempre presente na sua figura milenar. Entendendo que saúde é um conceito que se aproxima da alegria, dependendo do contexto em que é reconhecido, este texto tem a intenção de provocar a defesa da construção de mais ações que dialoguem com a população e com os próprios trabalhadores no sentido de gerar as “paixões alegres” de Espinosa. Defendemos aqui que o conceito de saúde hegemônico, centrado na técnica, não só contribuiu para a medicalização da vida como distanciou os profissionais de saúde do conhecimento popular e da alegria.

A partir destas percepções, propomos a construção de um novo paradigma embasado na idéia de que saúde não pode ser vista como algo cristalizado, que é nocivo à saúde por gerar a angústia por nunca ser atingido. Vivemos todos no planeta Terra e seu futuro está totalmente interligado à preservação e sustentabilidade da vida. Compartilhamos a tese de Guattari⁶⁸: não se trata mais de fazer funcionar uma ideologia unívoca, mas sim promover o debate e o encontro para decisões contextualizadas e mutáveis, pois como dizia Chico Science⁶⁹, dando *um passo à frente já não estamos mais no mesmo lugar*.

Propomos, portanto, a ***Dialogia do Riso*** enquanto ferramenta para a formação de vínculos, ao invés da lógica de restrições e obrigações. Como foi descrito no presente artigo, mudanças na prática de vários profissionais estão ocorrendo no Brasil e no mundo. Desejamos Saúde, Alegria e Prosperidade para o SUS, com profissionais disponíveis ao encontro, para efetivamente juntos construirmos uma saúde pública e coletiva, promotora da VIDA com ALEGRIA.

Todos os autores trabalharam na concepção e na redação final do artigo. MVC Matraca foi o autor, e TC Araujo-Jorge foi orientadora, da Tese de Doutorado, que originou este artigo: *Alegria para Saúde: A Arte da Palhaçaria como Proposta de Tecnologia Social Para o Sistema Único de Saúde* (15/5/2009).

Agradecimentos: Os autores agradecem aos Palhaços do mundo, e a Francisco Romão Ferreira, Eduardo Stotz, Dário Pasche e Rosa Mitre, que atuaram como avaliadores na banca de Doutorado de MVCM, por diversas sugestões incorporadas no texto. A pesquisa foi financiada pela Fiocruz/Instituto Oswaldo Cruz e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior- Capes/MEC

Bibliografia:

1) Moraes V, Powell B. Samba da Benção. Em: “Vinicius de Moraes e Odete Lara” faixa 11. Grav. Elenco, 1963,. Disponível em: http://www.viniciusdemoraes.com.br/discografia/sec_discogra_discos.php?id=2

- 2) Adams P, Mylander M. A terapia do amor. 1 ed. Rio de Janeiro: Mondrian. 2002.
- 3) Valiate F, Tozzi, V. A busca da humanização no ambiente hospitalar através dos Especialistas do Riso. COMSAÚDE – 2001. Disponível em:
http://www.projedoradix.com.br/dsp_abstr.asp?fuseaction=10a&id=173
- 4) Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Caderno de Educação Popular e Saúde, pg.134 – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. disponível em:
http://portal.saude.gov.br/portal/saude/Gestor/visualizar_texto.cfm?idtxt=25574
- 5) Campos MV, Araújo-Jorge TC. Palhaçadas, saúde e alegria. In: Massarani L, organizadora, Memórias do Simpósio Ciência e Arte 2006. Rio de Janeiro: Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz; 2007. p. 87-90. [acessado 2010 Jan 06]. disponível em:
http://www.museudavida.fiocruz.br/publique/media/Memorias_Ciencia_e_Arte_2006.pdf
- 6) Matraca MVC. Matraca e o povo invisível. Video-documentário. 2006. [acessado 2010 Jan 06]. disponível em: <http://video.google.com/videoplay?docid=-2615803161554076328>
- 7) Matraca MVC. Na pista. Video-documentário. 2007. [acessado 2010 Jan 06]. disponível em: www.youtube.com/watch?v=Am2r8QGCuHQ
- 8) Segre M, Ferraz C. O conceito de saúde. Rev Saúde Pública 1997; 31(5): 538-42.
- 9) Carta de Ottawa. I Conf Intern sobre Promoção da Saúde, Ottawa, nov1986. [acessado 2010 Jan 06] disponível em: www.opas.org.br/coletiva/carta.cfm?idcarta=15
- 10) Lefevre F. Promoção da Saúde, ou, A negação. Rio de Janeiro: Vieira & Lent; 2004.
- 11) Rodrigues P H, Santos IS. Saúde e Cidadania: Uma visão histórica e comparada do SUS. São Paulo: Ed. Atheneu; 2009.
- 12) Constituição da República Federativa do Brasil, Seção II Da Saúde, Artigo 196, Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>
- 13) Sicoli JL, Nascimento PR. Promoção de Saúde: Concepções, princípios e operacionalização. Interface - Comunic, Saúde, Educ 2003; 7 (12):101-22.
- 14) Projeto Saúde e Brincar, Instituto Fernandes Figueira/Fundação Oswaldo Cruz. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: http://www.iff.fiocruz.br/textos/prog_brincar.htm
- 15) Morrow V. Children's "Social Capital": Implications for health and well-being Health Educ 2004; 104: 211-25.

- 16) Walker J, Boyce-Tilman, J. Music lessons on prescription? The impact of music lessons for children with chronic anxiety problems. *Health Educ* 2002; 102: 172-79.
- 17) Mitre RMA, Gomes R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. *Ciênc Saúde Coletiva* 2007; 12(5):1277-84.
- 18) Garcez-Ghirardi MI, Lopes SR, Barros DD, Galvani D. Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores. *Interface - Comunic, Saúde, Educ* 2003; 9 (18): 601-10.
- 19) Projeto Saúde e Alegria. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.saudeealegria.org.br
- 20) Houaiss A, Villar MS. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- 21) Mariotti H. Diálogo: Um método de reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência *Rev Thot*, 2001; 76: 6-22. Disponível em: www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/dialogo/Diálogo-Metodo-de-Reflexao.pdf
- 22) Horton M, Freire P. Introdução. In: *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Bell B, Gaventa J, Peters J, organizadores. Petrópolis: Vozes; 2003.
- 23) Deleuze G. *Espinoza. Filosofia prática*. São Paulo: Escuta; 2002.
- 24) Freire P. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987.
- 25) Campos MV. *O conceito de prevenção no discurso da Organização Pan Americana da Saúde*. [dissertação]. Campinas (SP): Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas; 2002.
- 26) Stotz EM, Carvalho AP, Acioli S. O processo de construção compartilhada de conhecimento – uma experiência de investigações científicas do ponto de vista popular. In: Vasconcelos EM. organizador. *A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da Rede de Educação Popular e Saúde*. 1 ed. São Paulo: Hucitec; 2001, v.1.: 101-4.
- 27) Bakhtin M. *Teoría y Estética de La novela*. Madrid: Taurus; 1989.
- 28) Bakhtin M. *Estética da criação verbal*. 2ª ed., Trad. M. E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
- 29) Alberti V. *O pensamento e o riso: a transformação do riso em conceito filosófico*. Rio de Janeiro: CPDOC; 2000.
- 30) Eco U. *O nome da rosa*. Nova Fronteira; 2000.
- 31) Skinner Q. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. 1ed São Leopoldo: Unisinos; 2002.

- 32) Neves LFB. Ideologia da seriedade e o paradoxo do coringa: O riso e o cômico. Rev Cultura Vozes, 1974; 68(1): 35-40.
- 33) Palhaço Karandash. [acessado 2010 Jan 06] Disponível em: www.mundoclown.com.br/falouedisse/karandashpalhacorusso
- 34) Minois G. História do riso e do escárnio. São Paulo: UNESP; 2003.
- 35) Reali G. História da Filosofia. Vol. 05. São Paulo: Ed. Paulus; 2005.
- 36) Bergson H. O Riso. Rio de Janeiro: Zahar; 1980.
- 37) Humoresques. [acessado 2010 Jan 06] . Disponível em: <http://pagesperso-orange.fr/corhum.humoresques/>
- 38) International Journal of Humor Research. [acessado 2010 Jan 06] Disponível em: www.hnu.edu/ishs/JournalCenter.htm
- 39) OMS - Día Mundial para la Prevención del Suicidio 10 de septiembre de 2007 . [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/news/statements/2007/s16/es/index.html>
- 40) Benigni R. A Vida é Bela. 1999. Ficha técnica disponível em: http://www.terra.com.br/cinema/comedia/vida_bela.htm
- 41) Frankl VE. Em Busca de Sentido - um psicólogo no campo de concentração. 1984. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: <http://gropius.awardspace.com/ebooks/frankl.pdf>
- 42) Xavier C. Aids é coisa séria! — humor e saúde: análise dos cartuns inscritos na I Bienal Internacional de Humor, 1997 . Hist Ciênc Saúde 2001; 8(1):193-221.
- 43) Berk LS, Felten DL, Tan SA, Bittman BB, Westengard J. Modulation of neuroimmune parameters during the stress of humor-associated mirthful. Altern Ther Health Med 2001; 7(2):62-72, 74-6.
- 44) Veloso C. Totalmente demais ao vivo - Dom de Iludir. Polygram; 1986. 1982 . [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: http://www.caetanoveloso.com.br/sec_busca_obra.php?language=pt_BR&page=1&id=68&f_busca=DOM%20DE%20ILUDIR
- 45) Mora FJ. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Loyola; 2000.
- 46) Descartes R. As paixões da alma. 1ª. ed. São Paulo: Abril Cultural; 1973.
- 47) Chaui M. Convite à filosofia. 1ª. ed. São Paulo: Ática; 1994.

- 48) Espinosa B. Ética III – Da origem e da natureza das afecções. São Paulo; Abril Cultural; 1972.
- 49) Boff L. A oração de São Francisco de Assis – Uma mensagem de paz para o mundo atual. 7° Ed. Sextante. Rio de Janeiro: 1999.
- 50) Rosset C. Alegria: a força maior. Relume Dumará. RJ: 2000.
- 51) Gadotti M. Convite à leitura de Paulo Freire. 2° ed. Scipione. SP: 1991.
- 52) Passoni I. Conhecimento e Cidadania - 1 Tecnologia Social - São Paulo: Instituto de Tecnologia Social – ITS; 2007. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.itsbrasil.org.br/pages/23/CadernoTS2007.pdf
- 53) Pasche DF, Passos E, Barros MEB. A Humanização do SUS como uma política do comum. Interface 2009; 13(supl.1): 491-491.
- 54) Lecoc J. Em busca de seu próprio clown. 1987. Tradução livre de Roberto Mallet. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.grupotempo.com.br/tex_busca.html
- 55) Ruiz R. Hoje tem espetáculos? As origens do circo no Brasil. Rio de Janeiro: INACEM; 1987.
- 56) Grupo Lume - [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.lumeteatro.com.br
- 57) Grupo Tempo - [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.grupotempo.com.br
- 58) Nietzsche F. Vida e Obra - Assim Falou Zarathustra. São Paulo: Nova Cultural; 1999.
- 59) Batone N. Acrobatas Epiléticos; 2005 [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/batone/1077803/>
- 60) Burnier L O. Clown; 2001. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.grupotempo.com.br/tex_burnier.html
- 61) Fellini F. Sobre o clown; 1970. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: http://www.grupotempo.com.br/tex_fellini.html
- 62) Larrosa J. Pedagogia Profana – danças, piruetas e máscaras. 4° Ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2003.
- 63) Programa Roda Viva – TV Cultura – 2007. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: <http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=1092>
- 64) Pindorama Circus - [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.pindoramacircus.arq.br

65) Anjos do Picadeiro - [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em:
<http://www.anjosdopicadeiro.com.br/>

66) Terapêutas do Riso - [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.terapeutasdoriso.com.br

67) Soares ALM. Enfermaria do Riso: experiência interdisciplinar na UNIRIO. In: Alberto Ferreira da Rocha Junior, organizador. Cultura e Extensão Universitária - A Produção de Conhecimento Comprometida com o Desenvolvimento Social. 1ª ed. São João del Rey: Malta Editores Ltda; 2008, pp: 32-41.

68) Guattari F. As três ecologias. Tradução de Maria Cristina Bittencourt. 3ª ed. Campinas: Papyrus; 1991

69) *Chico Science & Nação Zumbi - Afrociberdelia* – Mateus Enter. Gravadora: Chaos/Sony Music - 1996.

Capítulo 4

ABORDAGENS METODOLÓGICAS

4.1. Escolha dos territórios e do público a serem investigados na pesquisa participativa

O referencial teórico desta investigação caminha no campo da transdisciplinaridade e baseia-se nas artes, nas ciências sociais e nas ciências da saúde. As investigações sobre a prática da *Arte da Palhaçaria* não encontram uma única teoria que dê conta de explicá-la, o que nos remete a buscar informações nas diversas áreas do conhecimento. O trabalho de campo utiliza a *Arte da Palhaçaria* como ferramenta na pesquisa participativa, concretizada nos artigos, na narrativa filmica e na oficina “*Saúde, Alegria e Palhaçadas – S.A.P*”.

O foco para população de rua e profissionais do sexo nasce nos picadeiros da rua, com o Palhaço Matraca brincando, tocando seu sax tenor e distribuindo preservativos (camisinhas) para os amigos e amigas. O pesquisador residiu no bairro do Flamengo e no dia a dia observava uma incidência relevante de moradores em situação de rua e profissionais do sexo no seu bairro, no Largo do Machado, no Catete, na Glória e na Lapa, todos localizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Esses bairros conhecidos por fazerem parte da história política do país pois, até a década 60 o Palácio do Catete era a casa oficial do Presidente da República (Juscelino Kubitschek), se localizava entre o Largo do Machado e Glória, mostrando a imponência desses bairros. E o bairro da Lapa, detinha a tradição da boemia, dos sambistas, das profissionais do sexo e dos arcs, construídos para funcionarem como aquedutos nos tempos do Brasil Colonial. No processo de observação, notamos alguns pontos comuns entre esses bairros, como os moradores de rua, ambulantes e profissionais do sexo. O trabalho de campo foi realizado por um cientista social (Marcus Matraca) que utiliza a *Arte da Palhaçaria* como ferramenta na pesquisa participante. Seguimos a proposta dos Argonautas do Pacífico Ocidental (1976), que propõe um novo método para o trabalho de campo onde, o investigador participa diretamente do cotidiano social observado. Nesta obra Malinowski descreve como ocorre o *kula*, sistema circular de trocas, místico e sem noção de posse permanente, que influencia a vida dos nativos das Ilhas Trobriand, localizado nos arquipélagos da Nova Guiné. O etnógrafo publica

em 1922 sua aventura com 75 imagens, apresentando a fotografia como um ferramental necessário para registrar o trabalho de campo.

4.2. O registro de trabalho de campo

Um trabalho de diálogos com populações excluídas dificilmente pode transcorrer com instrumentos convencionais de pesquisa tais como questionários fechados, pranchetas e anotações. Por isso, desde o início, resolvemos utilizar os recursos do registro de imagens e sons, lançando mão de fotografia e filmagem, com a decisão de coletar material para a pesquisa de modo a poder realizar vídeo documentários educativos.

Para a confecção dos vídeos documentários - (1) *Matraca e o Povo Invisível* e (2) *Na Pista-* , o registro do trabalho de campo teve início em dezembro de 2004 e desenvolveu-se até janeiro de 2007. As primeiras imagens foram feitas na lógica de Glauber Rocha (Catarino, 2007): *uma câmera na mão e uma idéia na cabeça* e ironicamente a primeira captação foi realizada no dia do palhaço 10/12/2004. O objetivo era filmar o trabalho de campo do Palhaço Matraca junto ao povo invisível. Neste espírito o trabalho de campo foi realizado quinzenalmente e semanalmente no período de captação de imagens. Foram em média 6 horas por intervenção, com início as 20:00 h e término a 1:00 h da manhã, período que a população de rua ocupa seus territórios, transformando calçadas em pequenas vilas e marquises em casa. Esta primeira etapa foi realizada na solidão, método e êxtase do investigador, que Da Matta (1978) sugere como *Anthropological Blues*.

Os dois documentários expressam a realidade de participantes que são em maioria os oprimidos, os marginalizados, os explorados, os invisíveis. O registro do trabalho de campo foi feito com técnicas qualitativas de investigação tais como, observação participante, entrevistas livres, entrevistas semi-estruturadas, visitas, oficinas de trabalho, fotografias e filmagens. A narrativa fílmica, consolidada nos documentários, é a síntese das representações simbólicas que grupos sociais elaboram sobre si e sobre o universo que fazem parte. Aqui o cenário eleito foi o das ruas da metrópole, com seus reais protagonistas.

A utilização do instrumental da filmagem na pesquisa requer uma reflexão ética e dialógica entre os sujeitos que estão sendo investigados; a estratégia fílmica tem por objetivo dar forma e reflexão ao estudo. O consentimento livre e esclarecido foi registrado oralmente

no próprio processo de filmagem, traduzindo o termo clássico de consentimento num diálogo acordado. Essa opção também nos levou a não submeter tal procedimento ao Comitê de Ética em Pesquisa, pois já subverteria o protocolo regular trabalhado no CEP-Fiocruz. Sabemos que nem tudo pode ser descrito pelas imagens, e na construção de um vídeo documentário vivemos um processo onde o roteiro não corre em trilhos previstos, podendo levar o investigador a lugares não imaginados. A cada saída a campo do palhaço Matraca, o cinegrafista registrava a rua, a população de rua, as profissionais do sexo e o diálogo com o palhaço, procurando observar seu cotidiano e perguntar-lhes sobre sua saúde e seu contato com os serviços de saúde. Nos casos em que menores de idade foram filmados, sempre desfocamos as imagens para preservar suas identidades.

4.3. Pesquisa Participante: os outsiders e a partilha do saber.

Para esta investigação, adotamos a pesquisa participante como referência metodológica. Trata-se de uma investigação social que busca na educação dialógica, garantir a participação coletiva na construção dos saberes. Adotamos como referencial teórico a experiência de Howard Becker (2008), sintetizada em sua dissertação de mestrado *Outsiders* e na experiência latino americana de Carlos Rodrigues Brandão (2006) na *Partilha do Saber*. A escolha destas experiências se deveu à afinidade do pesquisador com a arte e ciência dos autores.

No início dos anos 50, o sociólogo norte americano Howard Becker, tinha sérias intenções em se tornar um grande pianista de jazz. Trabalhava de três a quatro noites por semana como músico profissional nos bares da cidade de Chicago onde, a universidade era considerada por ele, uma espécie de *hobby* (Velho, 1990). Deste *hobby*, nasceu no mesmo período, sua pesquisa de mestrado sobre os músicos de jazz e usuários de maconha (*droga do riso*) da cidade de Chicago. Becker introduz a noção de *outsiders* para categorizar comportamentos que são considerados desviantes pela sociedade dita “normal”.

Em entrevista concedida a Gilberto Velho (1990) para a revista Estudos Históricos, Becker relata que: *comecei minhas pesquisas fazendo minha tese de mestrado sobre os músicos de jazz, que foi tremendamente influenciada pela antropologia social: ir a um lugar, conhecer as pessoas e observar cuidadosamente o que faziam, não só o que diziam (p.30)*. Adotando o método da pesquisa participante, o investigador interagiu com músicos na variedade de situações

que compõe suas vidas de trabalho e lazer, segundo o autor: *a maior parte de minhas observações foi realizada no trabalho e até no palco, enquanto tocávamos. Conversas úteis para meus objetivos ocorriam muitas vezes nos costumeiros “mercados de empregos”, nos escritórios do sindicato local* (p. 93). A primeira edição de *Outsiders* foi publicada em 1963, período que o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão direcionava suas investigações para a educação popular e posteriormente para a pesquisa participante.

Na América Latina, temos um marco na pesquisa participante com as experiências pioneiras de Orlando Fals Borda (Colômbia) e Paulo Freire (Brasil). Segundo Brandão (2006): *essa tradição da pesquisa participante somente pode ser compreendida em suas origens e em sua atualidade, quando referenciada aos contextos sociais e políticos dos tempos de suas instaurações na América Latina, entre os anos 70 e 80*. Uma característica da pesquisa participante Latino Americana é sua vinculação histórica com os movimentos sociais populares e com seus projetos de transformação social emancipatória.

Outsiders

Para Becker (2008): *todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriadas, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando a regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider* (p. 15). O *outsider* é aquele que desvia das regras e valores impostos por uma determinada estrutura social. Sua ação é vista como uma distorção da normalidade sistêmica, um desvio, uma ação patológica, uma infração.

Essa estrutura já era prenunciada por Durkheim (1973) como sendo um grande organismo social, com dois estados principais: o *normal* e o *patológico*. O normal é aquele fato que não fere os valores e regras de um determinado grupo; o patológico é quando se está fora da regra social e da moral vigente. O objetivo principal neste tipo de sociedade é promover a harmonia social consigo mesma e com as demais sociedades. Entretanto, quando alguma anomalia coloca em risco sua tradição, a família, e a propriedade, estamos diante de

um acontecimento de caráter mórbido, uma doença social. Muitos outsiders que vivem neste tipo de sociedade compartilham o desabafo musical do compositor Erasmo Carlos:

vivo condenado a fazer o que não quero, de tão bem comportado às vezes me desespero, se faço alguma coisa sempre alguém vem me dizer, que isso ou aquilo não se deve fazer, restam meus botões, já não sei mais o que é certo, como vou saber o que devo fazer, que culpa tenho eu me diga amigo meu, será que tudo que eu gosto é ilegal é imoral ou engorda?

Neste caso, o remédio contra o desvio é a coerção, a criminalização dos infratores, recuperando a harmonia sistêmica do contexto social em voga.

Becker (2008) cita o famoso dito de W.I. Thomas: *se os homens definem situações como reais, elas são reais em suas conseqüências*. Ou seja, os indivíduos agem com base na sua compreensão de realidade e no que há nela. Compartilhamos a tese do autor, que não é nossa intenção aqui afirmar que atos considerados desviantes pelos outros, são “realmente desviantes”. Entretanto é necessário reconhecer que esta é uma dimensão importante, quando se trata de análise social. Existe uma ambigüidade na conduta do desviante, muitos outsiders estão confortáveis em seus rótulos, criando seus próprios guetos e códigos de conduta, como os músicos de jazz, os usuários de maconha, as profissionais do sexo, os moradores de rua, dentre outros.

Partindo desta premissa, Becker (2008) propõe a seguinte reflexão: *Quem está definindo que tipos de atividades como criminosas e com quais conseqüências?* Pesquisadores que trabalham nessa tradição não aceitam totalmente os dados oficiais como verdadeiros, visto que na sua prática investigativa os resultados são diferentes dos apontados pelos órgãos legitimados. O pianista constatou que os dados oficiais, os dados da polícia, estavam cheios de erros que poderiam levar a resultados bem diferentes, como por exemplo a conduta não criminosa dos muitos criminosos apontados nas estatísticas do sistema oficial.

Outro aspecto importante é a participação do investigador na construção coletiva do saber, nas cenas e cenários da paisagem sociológica observada. Ainda segundo Becker (2008): *Outsiders seguem esse caminho. Nunca pensei que fosse uma abordagem nova. Trata-se antes do que faria um bom sociólogo, seguindo as tradições do ofício. Com isso quero dizer apenas que o terreno que eu e outros mapeamos no campo do desvio ainda está*

*vivo e é capaz de gerar idéias interessantes a serem pesquisadas. Não foi nosso objetivo realizar mais uma investigação sobre o desvio. Mas nos respaldar na aventura sociológica do autor que usou a arte da música como ferramenta na pesquisa participante, bem como a utilização do conceito de *outsiders* que se mistura com a realidade do *Povo Invisível*, registrado em vídeo e texto nesta tese.*

A Partilha do Saber

Na “Pesquisa participante: a partilha do saber”, Brandão (2006) faz *um convite a que usemos, pelo menos para alguns propósitos, pelo menos durante algum tempo, mudar de lugar, mudar de olhar e, se possível mudar de pensar. É um convite feito a várias vozes e segundo vários estilos, para que aprendamos também a não apenas pensar o outro através de nós mesmo - nossas práticas, nossas idéias, nossas posturas e teorias, mas a nos pensarmos a nós mesmos através do outro* (p. 08). Convite impossível de ser recusado quando se trilha os caminhos da pesquisa participante.

Na America Latina a pesquisa participante tem sua raiz na prática das ações sociais, mediada pelo meio acadêmico, terceiro setor e movimentos sociais de base. Apesar das articulações que a pesquisa nos oferece, como podemos confiar numa investigação que se apresenta como participante? Brandão (2006) responde esta pergunta com outra: *de que modo hoje pode, havendo nós chegado ao ponto que chegamos, uma pesquisa social ser útil, verdadeira e proveitosa, sem ser de um modo ou de outro “participante”?* Os artigos da presente Tese não pretendem responder estas questões. Mas expressam em seus resultados e desdobramentos, produtos que vão além das prateleiras da biblioteca.

Para Brandão (2006) a pesquisa participante deve ser compreendida como *um repertório múltiplo e diferenciado de experiências de criação coletiva de conhecimentos destinados a superar a oposição sujeito/objeto no interior de processos que geram saberes e na seqüência das ações que aspiram gerar transformações a partir também desses conhecimentos* (p.13). Estamos falando de um método de cunho pedagógico, que envolve todos os participantes no espírito da solidariedade e na prática dialógica, rompendo gradualmente as relações estáticas como o pesquisador e o pesquisado, o conhecedor e o conhecido, o professor e o aluno, o cientista e o cientificado, dentre tantas duplas que já foram mencionadas nos capítulos anteriores.

Esta corrente metodológica, segundo Brandão (2006), apresenta-se como uma alternativa de “ação participante”, em duas dimensões centrais: a) *os agentes sociais populares são considerados mais do que apenas beneficiários passivos dos efeitos diretos e indiretos da pesquisa e da promoção social decorrente ou a ela associada. Homens e mulheres de comunidades populares são vistos como sujeitos cuja presença ativa e crítica atribui sentido à pesquisa participante* (p. 31); b) *a própria investigação social deve estar integrada em trajetórias de organização popular e, assim, ela deve participar de amplos processos de ação social de uma crescente e irreversível vocação popular* (p. 31). Este tipo de investigação social se torna um forte aliado na produção compartilhada do conhecimento e legitimação das ações populares.

Ainda segundo Brandão (2006), a pesquisa é participante não apenas pela participação de todos no processo investigativo, mas porque *é uma alternativa solidária de criação de conhecimento social, se inscreve e participa de processos relevantes de uma ação social transformadora de vocação popular e emancipatória* (p. 32). Nesta lógica, uma das ferramentas emancipatória adotadas para esta Tese, foi a promoção do riso e da alegria, virtudes que potencializam o espírito solidário.

4.4. Tecnologias Sociais

Segundo o Instituto de Tecnologia Social (2007), ao longo de 2004 foram mapeadas as iniciativas desenvolvidas no Brasil, sendo possível identificar experiências bem sucedidas nas áreas do desenvolvimento local participativo, educativo e sustentável. Foram agremiadas mais de oitenta instituições, entre ONGs, associações comunitárias, universidades, centros de pesquisa e órgãos ministeriais, que dialogavam sobre a formulação do conceito de tecnologia social (TS) que se encontra nos seguintes termos: *conjunto de técnicas e metodologias transformadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas por ela, que representam soluções para a inclusão social e melhoria da qualidade de vida* (p. 29).

As TS são metodologias e técnicas, que envoltas por um processo educativo, têm como compromisso a transformação social, a descoberta das reais necessidades territoriais, a geração de renda e sua sustentabilidade. Foram classificados alguns temas urgentes para ação: *segurança alimentar, geração de trabalho e renda, economia solidária, microcrédito produtivo, meio*

ambiente, agricultura familiar, tecnologia assistiva, reforma agrária, educação, saúde coletiva, moradia popular e promoção da igualdade em relação á raça, ao gênero a as pessoas com deficiência (p. 37). Urgências que podem ser solucionadas, quando agregamos diferentes atores sociais, com pontos de vista distintos que juntos podem gerar soluções mais concreta para as diversas realidades.

Nesta lógica uma travesti, por exemplo, tem mais competência e conhecimento para falar sobre sua realidade, do que um estudo acadêmico ou uma visão de fora, como será exposto nos resultados desta Tese. A dimensão educativa de uma TS se aproxima do método da pesquisa participativa pois valores como a inclusão cidadã, a participação social, a acessibilidade, a sustentabilidade e a promoção da saúde, são conceitos transversais na sistematização de ambas as técnicas.

A participação da sociedade civil na elaboração de políticas públicas e na implementação de projetos que nascem das necessidades e demandas sociais, planejadas, geridas e avaliadas de forma participativa e democrática. E na construção dialógica entre os diferentes atores da sociedade, encontramos as ferramentas necessárias para a formulação e desenvolvimento de políticas sustentáveis.

Capítulo 5

RESULTADOS: EXPERIÊNCIA DO PALHAÇO MATRACA COMO PROMOTOR DA SAÚDE

Este capítulo está no formato híbrido de dois vídeo-documentários e um artigo científico submetido à publicação, no formato da revista eletrônica e impressa RUA, com o seguinte título: *Inovação nas práticas de promoção da saúde por meio da arte da palhaçaria: a dialogia do riso registrada em vídeo-documentários nas experiências de campo*. Relatando o trabalho de campo realizado para confirmar o potencial dialógico da Arte da Palhaçaria para a promoção da saúde, visando à construção de propostas de políticas públicas que promovam saúde com alegria.

Inovação nas práticas de promoção da saúde por meio da arte da palhaçaria: a dialogia do riso registrada em vídeo-documentários nas experiências de campo.

Innovation on health promotion practices through the art of the clown: dialogic of laughter recorded in video documentaries in field work.

Marcus Vinicius Campos Matraca⁴ e Tania C. de Araújo-Jorge⁵

Resumo:

Neste artigo descrevemos e refletimos sobre a construção dos vídeos documentários: “Matraca e o povo invisível” e “Na Pista”, ambos protagonizados pelo Palhaço Matraca nas ruas das cidades do Rio de Janeiro, Niterói, Buenos Aires e Brasília, dialogando e brincando com o povo da rua sobre temas de saúde e vida. Este estudo lança mão da metodologia da pesquisa participante e utiliza a Dialogia do Riso como estratégia para a promoção da saúde com a arte da palhaçaria fora de ambiente hospitalar, diretamente em situações de rua.

Palavras Chave:

promoção da saúde, população de rua, dialogia do riso, alegria, políticas públicas

Abstract:

In this paper we describe and discuss on two video documentaries: “Matraca e o Povo Invisível” and “Na Pista”, both featured by the Clown Matraca on the streets of Rio de Janeiro, Buenos Aires, Niterói and Brasília, cross talking and playing with people of the streets about health and life subjects. This work applies the methodology of participant research and uses the Dialogic of Laughter as strategy for health promotion with the art of the clown directly in street situations, out of the hospital ambience.

Keywords: Street`s people, health promotion, social invisibility, public policies, joy

⁴ Sociólogo, Palhaço e Doutor em Ensino de Biociências e Saúde pela Fundação Oswaldo Cruz -Instituto Oswaldo Cruz, Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos. atualmente é coordenador do projeto PALHASUS. www.palhacomatraca.com.br; matraca@ioc.fiocruz.br ;

⁵ Médica, Doutora em Ciências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com Pós-doutorado em Imunoparasitologia, Pesquisadora Titular do Laboratório de Inovações em Terapias, Ensino e Bioprodutos e atualmente Diretora do Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz. www.ioc.fiocruz.br; taniaaj@ioc.fiocruz.br

Introdução

Neste artigo descrevemos e refletimos sobre o trabalho de campo de um cientista social no papel de Palhaço Matraca, em diálogos sobre temas de saúde e vida diretamente com população de rua, registrado mediante a construção de dois vídeos documentários: “Matraca e o povo invisível” e “Na Pista”. Ao nosso conhecimento esta é a primeira experiência de pesquisa participante por meio da arte da palhaçaria em ações de promoção da saúde fora de ambiente hospitalar, diretamente em situações de rua.

O personagem “Palhaço Matraca” é fruto do dialogo de um pesquisador que passeia no campo da ciência e da arte em suas investigações. Matraca é um brincante por natureza, e desde 2003 está “na pista” com seu saxofone espalhando encanto para o grande picadeiro da vida.



Imagem 04 – Lucia Helena Ramos

Boa parte da sua formação é informal. Aprendeu matemática quando estagiou na bilheteria do circo, diplomacia com cada povo que encontra na pista do mundo, ciência quando resolve planejar alguma engenhoca para o maior espetáculo da terra. Informações, ele busca as necessárias para apresentar com generosidade sua arte que, geralmente, denuncia com humor as diferenças e desigualdades do local visitado. O palhaço pode ser bobo, mas não é tolo.

Adotamos como base conceitual a *Dialogia do Riso* (MATRACA et al., 2009) , baseado na prática da educação popular em saúde desenvolvida com alegria. Como afirmamos neste trabalho,

“ o riso ajuda a contrapor a ideia de saúde como simples ausência de doença ou um completo bem-estar, tese defendida inicialmente como conceito universal da saúde pela OMS desde 1946”.

Assumimos o conceito de Promoção da Saúde firmado em 1986, na Carta de Ottawa, em que saúde é entendida como um recurso para a vida e não como um objetivo de viver. Adotamos a definição de Lefèvre (2004) para Promoção da Saúde, compreendendo-a como uma ferramenta para a percepção ampliada, integrada, complexa e inter-setorial da saúde e da vida, articulando ambiente, educação, recursos humanos, estilo e qualidade de vida. Promoção da Saúde é hoje um eixo estruturante do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil, com política própria formulada e implementada em todo o país. Os preceitos do SUS são universalidade, equidade, integralidade, descentralização –municipalização e regionalização – hierarquização e participação popular. A concepção de saúde como direito social encontra-se na Constituição Federal de 1988, Art. 196: “A saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação”.

Descrevemos o processo de construção dos dois vídeos que fizeram parte da tese de Doutorado “*Alegria Para Saúde: A Arte da Palhaçaria como Proposta de Tecnologia Social no Sistema Único de Saúde*” (Matraca, 2009) na qual geramos conhecimento para responder “Sim” à seguinte pergunta: A arte da palhaçaria tem poder dialógico para comunicar sobre questões de saúde com diferentes públicos?

A pesquisa participante

O trabalho de campo utilizou como método a pesquisa participante, na qual, segundo Brandão (1985), o pesquisador se coloca como sujeito do grupo investigado, e não a serviço do grupo, mas da prática de sua política. Trata-se de uma investigação social de cunho educativo, que busca a plena participação coletiva da comunidade na análise de sua própria realidade. A pesquisa participante possibilita não só a intervenção do pesquisador no processo, como a construção dialógica sobre a realidade social que se investiga.

Dentre todas as fases que o trabalho de campo oferece, sem dúvida a mais importante é a que diz respeito ao reconhecimento do território e pessoas envolvidas na investigação. No entanto este reconhecimento tem algo de peculiar. Não é apenas o investigador que vai a campo, mas sim o Palhaço, um agente secreto social pronto para a revolução, tendo como aliados o riso e a alegria. Na história da palhaçaria este herói às avessas sempre precisou inventar soluções para sua sobrevivência. O Palhaço vai onde o povo está, de cidade em

cidade, de reino em reino, de vila em vila, estando disponível ao encontro e aprendizado da cultura de cada grupo que entra em contato. Adere rapidamente aos costumes locais, ao idioma e aos principais traços folclóricos e culturais para poder apresentar o espetáculo que, geralmente, denuncia as diferenças e desigualdades do local visitado. Esta é a arte da palhaçaria adotada para este trabalho, também compartilhada com o palhaço brasileiro Benjamim de Oliveira, o palhaço norte americano Patch Adams, o palhaço espanhol Leo Bassi e todos os Palhaços de Rua.

Os tempos são outros, mas alguns cuidados éticos com os grupos a serem investigados são indispensáveis na construção de um vídeo, principalmente no campo da documentação científica. Ao invés de utilizar um termo formal de consentimento livre e esclarecido, a ser apresentado, discutido e assinado pelos participantes, optamos por obter esse consentimento diretamente nos registros orais no processo de filmagem, que traduziu os diálogos acordados. Sabemos que nem tudo pode ser descrito pelas imagens, e na construção de um vídeo documentário vivemos um processo onde o roteiro não corre em trilhos previstos, podendo levar o investigador a lugares não imaginados. A cada saída a campo do palhaço Matraca, o cinegrafista registrava a rua, a população de rua, as profissionais do sexo e o diálogo com o palhaço, procurando observar seu cotidiano e perguntar-lhes sobre sua saúde e seu contato com os serviços de saúde.

A preocupação metodológica em apresentar o cenário escolhido de maneira fiel à realidade observada, nos fez refletir sobre os “Argonautas do Pacífico Ocidental” (MALINOWSKI, 1976), trabalho que muda a história da antropologia quando propõe um novo método para o trabalho de campo no qual o etnógrafo participa diretamente do cotidiano social observado. Nesta obra o autor descreve como ocorre o *kula*, sistema circular de trocas, místico e sem noção de posse permanente, que influencia a vida dos nativos das Ilhas Trobriand, localizado nos arquipélagos da Nova Guiné. O etnógrafo publica em 1922 sua aventura com 75 imagens, apresentando a fotografia como um ferramental necessário para registrar o trabalho de campo.

Como a fotografia, o vídeo documentário transita facilmente no campo da antropologia identificado em duas tendências: o rigor etnográfico e a exploração do exótico. Segundo Freire (2005), o primeiro filme classificado como antropológico foi realizado na primavera de 1895 por Félix-Louis Regnault, utilizando uma câmera cronofotográfica de E.J.

Masrey, onde se registrou imagens de uma mulher africana *Wolof* confeccionando objetos em argila, apresentado na *Exposition Ethnographique de l'Afrique Occidentale* em Paris. Como fatos históricos reservam diferentes perspectivas daqueles que os reconstituem, alguns atribuem o privilégio do primeiro registro visual antropológico para T. A. Edison pelo documentário *Indian war council e Sioux ghost dance*. Entretanto os registros foram realizados em 1894 no Studio Black Maria no subúrbio de Nova York, com uma pobre reconstituição cenográfica do *habitat* dos índios Sioux.

A utilização do instrumental da filmagem na pesquisa requer uma reflexão dialógica com os sujeitos que estão sendo investigados. Para Serafim (2007) é muito complexo apreender e devolver ao espectador os sentidos e estados mentais dos atores sociais fotografados ou filmados.

Descrição e processo de construção dos dois documentários

Documentário 1: “Matraca e o Povo Invisível”



Imagem 05 – Matraca e o Povo Invisível

Um trabalho de diálogos com populações excluídas dificilmente pode transcorrer com instrumentos convencionais de pesquisa tais como questionários fechados, pranchetas e anotações. Por isso, desde o início, resolvemos utilizar os recursos do registro de imagens e sons, lançando mão de fotografia e filmagem, com a decisão de coletar material para a pesquisa de modo a poder realizar vídeo-documentários. O objetivo deste vídeo-documentário específico é

apresentar as diversas ferramentas adotadas pelo investigador na execução da pesquisa participativa, como a palhaçaria, a música, a *Dialogia do Riso* potencializando encontros com alegria.

Os conceitos de promoção da saúde, invisibilidade social, alegria e políticas públicas, foram transversais para todos os participantes. Com humor e alegria, o Palhaço Matraca interliga no documentário o diálogo entre o povo invisível, técnicos de saúde e militantes sociais. A captação de imagem foi realizada em três territórios distintos: Rio de Janeiro, Niterói e Buenos Aires. Os locais de intervenção e observação foram escolhidos com base na experiência pessoal do pesquisador. Ele residiu no bairro do Flamengo e, no dia a dia, observava uma incidência grande de moradores em situação de rua e profissionais do sexo no seu bairro, no Largo do Machado, no Catete, na Glória e na Lapa, todos localizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Esses bairros são conhecidos por fazerem parte da história política do país. Até a década 60 a casa oficial do Presidente da República era o Palácio do Catete, localizado entre o Largo do Machado e Glória, atribuindo imponência histórica a esses bairros. O bairro da Lapa detinha a tradição da boemia, dos sambistas, das profissionais do sexo e dos arcos, construídos para funcionar como aquedutos nos tempos do Brasil Colonial. No processo de observação, notamos alguns pontos comuns entre esses bairros: moradores de rua, ambulantes e profissionais do sexo. Foram convidados a prestar depoimentos e participar do debate profissionais que lidam com essa realidade: Rodrigo Maia, do Centro de Saúde da Cinelândia, médico que acolhe profissionais do sexo, em sua maioria travestis; Marcello Duarte, da ONG Cidade Viva, que trabalha com a diversidade sexual e pessoas que vivem com HIV/AIDS; Jorge Muños, da ONG Nova Pesquisa, que investiga a questão dos moradores em situação de rua; Cida Diogo, deputada estadual (RJ) militante dos direitos da mulher e humanos; Márcia Santana, Coordenadora do programa DST/AIDS da cidade de Niterói; Pablo Aníbal, ex morador de rua em Buenos Aires, vendedor da revista HECHOS na Argentina e OCAS no Brasil.

Para a confecção do documentário o registro do trabalho de campo transcorreu de dezembro de 2004 a março de 2006. As primeiras imagens foram feitas na lógica de *Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça* (Monzani, 2003) e ironicamente a primeira captação foi realizada no Dia do Palhaço, 10/12/2004. O objetivo era filmar a práxis do Palhaço Matraca, que aparece no início do documentário num fim da tarde, andando de metrô e a pé

no centro da cidade do Rio de Janeiro. Neste espírito o trabalho de campo foi realizado quinzenal ou semanalmente no período de captação de imagens. Foram em média 6 horas por intervenção, com início as 20:00 e término a 01:00, período que os povos de rua ocupam seus territórios. A primeira etapa foi realizada na solidão, método e êxtase do investigador, que Da Matta (1978) sugere como Anthropological Blues, sentimento de distanciamento no qual o pesquisador adentra no universo investigado para tentar transformar a diferença em familiaridade e a familiaridade em diferença. Em janeiro de 2006 o SESC de Niterói nos convidou para exibir a prévia de *Matraca e o Povo Invisível*, no dia 29/03 na Mostra sobre Populações de Rua, “Todo o mundo na rua”. Com apoio do Instituto Oswaldo Cruz – Fiocruz e do SESC de Niterói o documentário foi finalizado em maio de 2006.

O roteiro do filme foi dividido em três partes: (1) Apresentação da idéia do pesquisador, sua transformação no Palhaço Matraca e práxis; (2) Moradores de rua das cidades; (3) Profissionais do sexo. Na primeira parte, abordamos o tema da prática da liberdade, que só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de se descobrir e se conquistar como sujeito de sua própria destinação histórica, com alegria, refletindo sobre isso de modo a ampliar sua consciência sobre o tema. O diálogo e o riso são recursos utilizados para potencializar a promoção de encontros baseados na lógica da alegria humana. O universo lúdico como instrumental educativo exerce papel fundamental não só no processo de aprendizagem em saúde, mas na relação do cidadão com o seu meio social.

Na pele do Palhaço Matraca o pesquisador vai a campo sorrir, conversar e brincar com povo invisível, optando pelo período noturno para realizar as investigações das paisagens sociais ocultas à luz do dia. Segundo Cristina Pereira (2003) são os povos da rua que a noite se expressam na diversidade dos profissionais do sexo, dos moradores de rua, dos ambulantes, do povo invisível. Becker (2008) denomina estes grupos como os outsiders: *todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriadas, especificamente algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando a regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider* (p. 15).

O Palhaço pode ser considerado parte do povo invisível, pois não tem nenhum vínculo com qualquer aparência da realidade instituída, e acaba sendo um desvio dentro do sistema social. Além de ser uma figura cômica, no imaginário coletivo o palhaço pode ser o bêbado, o morador de rua, o perdedor, a profissional do sexo e nesta lógica a personagem adere facilmente aos grupos sociais estigmatizados. Uma construção coletiva que se traduz nos versos do trovador de rua Emicida (2009): *Na pista, pela vitória, pelo triunfo, pela conquista, se é pela glória, uso meu trunfo, a rua é nóiz, nóiz, nóiz.*

Na segunda parte do documentário, o foco aponta a população de rua e profissionais do sexo. A abordagem das pessoas pelo Palhaço Matraca se dá através da música, quando ele, brincando, tocando seu sax tenor, conversa e distribui preservativos e flores para os amigos e amigas. A marginalidade do palhaço lhe permite iniciar esse diálogo sem qualquer dificuldade.

Apesar do cenário maravilhoso que a cidade locada oferece, nos deparamos com um abismo social entre a minoria que habita a “casa grande” e a maioria que vive na “senzala”, dentro de um certa “normose” social. Segundo Weil (2003), *normose é um conjunto de normas, conceitos, valores, estereótipos, hábitos de pensar ou agir, que são aprovados por consenso ou pela maioria de uma determinada sociedade e que provocam sofrimento, doença e morte. Em outras palavras, é algo patogênico e letal, executado sem que seus autores e atores tenham consciência de sua patologia* (p. 22). Muitos de nós não concordamos com a condição social dos moradores de rua, mas estamos acostumados a ver e viver neste cenário com calçadas e marquises ocupadas por seres humanos, gerando assim um certo grau de normose e convivência ao sistema de exclusão estabelecido, banalizando nossa potencial indignação frente a tal injustiça e exclusão social.

Apesar do desemprego ser um fator recorrente entre os moradores de rua, não podemos isolar este fenômeno social das demais vulnerabilidades que o processo de desvinculação articula. Para Scorel (2003, p.139) , “ *A população que mora nas ruas é personagem e cenário do drama social das grandes cidades do país. Personagens que narram suas trajetórias de múltiplas, constante e cumulativas desvinculações*”. No documentário Jorge Muños afirma que “o perfil dos moradores de rua é em sua maioria masculina; entretanto nos últimos 15 anos o número, de mulheres e famílias inteiras, aumentou consideravelmente”.

Marcelo Duarte faz a seguinte fala: *Vários municípios, nesse Brasil, aqui no Rio de Janeiro. Quando quer esconder esta população passa com um ônibus e recolhe, deixando*

todo um histórico que carregam para traz, que as vezes é uma sacola, as vezes é num pano enrolado que é o documento, o medicamento, e ali começa uma outra história não conseguindo regatar a anterior. O Projeto Meio-Fio desenvolvido pelos Médicos Sem Fronteiras (2004) no centro da Cidade do Rio de Janeiro, entre 2000 a 2004, oferecia atendimento de saúde e psicossocial à população adulta em situação de rua. Esse trabalho era realizado diariamente por uma equipe multidisciplinar, constatando a existência de operações denominadas pejorativamente de “Cata-Tralhas”, que retiram da população da rua seus pertences, documentos, dinheiro e medicamentos, potencializando a exclusão como ponto de chegada para muitos atores sociais.

A revista OCAS (2006), relatou que o Ministério de Desenvolvimento e Ação Social e Combate à Fome propôs uma pesquisa que quantificaria e qualificaria, na cidade, os cidadãos que sobrevivem sem um teto. O critério para o desenvolvimento da pesquisa era o envolvimento da Secretaria Municipal de Assistência Social do Rio de Janeiro com ONGs que já atuam nesta área. Entretanto a pesquisa não foi realizada pois a prefeitura não aceitou desenvolver a pesquisa em parceria com organizações da sociedade civil. Apesar dos recursos financeiros estarem disponíveis, a normose dos interesses políticos falou mais alto e prevaleceu a omissão diante de um problema de saúde pública. Anti-ação que impossibilitou não só a realização de um diagnóstico mais preciso sobre a situação do povo invisível, mas a possibilidade de legitimar novas políticas públicas.

Fernando Costa (2004), em sua pesquisa participativa como gari na cidade de São Paulo, constatou que a invisibilidade social opera em dois planos: consciente e inconsciente. Quanto mais próximo se está desse sujeito invisível, mais consciência se tem dele e de sua invisibilidade. O resultado, segundo o pesquisador, é que pessoas passam a ser entendidas como coisas, chegando a ser imperceptíveis. Em seu livro “Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social”, Costa escreve que *um homem se alimenta do olhar de outro homem* (p. 216). Estamos falando de um olhar compartilhado entre as pessoas e partir de uma relação horizontal onde: *Sentimo-nos de fato iluminados – alimentados – na experiência intersubjetiva do olhar desembaraçado: ver e sentir-se como quem é visto. O olhar dos outros homens, desamarrado de posições classistas, é força que nos sustenta.* (p. 217).

A Constituição Federal do Brasil, no art. 196 (1988) diz que a *saúde é direito de todos e dever do Estado, garantido mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do*

risco de doença e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para sua promoção, proteção e recuperação. Este direito, não condiz com a realidade dos atores sociais envolvidos no documentário. Em suas conversas o Palhaço Matraca questiona um morador de rua se ele era bem atendido no Centro de Saúde. O Sr. Montes das Oliveiras, como se apresentou para o palhaço responde: *No Souza Aguiar demora sempre por que somos de rua, a gente da rua não tem valor nenhum. Pergunta logo, é da rua? Aí demora a ser atendido. Nós somos ser humano comum, tem que dar o valor comum, do pobre que dorme no chão como o rico.* Um morador que frequenta outro hospital afirma que: *a ultima vez que fui, demorei a ser atendido, fiquei até de madrugada...entrei com a dor e saí com a dor.* Este tipo de situação, segundo Dr. Rodrigo Maia, apresenta claramente o despreparo do profissional da saúde em acolher qualquer tipo de usuário.

Negar acesso ao sistema de saúde é colaborar para a expansão de epidemias como a tuberculose, cuja ocorrência é 60 vezes maior entre os moradores de rua do que na população em geral (ADORNO e VARANDA 2004). Segundo Pablo Aníbal, ex-morador de rua na Argentina, a pneumonia e a tuberculose são comuns entre a população em situação de rua de Buenos Aires, onde o etnógrafo pode vivenciar seu trabalho. Foi apenas uma intervenção para observar um número expressivo de moradores de rua, registrado em fotografia anexada ao documentário.

Apesar do estado caótico, Santos e Lopes (1997) defendem a idéia de uma educação que parta da conflitualidade do conhecimento, ou seja, um processo educativo, onde o conflito sirva, antes de tudo, para vulnerabilizar o sistema hegemônico. O projeto educativo emancipatório, significa produzir imagens desestabilizadoras a partir de um passado de segregação concebido não como fatalidade, mas como produto da iniciativa humana.

Como exemplo temos algumas tecnologias sociais voltadas para a população de rua, o projeto Ocas no Brasil e Hecho na Argentina que estão dando certo. O projeto são revistas (Ocas – Hechos) de baixo custo, porém, com conteúdo estético, artístico, político e cultural de alta qualidade. A partir do momento que o sem teto ingressa no projeto Ocas, ele é encaminhado, caso necessário, a um albergue ou moradia provisória e todos devem obedecer a um código de conduta, que segue impresso em todas as revistas. O objetivo da revista é promover oportunidade de trabalho para melhorar a qualidade da vida. A revista atualmente é vendida por R\$3,00, sendo que R\$2,00 ficam para o vendedor e R\$1,00 para despesas do projeto.

Pela falta de políticas públicas e projetos que promovam a inclusão social, nem todos terão

uma oportunidade de uma mudança de vida, que Pablo Aníbal conquistou trabalhando no projeto em Buenos Aires e nas ruas do Rio de Janeiro. Na rua o cimento corrói as pessoas e segundo Pablo Aníbal, “quando você tem fome cara, são poucas pessoas que chegam perto de você e fala:, ai meu irmão, você está bem? Na honestidade, na rua quando a fome chega são poucas as pessoas que oferecem comida, pergunta se está bem. Mas tem cara que chega e pergunta se tem fome e depois, onde posso pegar um back (drogas)? Isso eu escuto desde criança, por que eles sabem que você está ali e está perto de tudo”. Criar vínculos faz parte do processo da reconstrução social desta população, seja de forma efêmera como na promoção da saúde com alegria pelo Matraca, como por um projeto que reintegre ao cenário dito oficial, ou por um “vira lata”, um cachorro que se torna melhor amigo e protetor, ilustrado entre os protagonistas no documentário. Como diria Ataulfo Alves, o “Filósofo do Samba”: *Quanto mais conheço o Homem, mais eu gosto do meu cão.*

Na última parte do documentário o Palhaço Matraca transita entre outro grupo que habita o universo do *Povo Invisível*, as profissionais do sexo, dividido em duas etapas: 1) Capitação na cidade de Niterói, tendo como protagonista principal uma prostituta; e 2) no Rio de Janeiro, onde as protagonistas foram as travestis e as transgêneros. No Ministério do Trabalho e Emprego (2009) a classificação brasileira de ocupações, numero 5198-05, define o Profissional do sexo, a Garota de programa, a Meretriz, a Messalina, o Michê, a Mulher da vida, a Prostituta, o Trabalhador do sexo, como aquele que oferece programas sexuais. Ainda na definição oficial, “atendem e acompanham clientes; participam de ações educativas no campo da sexualidade, colaborando na construção coletiva de normas e procedimentos que minimizam a vulnerabilidades da profissão”.

Apesar das conquistas dos vários movimentos sociais distribuídos pelo país, o estigma em relação a este grupo é visível nos depoimentos dos atores sociais envolvidos. Estigma, para Goffman (1988) pode se dividir em três tipos: 1) *as variações do corpo e deformidades;* 2) *as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical;* 3) *Tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual os membros de uma família* (p. 14). Os profissionais do sexo aderem facilmente à categorização

de Goffman, por ocuparem também o status de outsiders. Todos os grupos sociais para Becker (2008) *“fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo* (p. 15).

Dentro desta regra de exclusão Goffman (1988) afirma que *“parece ser possível que um indivíduo não consiga viver de acordo com o que foi efetivamente exigido dele e, ainda assim, permanecer relativamente indiferente ao seu fracasso; isolado por sua alienação, protegido por crenças de identidades próprias, ele sente que é um ser humano normal e que nós é que não somos suficientemente humanos. Ele carrega um estigma, mas não parece impressionado ou arrependido em fazê-lo”*. Apesar dos percalços e dificuldades desta milenar profissão, o movimento civil organizado conquistou o reconhecimento das profissionais do sexo, bem como a necessidade de trabalhos voltados para a educação popular em saúde.

Nesta terceira parte, trabalhamos em dois territórios. Em Niterói, o primeiro território trabalhado, a captação de imagens contou com a gentil colaboração de Joubert Fonseca do SESC Niterói e da agente comunitária de saúde Claudinha, do Projeto Boca da Noite. Para a coordenadora do programa municipal de DST/AIDS, o Boca da Noite é um dos principais projetos de prevenção de doenças sexuais entre profissionais do sexo (Homens e Mulheres). Muitos trabalhadores do sexo não vão ao Centro de Saúde, por medo de serem discriminados, entrando assim em campo os agentes de saúde, dialogando e distribuindo preservativos no período noturno, no espaço e contexto utilizado pelos profissionais do sexo. Quando o Palhaço Matraca questiona a Luciana (A Rainha do Sexo) sobre o trabalho noturno, ela responde: *“queria dizer que é muito difícil se prevenir na noite, infelizmente na noite rola de tudo e infelizmente AIDS mata. Eu acredito que o que gera as DST é a violência, não tenham medo de fazer amor, mas faça com segurança, com camisinha”*. Após esta fase, são encaminhados à unidade de saúde, para efetivamente terem um acompanhamento mais assíduo. Márcia Santana, coordenadora do programa municipal de DST/AIDS, alega que o sucesso do projeto está fundamentado na alegria e na solidariedade.

No Rio de Janeiro, as captações de imagens foram realizadas nos bairros da Glória e Lapa. Segundo Junior a definição mais corrente e mais comum de travesti é a daquele ser nascido homem e que se veste e se comporta como mulher, assumindo-se feminino; e um transgênero é um ser “entre gêneros”, seja em questões de identidade, comportamento ou mesmo de uma genitália ao mesmo tempo masculina e feminina. A diferença básica é enquanto a segunda necessita da cirurgia de transgenitalização para se sentir plena, a primeira não necessita e convive de forma pacífica com o órgão genital de origem. Aos olhos de uma sociedade com regras e preconceitos, segundo Goffman (1988), as travestis são percebidas: *como incapazes de usar as oportunidades disponíveis para o progresso nos caminhos aprovados pela sociedade; mostram um desrespeito evidente por seus superiores; falta-lhes moralidade; elas representam defeitos nos esquemas motivacionais da sociedade* (p.155).

Entre as camadas populares, sobretudo nos territórios periféricos da cidade, a forma como o indivíduo vivencia o seu afeto e desejo sexual, determinará como será tratado no cenário social. Essa foi a conclusão da pesquisa de Caetano (2007) intitulada “*Ousadia, desejo e transgressão: as nuances da juventude gay, lésbica, bissexual e transgênero – GLB*”. Sobre esse tema, além de distribuir preservativos, Matraca questiona uma travesti se tem muita violência na rua, e ela responde: *a violência vem dos clientes, a gente sai, não sabe quem é e na hora vira seu inimigo*. A mesma violência levou o Grupo Dignidade (Cavazotti, 2009) a denunciar a morte de 30 travestis e transexuais na cidade de Curitiba e Região Metropolitana. Segundo esse o grupo, nenhum caso foi resolvido e ninguém foi preso, desrespeitando assim o art. 5º da Constituição Federativa do Brasil (1988) onde, *todos os brasileiros são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza*.

Mesmo assim, com a coragem que o instinto de sobrevivência carrega deixando essas pessoas prontas para enfrentamento e afrontamento, este grupo de outsiders intervém sobre seus próprios corpos, ocupando as ruas numa espécie de negação coletiva da ordem social vigente. Segundo Rodrigo Maia, *conhecer os meandros, os detalhes da vida de uma travesti, não tem livro, não tem universidade nenhuma, a gente está descobrindo assim, com eles, acolhendo o melhor possível, respeitando acima de tudo. Esse negócio de dizer, eu aceito, não sei o que, ninguém tem que aceitar nada, o cara é daquele jeito, acabou e ponto final, tem que respeitar e deixar que ele viva a vida dele*.

Apesar da inexistência de programas como o Boca da Noite na cidade do Rio de Janeiro, o documentário mostra no discurso dos usuários um certo grau de satisfação nos serviços de saúde utilizados. O aprendizado para lidar com esse público se constrói na prática de vários profissionais de saúde, que estão disponíveis ao diálogo. Marcelo Duarte fala que: *cabe a cada profissional ter a sensibilidade de perguntar qual o nome quer ser chamado, se de João da Silva ou Jaqueline, e a pessoa vai responder, isso não é lei, mas é uma questão de sensibilidade com o cidadão.*

No documentário a rua também se transforma no cenário para compartilhar conhecimentos relativos à promoção da saúde, brincadeiras e afeto entre o Palhaço Matraca e o Povo Invisível. Procuramos apresentar um fenômeno social que ocorre em todas as partes do planeta. Por trás de cada ator social envolvido na narrativa fílmica se escondem inúmeras histórias de vida e muitos casos curiosos. Estes relatos vêm à tona neste vídeo na narração das peculiaridades e curiosidades deste grupo de outsiders.

Documentário 2: “NA PISTA”

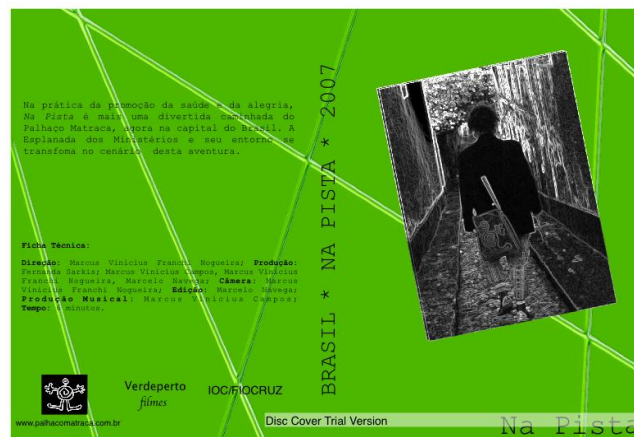


Imagem 06 – Na Pista

Na Pista foi realizado entre os dias 17 e 27 de janeiro de 2007 na cidade de Brasília com apoio do IOC/FIOCRUZ, em parceria com a produtora independente Verdeperto Filmes. Inicia tendo como cenário a Esplanada dos Ministérios e seu entorno, utilizando a mesma metodologia de trabalho do documentário *Matraca e o Povo Invisível*.

O reconhecimento territorial foi realizado em 19 de janeiro de 2008 pelo Palhaço Matraca, caminhando pela esplanada e pelo terminal de ônibus do plano piloto da cidade de

Brasília, detectando um número expressivo de crianças e adolescentes dependentes químicos, que moram ao redor do terminal rodoviário da Asa Sul. O primeiro contato foi realizado no período da manhã, abrindo caminho para a filmagem.

No dia 20 de janeiro foi feita a captação na rampa do Senado brasileiro, com a intervenção da Polícia Federal alegando que qualquer tipo de filmagem só seria possível mediante a autorização prévia. Como a função do Palhaço é subverter a ordem, Matraca conseguiu ler alguns artigos da Constituição Brasileira e tocar o Hino Nacional com seu saxofone, concluindo a primeira parte da captação.

A segunda parte da filmagem foi realizada no dia 21 de janeiro, com os moradores do entorno da rodoviária do Plano Piloto, em sua maioria, menores de idade que também são dependentes químicos. A fim de preservar suas identidades, as imagens foram apresentadas com deformidade no foco. Apesar do forte cheiro de solvente o trabalho foi realizado com tranquilidade pois, segundo Freire (1987) a relação entre a autoridade e a liberdade tem um caráter distinto da natureza como ela se apresenta ao educador de rua, e a figura do palhaço contradiz a autoridade vigente. O encontro foi finalizado com uma *Jam Session* entre o Palhaço Saxofonista e a *Orquestra de Solvente*, formada pelos jovens dependentes químicos, moradores daquele território. A pedido dos integrantes da orquestra e em conjunto com a mesma, Matraca executa o *Hino Internacional do Brasil* (Hino Nacional) em ritmo afro, finalizando com o tema *Escorregando no bagaço da Laranja*, que se tornaria o *hit* do filme.

No documentário fica claro o desrespeito ao direito a infância, outro grupo de outsiders em situação de grande dificuldade pessoal e social, expostas a violência física e sexual, ao uso de drogas lícitas e ilícitas, a exploração do trabalho infantil e a exposição de doenças. Desrespeitando o Art. 7º do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990): *a criança e o adolescente têm direito à proteção da vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.*

A rua novamente é o cenário para registrar e denunciar o descaso sobre um fenômeno social que afeta crianças e adolescentes dependentes químicos, que moram a poucos metros do Congresso Nacional, realidade social que existe em todas as grandes cidades. O mesmo Congresso que ratificou a Declaração dos Direitos da Criança em 1959 onde, no PRINCÍPIO 1º: *A criança gozará todos os direitos enunciados nesta Declaração. Todas as crianças,*

absolutamente sem qualquer exceção, serão credoras destes direitos, sem distinção ou discriminação por motivo de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento ou qualquer outra condição, quer sua ou de sua família. A edição foi concluída no dia 5 de fevereiro 2007, somando um total de 6 minutos de documentário.

Última Cena/Discussão

Os dois vídeos se caracterizam por apresentarem territórios distintos com problemáticas comuns nas ruas das cidades, como a dependência química, os moradores de rua, os profissionais do sexo, menores em situação de rua, os ambulantes, a polícia e os transeuntes. Uma cruel realidade que se multiplica a cada ano e necessita mais iniciativas como as apresentadas pelos nossos debatedores no filme *Matraca e o Povo Invisível*. Mário Quintana (2006) fala que *democracia é dar a todos o mesmo ponto de partida, ficando o ponto de chegada na dependência de cada um* (p.141). Fica clara a real necessidade de políticas públicas para quem delas de fato necessita, potencializando a inclusão e não a exclusão social como ponto de chegada para muitos atores sociais.

Os dados apresentados em ambos os documentários, apontam para a importância do enfrentamento dos processos de exclusão social, vivenciado na prática do Palhaço. Constatamos que a medida que nos abrimos para o diálogo com alegria podemos contribuir para a inclusão social, que será eficaz e terá sentido se respeitarmos os direitos do ser humano com políticas públicas solidárias. Para Caetano (2007): *todo ser humano deverá ter o direito à auto-aceitação, às relações sociais positivas, orientadas pelo respeito, qualificação e acolhimento, à autonomia, à determinação de sua própria vida e realizações, à auto-estima, à razão de viver e ao crescimento pessoal e social. São esses valores que devem orientar todos os libertários, cidadãos, defensores da vida e do sonho*

Vinicius de Moraes (1999) recitou “*era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada*” para seus habitantes. Atores Sociais excluídos de um processo que, para Escorel (1999) se caracteriza não só por uma privação material, mas pela ausência da qualidade de ser cidadão, de ser sujeito e de ser humano. Para muitos filhos da rua, ser cidadão se aproxima mais do aumentativo de cidade do que um direito cívico, onde adultos, adolescentes e crianças são esquecidos e marginalizados na gélida e desgovernada megalópole. Estes seres possuem vários

direitos, como a saúde, a educação e a opção sexual; entretanto não receberam as instruções necessárias para reivindicar o que a Constituição Brasileira garante.

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade. Este é o Artigo 1 da Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948). Neste espírito de fraternidade adotamos a *Arte da Palhaçaria* como ferramenta para investigação participante, aqui compreendida como uma tecnologia pedagógica e social pró-ativa na Promoção da Saúde com Alegria. A relação dialógica entre os movimentos sociais em torno das políticas públicas se torna essencial para o exercício da cidadania, do controle da atuação do Estado, das políticas em desenvolvimento, dos direitos civis e sociais como prática da gestão participativa, um dos princípios do SUS que pode ser confirmado e assegurado com a prática proposta em nosso trabalho.

Agradecimento: Os autores agradecem a todos os envolvidos na construção coletiva dos documentários que proporcionou dar alguma visibilidade ao Povo Invisível.

Bibliografia

ADORNO, Rubens C. F. e VARANDA, Walter. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, 13(1): 23-45. 2004.

ALVES, Ataulfo. Ataulfo tradição. Faixa 9. *O Homem e o Cão*. Polydor 1967. [acessado 2011 Mar 10] Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/ataulfo-alves/ataulfo-tradicao>

BECKER, Harold. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 2008.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Repensando a Pesquisa Participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. [acessado 2010 Dez. 10]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei N. 8069. 1990. . [acessado 2011 Mar 10] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupação CBO*, 2009. [acessado 2010 Jan 06] Disponível em: <http://www.mteco.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

CAETANO, Marcio. *Ousadia, desejo e transgressão: as nuances da juventude gay, lésbica, bissexual e transgênero – GLBT*, 2007. [acessado 2011 Mar 15] Disponível em: http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2491&Itemid=2.

CARTA DE OTTAWA. I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, Ottawa, nov1986. [acessado 2011 Jan 10] disponível em: <http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf>

CAVAZOTTI, Diogo. *Violência contra travestis preocupa ONG*. Revista Ladoa 2009. Edição Online. [acessado 2011 Mar 01] Disponível em: <http://www.revistaladoa.com.br/website/artigo.asp?cod=1592&idi=1&xmoe=84&moe=84&id=10074>

COSTA, Fernando Braga. *Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social*. São Paulo: Globo, 2004.

DA MATTA, Roberto. *O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”* In: Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA. 1959. [acessado 2011 Mar 01]. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/direitodacrianca.htm>

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DOS HOMENS. 1948. [acessado 2011 Fev 01]. Disponível em: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuni-versais/cidh-dudh.html>

EMICIDA. *Pra quem já Mordeu um Cachorro por Comida, até que eu Cheguei Longe... Faixa 23. Triunfo*. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YMJOmIuUwiM>

SCOREL, Sarah. *Vidas ao Leo – Trajetórias de Exclusão Social*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

SCOREL, Sarah. *Vivendo de Teimosos moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2003.

FREIRE, Marcius. *Fronteiras imprecisas: o documentário antropológico entre a exploração do exótico e a representação do outro*. Revista FAMECOS Vol. 03. nº 28 • Porto Alegre dez. 2005 quadrimestral. [acessado 2011 Fev 06] Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/issue/view/40>.

FREIRE, Paulo & Educadores de Rua. *Uma abordagem Crítica*. 2 ed. Editora Lidador. 1987.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988.

LEFÈVRE, Fernando. *Promoção da Saúde, ou, A negação*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw "Prefácio" de Sir James Frazer e "Introdução. Tema, método e objetivos desta pesquisa". In: *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Ed. Abril, Coleção Os Pensadores, 1976.

MATRACA, Marcus Vinicius Campos & Araújo – Jorge , Tania & Wimmer, Gert. *A Dialogia do Riso: Um novo conceito que introduz alegria para promoção da saúde, apoiando-se no dialogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria*. Ciência & Saúde Coletiva, 2009. [acessado 2011 Mar 21] disponível em:

http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/artigo_int.php?id_artigo=4930

MATRACA, Marcus Vinicius Campos. *Alegria para saúde : a arte da palhaçaria como Proposta de Tecnologia Social Para o Sistema Único de Saúde*. Tese (doutorado) – Instituto Oswaldo Cruz, Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde, Rio de Janeiro, 2009.

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. *Projeto Meio Fio*. 2004. [acessado 2011 Mar 22] disponível em: <http://www.msf.org.br/galeriaFotos/92/populacao-de-rua-atendimento-diferenciado/>

MONZANI, Josette. *AXÉ, GLAUBER!* galáxia n.6 out 2003 - 249-254.

MORAES, Vinicius. *Poesia completa e prosa: "Poemas infantis"*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

OCAS – *Saindo das ruas*. N. 42. Fev. 2006.

SERAFIN, José Francisco. *Estratégias fílmicas do documentário antropológico: três estudos de caso*. Doc On-line, n.03, Dezembro 2007. [acessado 2011 Fev 06] Disponível em: www.doc.ubi.pt/03/artigo_jose_francisco_serafim.pdf

PEREIRA, Cristina da Costa. *Povos de Rua*. Rio de Janeiro: Luziletras, 2003.

QUINTANA, Mario. *Caderno H*. Segunda Edição. São Paulo. Globo, 2006.

SANTOS, Lucíola Lucínio & LOPES, José de Souza Miguel. *Globalização, Multiculturalismo e Currículo*. In: MOREIRA, Antônio Flávio B. (org). *Currículo: Questões Atuais*. Campinas: Papyrus, 1997.

WEIL, Pierre. *Normose a patologia da normalidade*. Campinas, SP: Versus Ed. 2003.

Legenda das Figuras

Figura 1: Palhaço Matraca em atividade de rua. Foto de Lucia Helena Ramos.

Figura 2: Capa do DVD: “Matraca e o Povo invisível”: FICHA TÉCNICA: Marcus Vinicius Campos – Direção; Eduardo Reginato e Marcus Vinicius Campos - Roteiro; Eduardo Reginato e Marcus V. F. Nogueira – Câmeras; Marcello Duarte – Produção; Eduardo Reginato e Flávia Cordeiro – Fotografia Still; Marcus Vinicius Campos – Direção Musical; Pedro Duran – Edição; Finalização – Estúdio Mundo Novo – 36 minutos; 2006.

<http://video.google.com/videoplay?docid=-2615803161554076328>

Figura 3: Capa do DVD: “Na pista”. FICHA TÉCNICA: Direção: Marcus Vinicius Franchi Nogueira; Produção: Fernanda Sarkis; Marcus Vinicius Campos, Marcus Vinicius Franchi Nogueira, Marcelo Navega; Edição: Marcelo Navega; Produção Musical: Marcus Vinicius Campos; Finalização Verde Perto Filmes – 6 minutos; 2007.

<http://www.youtube.com/watch?v=Am2r8QGCuHQ>

Capítulo 6

RESULTADOS: ALEGRIA PARA PROMOÇÃO DA SAÚDE COMO POLÍTICA PÚBLICA E TECNOLOGIA SOCIAL PELA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO POPULAR: OFICINA SAÚDE, ALEGRIA E PALHAÇADAS E O PALHASUS.

6.1. - Oficina Saúde, Alegria e Palhaçadas (S.A.P)

A maturidade do homem consiste em recuperar a seriedade com a qual brincava quando era criança.

Friedrich Nietzsche

Nesta seção descrevemos a estrutura da Oficina de sensibilização na arte da palhaçaria “Saúde, alegria e palhaçadas”, que foi aplicada, testada e progressivamente aperfeiçoada em 10 edições, nas seguintes circunstâncias e locais:

1. Curso de Ciência e Arte/IOC/RJ – 2004
2. Curso de Ciência e Arte/IOC/RJ – 2005
3. Curso de Ciência e Arte/IOC/RJ – 2006
4. Curso de Ciência e Arte/IOC/RJ – 2007
5. Curso de Ciência e Arte/IOC/RJ – 2008
6. IV Congresso Internacional de Museus e Centros de Ciência, Expo Interativa/RJ - 2005.
7. Encontro nacional de Odontologia – SESC/RJ – 2006.
8. Encontro estadual de Odontologia – SESC/SP – 2007.
9. Namastê/RJ – 2007.
10. Secretária de Inclusão Social MCT – DF – 2008.

A sistematização dessas avaliações será objeto de desdobramento desta tese em artigo específico. Neste capítulo apresentaremos o conteúdo completo deste trabalho, ainda sem a formatação de artigo a ser submetido a publicação.

6.2 - Oficinas educativas como Tecnologias Sociais

O conceito de Tecnologia Social (TS) é recente, originário dos encontros e diálogos promovidos entre movimentos sociais e o saber acadêmico (Dagnino e cols, 2004). Vem sendo adotado metodologicamente pelas Secretarias de Ciência e Tecnologia para a Inclusão Social do Ministério de Ciência e Tecnologia (MCT) e de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde (MS). Segundo a Rede de Tecnologia Social (www.rts.org.br), uma Tecnologia Social é o conjunto de técnicas e metodologias agregadoras, desenvolvidas e/ou aplicadas na interação com a população e apropriadas por ela, que representam soluções para a inclusão e melhoria das condições de vida.

Nosso laboratório vem desenvolvendo e aperfeiçoando há vários anos Oficinas de Ciência e Arte (Araujo-Jorge e cols. 2006, La Rocque e cols, 2007, Grossman e cols. 2008,), voltadas, num primeiro momento, para a formação continuada de educadores e profissionais de saúde, e gradativamente aplicadas para público mais amplo, em eventos da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (Informe IOC on line, 2006), e em Simpósios educacionais e científicos nacionais e internacionais. Após o debate sobre TS, ocorrido na III Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em 2005, percebemos claramente que essas oficinas poderiam se configurar como tecnologia social, se fossem estreitadas as nossas relações com diferentes públicos e parceiros sociais, e se as oficinas fossem modeladas de modo a poderem ser multiplicadas e apropriadas por grupos sociais interessados em seus conteúdos e resultados. Desde nossa atuação na década de 80, no Espaço Ciência Viva (Bazin e cols, 1987) defendemos que práticas de saúde e de ciência podem acontecer em qualquer espaço social.

Nessas pesquisas, algumas já publicadas como artigos em periódicos indexados (Grossman e cols. 2006, 2008) e outras ainda em textos das teses (Figueira-Oliveira 2006) ou em artigos completos em anais de eventos (La Rocque 2007, Campos e Araújo-Jorge 2007, Figueira-Oliveira e cols. 2007), houve aprofundamento de teoria, bem como sistematização descritiva e analítica da prática referente às oficinas de Ciência e Arte. Identificamos a *Dialogia do Riso* como seu grande elemento articulador. Como o campo da saúde é muito mais amplo do que o da doença, propomos o diálogo como ferramenta de interação e geração de inter-subjetividades, entendendo que promover saúde e alegria fortalece o exercício da cidadania. Neste capítulo apresentamos então a oficina “Saúde, Alegria e Palhaçadas”, desenvolvida com esse objetivo, e

analisamos as percepções de educadores e gestores que vivenciaram essa experiência.

6.3 - Concepção da Oficina “Saúde, Alegria e Palhaçadas - SAP” e procedimentos de estudo.

A ementa da oficina “Saúde, alegria e palhaçadas” identifica seu objetivo: *Procura sensibilizar o público por meio de vivências e brincadeiras, para uma nova proposta de relação com seu meio. Busca concluir os exercícios convergindo para a figura do Palhaço, como uma nova abordagem de mundo, construindo caminho e alternativa de transformação social e humana.*

Os testes de campo foram realizados em dez edições (Tabela 1), de 2005 a 2008, sendo cinco com educadores participantes dos cursos de pós-graduação lato sensu (Atualização e Especialização) e stricto sensu (Mestrado e Doutorado) do IOC e duas com gestores em ciência e tecnologia atuando profissionalmente na Secretaria de Inclusão Social do MCT e três com profissionais de saúde.

O estudo descritivo da oficina se baseou na sistematização e análise dos registros escritos (programa, ementa, estrutura, carga horária, notas de observadores), orais (transcrições de gravações em áudio), fotográficos e em vídeo, feitos nas diferentes edições. De acordo com as Normas da Resolução nº 196, do Conselho Nacional de Saúde de 10 de outubro de 1996, os participantes assinaram termos de consentimento livre e esclarecido, aderindo voluntariamente ao estudo e/ou registraram oralmente essas adesão em vídeo-gravação.

O estudo analítico das percepções dos participantes sobre a oficina foi feito com base (a) em referências diretas e explícitas recolhidas nas fichas de avaliação dos cursos de Ciência e Arte, com perguntas fechadas e abertas sobre o conjunto do curso. Essas fichas são de preenchimento optativo ao final dos cursos e só são identificadas nominalmente se o participante assim o desejar. São entregues diretamente na secretaria acadêmica e arquivadas junto à documentação geral dos cursos; (b) transcrições dos comentários dos participantes gravadas diretamente após a realização da disciplina; (c) questionário específico elaborado para as oficinas de 2008 com outros profissionais. Os comentários e sugestões foram coletados para serem posteriormente submetidos a análise de conteúdo (Minayo 2006; Minayo e Sanches 2007) dos registros de falas e de percepções dos participantes.

O questionário específico aplicado nas edições de 2008 para a avaliação da oficina continha 3 questões objetivas com respostas Sim/Não: (1) Você gostou de participar desta experiência? (2) Esta experiência lhe trouxe alegria? (3) Você acredita que é possível ter saúde sem alegria? O questionário incluía também 5 questões objetivas com respostas em gradação Muito/Médio/Pouco/Nada/ Não sei responder: (4) Você teve alguma dificuldade para realizar este trabalho? (5) Você sente alegria no seu ambiente de trabalho? (6) Para você alegria se relaciona com a saúde? (7) Você se considera uma pessoa alegre? (8) Você acredita que esta oficina pode colaborar para seu bem estar no seu dia a dia de seu trabalho?. Finalmente, além destas questões objetivas, o questionário apresentava quatro questões abertas: (9) Gostou de participar? Porque ? (10) Essa oficina pode te ajudar no seu ambiente de trabalho? Como? (11) Para você, saúde e alegria têm algum vínculo? De que forma? (12) Deixe suas impressões.

6.4 - Descrição da Oficina “Saúde, Alegria e Palhaçadas – SAP e de sua evolução”

A oficina foi concebida como atividade prática para o curso de Ciência e Arte coordenada pelas pesquisadoras do laboratório. Sua edição piloto com educadores foi realizada em 2004, como atividade conjunta do II Simpósio de Ciência, Arte e Cidadania e do curso de Ciência e Arte. Em seguida, já aperfeiçoada, ela foi inserida no programa do curso de 2005 com o título “*Alegria e Saúde*”, como a sétima de 10 aulas presenciais. Na avaliação oral feita pelos alunos ao final do curso, houve opinião unânime de que essa era uma oficina que mobilizava intensamente as emoções dos participantes (Tab. 3), integrava intensamente o grupo, e facilitava as relações dos alunos entre si e deles com a equipe de professores e monitores do curso. Por isso, já em 2006 ela adotou seu título atual “*Saúde, Alegria e Palhaçadas*”, e foi inserida como a terceira das 10 aulas e assim também foi oferecida nas edições de 2007 e 2008.

Tabela 1: Experiência de oferta da Oficina *Saúde Alegria e Palhaçadas* em diferentes contextos e públicos

Edição	Ano	Contexto	Público	Horas de atividades	Número de Participantes
1	2004	Curso IOC de Ciência e Arte -2004	Educadores	4	24
2	2005	Curso IOC de Ciência e Arte - 2005	Educadores	3	26
3	2006	Curso IOC de Ciência e Arte- 2006	Educadores	3	18
4	2007	Curso IOC de Ciência e Arte -2007	Educadores	4	26
5	2008	Curso IOC de Ciência e Arte –2008	Educadores	4	18
6	2005	IV Congresso Internacional de Museus e Centros de Ciência, Expo Interativa/RJ	Participantes do evento	4	12
7	2006	Encontro nacional de Odontologia – SESC/RJ	Dentistas	4	80
8	2007	Encontro nacional de Odontologia – SESC/RJ	Dentistas	4 4	80 80
9	2007	Namastê/RJ	Terapeutas de saúde complementar	4	10
10	2008	Oficina de sensibilização para gestão de pessoas na Secretária de Inclusão Social MCT – DF	Gestores de C&T	4	2 turmas de 20 e 18

A estrutura da oficina também evoluiu: com uma base de 3 horas, ela foi adaptada para 4, dependendo do contexto e da disponibilidade de tempo dos participantes. Música ou silêncio são usados em momentos pré-definidos. Cinco etapas se sucedem: 1- relaxamento, 2- dinâmicas de grupo, 3- brincadeiras, 4- picadeiro, 5- avaliação do trabalho.

Nas Figuras abaixo estão registrados alguns destes momentos, selecionados da coleção de imagens geradas nas oficinas. Destacamos:

A Integração



Imagem 07 – Marcus Vinicius Campos Matraca

O abraço



Imagem 08 – Marcus Vinicius Campos Matraca

O olhar



Imagem 09 – Marcus Vinicius Campos Matraca

O coletivo



Imagem 10 – Fernanda Sarkis

a solidão



Imagem 11 – Marcus Vinicius Campos Matraca

A alegria



Imagem 12 – Fernanda Sarkis

A inovação



Imagem 13 – Fernanda Sarkis

O Desafio



Imagem 14 – Fernanda Sarkis

Nas ultimas edições incorporamos o elemento PICADEIRO, quando estendemos um tapete circular frente a uma cortina vermelha de fundo e no qual os participantes se apresentam já com nariz de palhaço para fazer um numero improvisado na hora, com a ajuda do Palhaço Matraca que atua como mestre de cerimônias naquele circo ambulante.

6.5 - Proposta de formato genérico para a Oficina “Saúde, Alegria e Palhaçadas”:

Por essas considerações, apresentamos a seguir a proposta de formato geral da oficina:

Número de Participantes: 06 - 20 Pessoas

Espaço Para Oficina: Sala ampla, 5 cadeiras, local para colocar a cortina e o tapete-picadeiro

Apoio Técnico: 1 auxiliar

Som: Aparelho de CD ou caixa amplificada.

Duração: 4:00h

Etapas da Oficina:

1. Apresentação;
2. Dança;
3. Circular;
4. Jogos;
5. Brincadeiras;
6. Relaxamento;
7. Picadeiro;
8. Avaliação.

Facilitador: Marcus Vinicius Matraca: Palhaço, Músico e Sociólogo

Dinâmica das Etapas:

Brincar e dançar em círculo são bases da relação humana registradas em diversos estudos antropológicos (Cordeiro, 2008). De mãos dadas e coração aberto, dançando acessamos sentimentos inerentes à nossa essência, como a alegria e a generosidade humana. Circular como as danças, o circo nos remete à essência de coletividade e diálogo. Nesta estrutura temos como grande atração o palhaço, com seu nariz vermelho a menor máscara do mundo. O palhaço é um anti-herói, seu objetivo principal é expor nossos erros e defeitos, ridicularizando-os a ponto de não levarmos tudo tão a sério; por exemplo, para que dar tanta atenção à critica se temos a *Dialogia do Riso* como ferramenta agregadora?

O caminho mais curto entre duas pessoas é o riso (Borge, 2007). Nessa lógica, a oficina Saúde, Alegria e Palhaçadas não aborda esta personagem cômica a partir da perspectiva do circo ou do teatro, e sim a partir da sua condição humana. O palhaço é o arquétipo da autoridade e rebeldia onde, o convívio social traz o eterno conflito entre *"ser quem realmente é ou aquilo que querem que você seja"*, como nas duplas cômicas. No jogo da palhaçaria temos duas figuras clássicas o Branco e o Augusto. Para Burnier (2001) o primeiro é a elegância, a inteligência, a lucidez, a moral, as divindades indiscutíveis. Eis que em seguida surge o aspecto negativo da questão, o Augusto, a criança que faz sujeira, se revolta ante tanta perfeição, se embebeda, rola no chão e na alma, numa rebeldia perpétua. Esta dupla é sempre um otário e um sério (não menos otário), o gordo e o magro, o professor e o aluno, o santo e o demônio, o rico e o pobre, o médico e o paciente, o homem e a mulher, a saúde e a doença, Apolo e Dionísio, como um jogo e quanto mais autoritária for a intenção, mais o outro se mostrará fora e desajeitado. Como disse Nietzsche (2002), como aceitar uma verdade cuja enunciação (Palhaço Branco) não se fez acompanhar de nenhuma risada (Palhaço Augusto)?

Os jogos teatrais como forma de exercícios coletivos, jogos e brincadeiras podem ser propostos para integração e expansão do indivíduo e do grupo num âmbito sócio-cultural, valorizando sua importância ética, estética, histórica e social. Segundo Libar (2008), o palhaço é "o idiota" e é feliz nesse mundo justamente por ser "o idiota", por não fazer parte do mundo dos que se arrogam a ser mais inteligentes e espertos que os outros. É um processo bastante divertido e em certa medida difícil, pois o primeiro contato com nossas fragilidades e fraquezas é de fato doloroso, até que você as aceite, pois como diz o velho ditado "Ri melhor, quem ri de si". Com o nariz de palhaço, nos defrontamos com nossos ridículos diários e o riso sobre o palhaço não é o da chacota ou deboche, nesse caso é a aceitação pública.

Roteiro da Oficina

1ª etapa

Reflexões sobre o corpo: monólogos corporais como exercícios de aquecimento, danças circulares, jogos teatrais e relaxamento.

- Recepção
- Apresentação
- Danças circulares

2ª etapa

Aquele Abraço: ao som do samba do Gil todos se abraçam cada vez que na canção aparecer a palavra “abraço”.

3ª etapa

Agência de Publicidade: A turma é dividida em grupos que desenvolvem um plano de vendas para o produto sorteado. Objetivo: fazer com que as pessoas possam ter uma vivência, por menor que seja, da área de comunicação - publicidade, de maneira criativa, divertida e desenvolvendo a capacidade de argumentação e persuasão. Os produtos podem ser:

1. Gelo para esqui, 2. Pente para careca, 3. Escada que só desce, 4. Óculos mp3 player, 5. Dentadura que acende no escuro, 6. Cerveja em pó Escova de dente, comestível, 7. Sapato com prego na sola, 8) Sobrancelhas postiças, 9) Relógio gargantilha, 10) Retrovisor de orelha, 11) Buzina portátil de umbigo

4ª etapa

Roda do Mestre Rítmico: aproveitando a trilha sonora, cria-se um “segue mestre” rítmico, envolvendo palmas, reboados, danças, primeiramente sem a repetição por parte de todo o grupo, como forma de apresentação de cada indivíduo, depois seguido da repetição de toda a roda seguindo o movimento sugerido por cada membro consecutivamente.

5ª etapa

Cadeiras do sentimento: o coordenador mostra 4 cadeiras classificadas com sentimentos diferentes (ódio, alegria, amor, etc); quando o participante senta tem que expressar o sentimento da cadeira, recitando ditos populares.

1. À noite todos os gatos são pardos.
2. A união faz a força.
3. Agora, Inês é morta.
4. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.
5. Antes tarde do que nunca.
6. Aprenda todas as regras e transgrida algumas.

7. Aproveite a sorte enquanto ela está a seu favor.
8. Aquele que só pensa em trabalho torna-se maçante.
9. Aqui se faz, aqui se paga.
10. As aparências enganam.
11. Cada cabeça, uma sentença.
12. Cada coisa a seu tempo.
13. Cada macaco no seu galho.
14. Cão que ladra não morde.
15. Cautela nunca é demais.
16. De grão em grão, a galinha enche o papo.
17. De moeda em moeda se faz uma fortuna.
18. Depois da tormenta, sempre vem a bonança.
19. Desgraça pouco é bobagem.
20. Devagar se vai longe.
21. Dia de muito, véspera de pouco.
22. Dizei-me com quem andas e eu te direi quem és.
23. É melhor não cutucar a onça com vara curta.
24. É melhor prevenir do que remediar.
25. É na necessidade que se conhece o amigo.
26. Em boca fechada não entra mosca.
27. Em casa de ferreiro, espeto de pau.
28. Em rio que tem piranha, jacaré nada de costas.
29. Em terra de cego, quem tem um olho é rei.
30. Falar é prata, calar é ouro.
31. Gato escaldado tem medo de água fria.
32. Mais vale um pássaro na mão do que cem voando.
33. Melhor um pardal na mão do que um pombo no telhado.
34. Na cama que farás, nela te deitarás.
35. Nada como um dia após o outro.
36. Não adianta chorar sobre o leite derramado.
37. Não confie na sorte. O triunfo nasce da luta.

38. Não conte com o ovo na barriga da galinha.
39. Não há bem que sempre dure, nem mal que nunca se acabe.
40. Não há marcas que o tempo não apague.
41. Nem tudo que reluz é ouro.
42. Nunca puxe o tapete dos outros, afinal você também pode estar em cima dele.
43. Os melhores homens são os que as mulheres julgam melhores.
44. Os últimos serão os primeiros.
45. Papagaio come milho, periquito leva fama.
46. Pense duas vezes antes de agir.
47. Pense rápido, fale devagar.
48. Pequenos riachos formam grandes rios.
49. Quem desdenha quer comprar.
50. Quem espera sempre alcança.
51. Quem não tem cão caça com gato.
52. Quem ri por último ri melhor.
53. Quem semeia ventos, colhe tempestades.
54. Quem tem boca vai a Roma.
55. Quem tem pressa come cru.
56. Quem tem telhado de vidro não atira pedra ao vizinho.
57. Quem tudo quer, tudo perde.
58. Santo de casa não faz milagre.
59. Se cair, do chão não passa.
60. Um homem prevenido vale por dois.
61. Uma andorinha só não faz verão.

Mudança de voz / Expressão: cada integrante repete a frase que o outro grupo escolher, sendo que modelando sua voz e expressão corporal de tal modo a expressar os seguintes sentimentos ou situações.

- Com raiva
- Como um anúncio oficial
- Como se estivesse atacando alguém

- Apaixonado
- De maneira engraçada
- De maneira ameaçadora
- Entediado (de saco cheio)
- Nervoso
- De maneira provocativa
- Como se estivesse interessado no assunto
- De maneira interrogativa
- Com voz forte
- Como vendedor de feira- livre
- Gritando
- Transmitindo exagero
- De forma debochada
- De forma confidencial
- Chorando
- Como locutor de noticiário

6ª etapa

- **Tapete rolante:** deitados cabeça com cabeça, formando um corredor, os alunos de braços estendidos formarão uma centopéia gigante de barriga p/ cima, por onde percorrerão os colegas.
- **Esteira rolante:** deitados no chão, guardando um pequeno espaço entre um e outro, os alunos rolarão levando um colega como se fosse uma tora na esteira.
- **Tábua de amaciar carne:** deitado de costas, depois de frente, o ator deve ser massagado pelos colegas com movimentos ritmados das mãos, com força igual, monotonamente, sem improvisações, como se fosse um rolo de massa, fazendo pressão por todo o corpo.

Forma de círculos (conjunto de exercícios nessa formação)

- Massagear costas / inverte / massagear rosto / inverte
- Deitar e relaxar

7ª etapa – O Grande Espetáculo

Picadeiro

- Nesta etapa o cenário é montado, a cortina vermelha e o picadeiro estão postos para o maior espetáculo da terra. O Palhaço Matraca entra em cena como “Mestre de Cerimônia” que irá recepcionar os participantes e anunciar o número de cada um.

8ª etapa

- Relaxamento e avaliação.

6.6 - A experiência da oficina com educadores e seus depoimentos

O perfil dos participantes dos cursos de Ciência e Arte de 2005 a 2008 foi similar ao já descrito para o público dos cursos da Pós-graduação em Ensino de Biociências e Saúde (Araujo-Jorge e cols, 2006), com médias de 39 anos de idade e 16 anos de atividade profissional. Dois terços dos participantes foram mulheres, com grande diversidade de formação de graduação, concentrada na área do ensino de biologia, mas dispersa por todas os campos da saúde e da ciência.

A experiência de compor uma turma mista com alunos das diferentes modalidades de pós-graduação, lato e stricto sensu, no caso dos cursos de Ciência e Arte, tem se mostrando muito positiva, pois nas aulas interação profissionais com muita prática docente (professores do ensino técnico, médio e superior), com outros com diferentes práticas profissionais em saúde (de jornalismo a psicologia) e com diferentes níveis de aprofundamento teórico (especialização, mestrado, doutorado, pós-doutorado), enriquecendo muito as discussões.

Na etapa de avaliação final da oficina fazemos uma rodada de comentários dos participantes e registramos por escrito (a coordenadora do curso) ou oralmente com gravação. Transcrevemos as falas registradas e identificamos as seguintes categorias (turma de 2006):

Conscientização e descoberta, como por exemplo: “...ver as pessoas a minha volta e também conhecer pessoas que antes não conhecia.”; “...achei muito interessante por que tira a gente da coisa cotidiana, até das oficinas que têm um tom normalmente muito formal... cada um pode mostrar um pouco do que é, e a gente pode experimentar coisas novas, até quem é muito tímido”;

Sensações e sentimentos, tais como “ Eu gostei muito da oficina, principalmente porque ajuda a gente a lidar com o próximo...tem que correndo preparar prova, as vezes nem com aluno a gente fala direito, então trouxe isso de volta, a convivência, eu gostei muito.” “...gostei muito do trabalho, seria bom se todo mundo tivesse a oportunidade de participar de um trabalho como esse ligado ao seu trabalho, se todo mundo tirasse uma hora da sua semana para ter um momento desse, as crianças no colégio, o pessoal trabalhando, acho que seria tudo mais leve, tudo mais tranqüilo, a gente não viu a hora passar, não deu fome, não deu sono, não deu nada, então foi muito bom, muito bom.” ; “ O que mais gostei da oficina é que o tempo todo ela chama a gente para um desafio de viver sentimentos como raiva, alegria, medo, você tem que se colocar num papel que você não viveu e isso dá insegurança, isso dá medo, mas o tempo todo de uma maneira muito leve a gente vai vencendo esse desafio, para mim foi assim.”

Olhar o outro: “uma das partes que mais me chamou a atenção é a parte que a gente olha o nosso colega no olho, sem conhecer... a era hoje é da velocidade, a gente não olha muito no olho do nosso próximo, e essa coisa de olhar fundo é muito interessante”, “... como o pessoal lembrou, a gente perdeu aquela coisa de olhar no olho, sentir o que a pessoa esta passando pelo olhar, foi um ponto que valeu para todo mundo voltar a essa coisa... e esse relaxamento, é uma coisa que faz falta no dia a dia da gente, foi muito legal, gostei muito da oficina”.

Prática docente: “...o que adicionou para mim o fato de eu ver que isso foi executado por um professor para uma classe que me permitiu ter algumas idéias para que eu use esse tipo de atividade como prática... eu acharia interessante que a gente tivesse o roteiro, por que tendo roteiro isso poderia servir de base para que eu pudesse na minha aula fazer alguma coisa, ... inclusive vou tentar fazer essa aula na semana que vem em uma das minhas escolas, talvez isso resolva um problema que estou observando.”

Atitudes: “Eu quero continuar de nariz sim por que eu achei muito legal fazer isso ... este oficina fez resgatar nossa inocência; a gente tá muito duro, a gente vê o mundo com raiva, a gente tá cheio de distâncias ... gente tem que se relacionar, família, amigos, o mundo está muito distante da inocência, te cobram a todo tempo e a gente cobra do aluno a todo tempo para ele ser maduro e não é isso que a gente precisa dele ... a gente tem que ver a inocência dele e brincar com isso e ... eu acho que essa inocência que a gente tem que manter na nossa relação é isso que vai manter a gente como bons professores sim.”

6.7 - Experiência da oficina com gestores de C&T e seus depoimentos

Com a segurança de que a oficina *Saúde, Alegria e Palhaçadas* apresentava um bom potencial para a dialogia entre os participantes, para trabalhar emoções e alegria nas pessoas, e para levantar questões referentes ao ambiente de trabalho, resolvemos aplicá-la em outro contexto profissional, Inicialmente abordamos profissionais de saúde (dentistas e terapeutas) e, posteriormente gestores em ciência e tecnologia. Neste ultimo grupo foi possível estudar o perfil dos participantes em maior detalhe (Tabela 2). Assim como na experiência com educadores, dois terços dos participantes foram mulheres, com 23 a 66 anos, e uma diversidade de formação educacional, com ênfase em administração.

Tabela 2: Perfil dos participantes nas oficinas com gestores de C&T

	n	%		n	%
Número de participantes	36	100	Profissão/ formação		
Gênero Feminino	24	67	administrador	19	58
Gênero Masculino	12	33	professor/educador	5	15
			engenheiro (agrônomo/mecânico	2	6
Idade mínima	23		farmacêutico	2	6
Idade máxima	66		médica	1	3
Idade media	34		nutricionista	1	3
			jornalista	1	3
Escolaridade nível superior	29	80	cineasta	1	3
Escolaridade nível médio	7	20	designer	1	3
			Total	33	100

Para a avaliação direta da oficina utilizamos questionário específico. Todas as pessoas que participaram gostaram da experiência (Tabela 3), confirmando dados obtidos com os educadores por meio das avaliações orais, ou diretos em questionários aplicados na edição de 2008.

Tabela 3: Percepções sobre a oficina e sobre alegria e saúde

Pergunta	Gestores (%)			
	Sim		Não	
Você gostou de participar desta experiência?	100		0	
Esta experiência lhe trouxe alegria?	100		0	
Você acredita que é possível ter saúde sem alegria?	11		89	
	muito	media	pouca	nenhuma
Você teve alguma dificuldade para realizar este trabalho?	0	22	33	44
Você sente alegria no seu ambiente de trabalho?	32	53	12	3
Você se considera uma pessoa alegre?	58	42	0	0
Para você alegria se relaciona com a saúde?	94	6	0	0
Esta oficina pode colaborar para seu bem estar no seu dia a dia de seu trabalho?	86	14	0	0

6.8 - Análise qualitativa dos depoimentos de educadores (E) e de gestores (G):

Nas duas oficinas de gestores e no curso com educadores em 2008 aplicamos o mesmo questionário. Dentre os 35 gestores e os 15 educadores que responderam as quatro perguntas abertas presentes no questionário obtivemos 204 respostas (apenas 8 foram deixadas em branco). Apresentamos esses resultados em três blocos: A- Percepções e sensações sobre a experiência de participar da oficina; B - Percepções sobre influências da oficina no ambiente de trabalho; C- Percepções sobre a relação entre saúde e alegria. Apresentamos abaixo todas as respostas obtidas, que serão posteriormente objeto de análise de conteúdo.

A- Percepções e sensações sobre a experiência de participar da oficina

Pergunta 1- Gostou de participar? Porque? Pergunta 4- Deixe suas impressões

A.1. Vivência de prazer, diversão, relaxamento e alegria (6 educadores e 10 gestores na pergunta 1; 9 educadores e 13 gestores na pergunta 4)

E1 - Foi divertida, relaxante e promoveu grande integração do grupo. Ficamos a vontade e no fim a sensação foi muito agradável

E3 - Em meio às atribulações diárias é sempre bom ter momentos como estes, tão agradáveis para lembrarmos que é a alegria que move as nossas vidas, nossos sonhos.

E9 - Foi muito gratificante trabalhar as emoções, principalmente a questão do riso, da alegria. Se expressar através de gestos e corpo.

E11 - Porque me proporcionou momentos de prazer

E12 - É uma chance de se mostrar e liberar nosso inconsciente com alegria

E13 - Foi relaxante e, ao mesmo tempo, revigorante

G2 - Muito legal, Adorei, achei o máximo, acho que deveria se repetir mais.

G3 -Porque é realmente agradável passar uma tarde toda sorrindo

G4 -Porque com certeza é uma grande distração, maravilhosa, eu sabia que com certeza eu iria dar muitas risadas

G6 - Muito divertida. Relaxante

G7 -Alto astral, alegre e depois da experiência saímos mais feliz

G13 - Muito bom

G24 - Foi bom.

G14 - A experiência me permitiu extravasar, relaxar e conhecer os colegas em um ambiente diferente

G34 - Porque me trouxe alegria!

G36 - Porque trabalhou o nosso emocional e a expressão no nosso coração.

E1 - Me sinto feliz. A oficina é maravilhosa, altíssimo astral. Muito obrigada.

E5 - Gostei imensamente das atividades propostas e do clima de alegria e descontração. Fiquei em Paz

E6 - Não lemos ou escrevemos, ficamos tristes ou alegres, por sermos bonitos, mas porque somos membros da raça humana e apesar de tudo ainda há alegria e paixão!

E7 - Adorei!! Penso que a alegria é pouco explorada no espaço técnico e científico dos laboratórios, das instituições. A Alegria, não a ironia, mas a alegria simples, brincar de si próprio, do trabalho muitas vezes árduo, difícil.

E8 - Valeu! Foi muito bom brincar com você!!

E10 - Em uma palavra: amei

E11 - é uma experiência ótima, onde possibilita trabalhar esse lado lúdico que existe dentro de cada um de nós

E12 - Gostei da oficina como um todo, mas senti falta de como o tema pode ser aplicado na prática (troca de experiência).

E13 - Adorei a oficina e acredito muito no seu trabalho de que temos que passar amor e alegria a todos e não só nos hospitais

G1 - Muito legal !!!

G4 - gostei muito, queria que tivesse todos os meses essa oficina, só para aprender mais e fazer mais alegria

G7 - alegria, gargalhada, felicidade e muita palhaçada

G8 - Amei

G9 - Alegria, bem estar, interação, felicidade e descontração

G11 - Alegria, satisfação

G12 - super, hiper positivas, vivenciei meu lado palhaço

G24 - Alegria, amor, paz e companheirismo.

G25 - Muito bom! Muito extrovertido e entrosamento.

G26 - A alegria faz a pessoa a viver mais com muita saúde.

G34 - Alegria! Alegria!

G36 - Adorei, divertida, extrovertida e brincalhona.

G31 - Foi uma alegria esse dia. Me fez rir sentir leve, com vontade de me aproximar das pessoas com quem trabalho e tê-los comigo.

A.2. Recordar a infância/inocência/ simplicidade (3 educadores e 2 gestores)

E2 - Faz você esquecer os problemas e a vida cotidiana. Faz você voltar a ser criança novamente, lembrar de pequenas coisas esquecidas pela correria do dia a dia. Coisas importantes e essenciais para ser feliz.

E8 - Foi uma experiência que me trouxe alegria e lembrou ou me remeteu a minha infância

E6 - Porque me fez lembrar que os prazeres da vida estão nas coisas simples e que a felicidade está em interagir com nosso próximo sem medo, sem malícia, sem desconfiança.

G17 - é uma forma coletiva de produção de endorfina

G32 - Alegria, saúde e prosperidade são coisas simples e fáceis é só saber ver. E o óculos médico que percebe as coisas boas da vida esta ai, é só querer usá-lo. Que todos tenham a oportunidade de saborear momentos de riso e generosidade. Viva a vida. " Tamo na vida prá sorri!"

A.3. Vivência de auto-conhecimento, segurança e integração com colegas (4 educadores e 22 gestores)

E4 - Faz despertar várias "pessoas " que há dentro de você

E5 - Uma boa forma de driblar a vergonha

E7 - Proporciona um momento em que nós temos que mostrar o íntimo de como somos, agimos ou gostaríamos de agir sempre.

E14 - Uma oficina leve que nos deixa leve para agir, pensar e falar

G11 - Trabalha a auto estima

G16 - Porque trabalha aspectos lúdicos de nossa convivência

G19 - Porque acho importante conhecer melhor as pessoas, importante conviver da melhor maneira com as pessoas que você passa grande parte do seu dia.

G20 - A interação com todos. O envolvimento do grupos.

G21 - Trabalho em grupo para estimular a consciência, criatividade e outros "bichos" são sempre bem vindos.

G22 - Por possibilitar criar e trabalhar personagens e emoções

- G25 - Gostei apesar de não ser uma pessoa extrovertida mas gosto muito deste tipo de atividade entrosamento, cumplicidade e relaxamento.
- G26 - Porque deixa as pessoas mais descontraídas.
- G27 - Por que eu ri muito, sai do meu escritório e venci a timidez.
- G29 - Eu gostei porque tirou um pouco minha timidez.
- G30 - É uma forma de expressar algum sentimento e provocar desinibição.
- G31 - Foi uma delicia poder brincar com meus colegas de trabalho, me fez conhecê-los mais e isso é muito valioso.
- G2 - estou indo, mas com vontade de quero mais.
- G5 - A realização da oficina não pode ser vista como a perda do tempo e sim como investimento na saúde mental da pessoas.
- G6 - Gostei muito da oficina, me senti mais leve e espero que se repitam
- G16 - Altamente positivas, afinal treinei conhecimento com outros colegas, conheci novas pessoas e alegrei meu dia
- G17 - Foi excelente para melhorar o entrosamento das minhas equipes (oscorp); Os organizadores e executores sabem transmitir a alegria, a C&T está mostrando que alegria é ciência e tecnologia é qualidade de vida, Faltou filhos ou netos de participantes, uma família de adultos, crianças e idosos.
- G18 - adorei o ambiente, a música e as pessoas, algumas que nunca tive contato e outras já conhecidas. Alegria e saúde é o meu nome!!!
- G19 - Gostei muito da experiência e acho que deve continuar levando em consideração que é apenas um período do dia que tiramos para tirar o peso da vida.
- G22 - Minha impressão foi a melhor possível, pois possibilitou que as pessoas que não se conheciam em pouco tempo interagissem se sentindo felizes
- G23 - Um excelente trabalho para o "bem estar". Estão todos de parabéns.
- G29 - Adorei! Muito bom para pessoas tímidas.

A.4. Vivência do novo e da criatividade (1 educadores e 5 gestores)

- E10 - Porque é inovadora, criativa, estimulante
- G15 - Os exercícios são criativos
- G28 - Relaxante, revigorante. Para mim confesso que é uma proposta nova e muito legal.
- G32 - A experiência criativa pode transformar a vida do ser humano, que faz humano no que é simbólico e criativo.
- G33 - Liberdade de expressão. Fixar o olhar.
- G35 - Por desenvolver a criatividade e oportunizar a interação com outras pessoas.

A.5. Oportunidade de quebrar a rotina de trabalho (7 gestores)

- G5 - Sair da rotina. Ajuda a ver o mundo de outra forma. Olhando o mundo de outra forma passo ser um cidadão mais feliz, na minha profissão, na minha família e para mim mesmo.
- G9 - Foi muito bom porque consegui me desligar do trabalho
- G10 - Porque nos tira um pouco do ambiente de trabalho
- G12 - Quebrou a rotina

G18 - Alegria, interatividade, aproximação dos colegas de trabalho e também para esvaziar a mente dos afazeres cotidianos

G23 - É importante ter um dia ou mais horas de distração para poder sair um pouco da rotina do trabalho e até mesmo para distrair a mente e renovando-a para o dia a dia.

G35 - Adorei a oficina, sai do ambiente de trabalho por alguns momentos é extremamente revitalizante e prazeroso.

A.6. Elogios e gratidão aos apresentadores (4 educadores e 7 gestores)

E2 - Amei a oficina, já tinha ouvido falar sobre o Pipo e seu trabalho, mas vivenciar um pouco dessa oficina e vivenciar momentos únicos e muitas vezes esquecidos é uma sensação muito boa. Parabéns pelo trabalho.

E3 - Gostaria de parabenizar toda a equipe pelo excelente trabalho e por trazer um pouco de alegria aos nossos corações e principalmente nos incentivando a transmitir alegria por onde passarmos.

E4 - Parabéns pelo trabalho! Continue despertando a alegria nas crianças que algumas pessoas deixaram para trás presa no passado.

E9 - Obrigado pelo exercício espiritual!

G1 - Sim, porque os apresentadores são muito envolventes e cativantes

G3 - trabalho maravilhoso

G33 - Obrigada.

G27 - A saúde do trabalhador muitos anos foi tratada como piada, mas nunca se usou a piada para levar saúde ao trabalhador. Humanizar a saúde (institucional) deveria passar por alegrar o ambiente de trabalho. Parabéns a todos.

G10 - Adorei! Continuem!!!

G13 - Adorei, Muito bom ! Parabéns

G20 - Muita sorte em vossas vidas

A.7. Críticas e sugestões (2 gestores)

G21 - Achei a proposta muito boa. Senti o grupo ora aberto, ora resistente, flutuando bastante, "pouco foco". Achei que o palhaço estava "triste" (também faz parte né)

G30 - Dou nota nove para todo trabalho, apenas é o fato de repetir o trabalho com todas as pessoas, então acaba ficando cansativo e a medida que passa tende a ficar sem graça o mais engraçado é geralmente o meio.

B- Percepções sobre influências da oficina no ambiente de trabalho;

Pergunta 2- Essa oficina pode te ajudar no seu ambiente de trabalho? Como ?

B.1. Útil ao trabalho, de forma genérica (2 educadores, 5 gestores)

E1 Sim e Muito. Na verdade esta oficina se adéqua a qualquer circunstância.

E6 Talvez em alguma atividade de educação ambiental

G2 Sim, fugir do cotidiano, ajuda no trabalho e também na consciência geral

G5 Sim. Desenvolvendo um processo crítico a partir do momento que vejo a vida sob outro ângulo

G13 Sim, a alegria de se fazer trabalho

G34 Sim. Lembrando que bom humor é fundamental.

G36 Sim, na alegria de viver.

B.2. Útil para gerar auto-conhecimento e auto-motivação (5 educadores e 9 gestores)

E2 Sim. O dia a dia de trabalho e rotina acaba trazendo stress para sua vida; agressividade e pouca paciência, coisas que foram faladas na oficina posso acrescentar no meu dia a dia de trabalho. Colocando o nariz sendo e fazendo alegria.

E8 Sim, nos momentos em que temos que em tão pouco tempo inovar, ser criativo, mas poderia ser mais praticada não só em algumas disciplinas de curso de pós graduação mas em várias disciplinas do curso superior.

E9 Sim - É bom entrar em contato com o riso fácil. Mesmo em ambientes hostis, como uma UTI, é necessário brincar. Aliás, estes lugares precisam de brincadeira. É preciso rir de si mesmo, das tristezas.

E10 Sim. Demonstrando os sentimentos de forma positiva e usar o "nariz vermelho" em caso de emergência"

E15 Sim, passando alegria e espontaneidade

G3 Sim, fazendo ver que de tudo pode ser tirado algo bom que nos traga motivos para rir

G7 Sim. Me tornando uma pessoa mais feliz do que já sou

G12 Sim. Replicando as técnicas do ser alegre

G14 Sim, porque nós nos vemos mais humanos e vemos os outros também. O ambiente lúdico criado pra oficina é reconfortante e revigorante, isto é, nos renova para mais dias de trabalho.

G23 Ser uma pessoa mais alegre

G18 Sim. A descontração sem dúvida. Eu sou uma pessoa divertida, mas acredito que quanto mais alegria, melhor.

G26 Sim. A ser mais descontraído.

G28 Sim, talvez encarando o dia maçante de maneira livre. Não é que não seja levado a sério, mas sim tratando de assuntos de maneira menos pesada.

G29 Claro, porque vai acabar com minha vergonha de falar ao público o que me prejudica muito.

B.3. Útil para relações profissionais e interpessoais (6 educadores e 20 gestores)

E3 Sim. Estimular-me a tornar o meu ambiente de trabalho mais prazeroso e agradável.

E4 Sim. Despertar nos colegas a criança que há em nós para que o ambiente exale a alegria (a virtude da existência).

E7 Sim. Procurando não levar com tanta seriedade as dificuldades de relacionamento com meus companheiros

E11 Sim - usando minha sensibilidade na convivência do dia a dia

E12 Sim, no relacionamento com pessoas

E13 Sim, porque possibilita maior integração de forma descontraída, onde no final todos naturalmente ficam mais a vontade

G1 Sim, pois como cria um ambiente bem humorado entre os participantes torna a convivência melhor entre a equipe

G4 Sim, eu já faço muitas pessoas sorrir bastante no trabalho, com certeza essa oficina me motivou mais ainda para continuar fazendo alegria ao povo do meu trabalho

G6 Sim. Trazendo uma energia de alegria e bom humor aos colegas

G8 Sim. Porque foi uma oportunidade de aproximação e de ter mais conhecimento dos meus colegas de trabalho

G9 Sim. Porque te dá prazer conhecer mais de perto muitas pessoas

G10 Sim. Levando alegria para os colegas

G11 Sim, melhor relacionamento com os colegas

G15 Reconhecer um pouco mais meus colegas e ao mesmo tempo expor minhas várias formas de se ver e ser no mundo diário

G16 Sim. Melhorando o relacionamento entre os colegas de trabalho

G17 Sim. 1) um encontro informal entre colegas formais; 2) sai da rotina, 3) aprender a rir e fazer rir, 4) descobrir talentos ocultos meus e dos colegas, 5) aprender para ensinar, 6) ser multiplicador

G19 Melhora a convivência com os colegas

G22 Ao trabalhar emoções passamos a ter uma visão ampla da vida de forma que compreendemos as diversas maneiras que as pessoas se comportam nas mais variadas situações da vida e assim podemos compreendê-las melhor, fato que colabora com a convivência em grupo.

G24 Na interação interpessoal.

G25 Sim, justamente com atitudes que tomamos de harmonia, alegria e compreensão entendimento com o meu colega, pois passamos a maior parte do nosso dia.

G27 Levando as pessoas a sair do posto institucional e se relacionarem de uma outra maneira isso pode mudar a rotina de trabalho e humorizar as relações.

G30 A enfrentar melhor as situações cotidianas com mais expressão, menos medo, além de melhorar a relação com as pessoas.

G31 Sim, aproximando as pessoas e as tornando mais abertas.

G32 Pode porque são novos canais de comunicação e relacionamento humano.

G33 Expressar melhor a comunicação com colegas de trabalho e principalmente com a chefia. Aprender a lidar com os sentimentos e expressá-los com naturalidade. Deixar a timidez de lado, ser mais espontâneo.

G35 Pode ajudar se for uma oficina que todos os servidores tenham oportunidade de participar, levando uma maior interação entre todos.

Não se aplica ou apenas parcialmente (2 educadores)

E5 Como trabalho num setor fechado e burocrático a aplicação será limitada. Já em sala de aula, pode me ajudar a interagir e deixar os alunos mais agradáveis

E14 não vejo aplicação

C- Percepções sobre a relação entre saúde e alegria

Pergunta 3- Para você, saúde e alegria têm algum vínculo? De que forma?

C.1. Sim – de modo genérico (9 gestores)

G6 Sim

G10 Sim

G7 Sem saúde ninguém pode ser feliz, saúde é a principal coisa na nossa vida

G12 Estão interligados

G13 Sim, pois sem saúde não se tem alegria

G18 Com certeza sim. No que me lembro não conheço uma pessoa mau humorada saudável, não combina no meu ponto de vista e sim, alegria é saúde.

G20 Você sem saúde dificilmente terá alegria

G24 Sim, pois sem saúde não há alegria.

G36 Sim, porque alegria traz saúde.

C.2. Sim – por aspectos emocionais e afetivos (8 educadores e 19 gestores)

E2 Sim andam juntas. Uma vida saudável em um ambiente saudável com pessoas "saudáveis" trazem alegria.

E3 Sim, saúde e alegria estão intimamente ligadas. Sem alegria o ser humano cai no desânimo e assim abre as portas para as doenças.

E4 Sim. Compartilhar gestos, sentimentos....

E5 Uma pessoa triste não é saudável, pois alegria é tudo.

E6 Sim, a saúde não resiste se não houver alegria e viver

E8 Tem tudo, não consigo imaginar uma pessoa enfadada o tempo inteiro, triste sem alegria, com a vida que tem, ter saúde. No momento que sorrimos há liberação de uma paz interior, de descontração total.

E14 A saúde envolve um bem estar geral do individuo, o que inclui a alegria

E15 Sim, uma pessoa alegre será sempre saudável em espírito

G1 Sim, pois acredito que a pessoa estando alegre, bem consigo e com os demais, trabalha melhor

G2 Acho que tudo flui, quando há alegria, até o inferno se levanta

G4 Sim, porque sem saúde não tem alegria e se você tem alegria com certeza não vai faltar saúde.

G8 São vinculados porque o corpo apesar de suas limitações responde as expectativas da alma

G9 Sim. A alegria faz parte do bem estar uma pessoa com alegria tem saúde

G11 Uma vida saudável transformar em alegria todos os momentos

G16 Vínculo total, já que uma pessoa só é 100% mentalmente saudável, e dessa forma se torna fisicamente saudável, se preocupo-se também com sua felicidade, traduzida na alegria

G22 Sim, pois a alegria plena somente tem condições de se evidenciar quando temos a saúde, um bem que assim como a vida não tem preço.

G23 Sim! Se você é uma pessoa triste, pois um dia poderá ter ou desenvolver um doença...Alegria é vida e tristeza é morte!

G25 Tem sim, pois precisamos de estar bem com nós mesmos para que tenhamos uma boa saúde, pois coisas tristes atraem tristezas e o bom astral atraem coisas alegres.

G26 Sim. A pessoa alegre tem mais ânimo para fazer as coisas e vive mais de bem com a vida se tornando uma pessoa mais saudável ao contrario das outras que desenvolvem até doenças por causa da tristeza.

G27 Saúde é alegria. Ninguém tem ou faz saúde se não possuir alegria. A alegria é um remédio.

G29 Sim. A pessoa quando esta alegre ela ajuda no seu problema de saúde e quando esta triste pode até a vir ter um problema de saúde.

G30 A alegria é um sentimento que é contra mão a tristeza, esta por sua vez é uma grande causadora de doenças, inclusive graves. A forma como as pessoas encaram a vida determina aquilo que é o que será. O pensamento ("imaginação") é mais importante que a vontade, então pensamentos e sentimentos alegres trazem saúde.

G31 Sim, a alegria faz com que nos importemos com o que tem real valor, o amor.

G32 Tem vinculo sim. Com alegria há saúde e sem alegria não há. Uma doença ou dificuldade, com alegria a dor é menor e a cura é provável.

G33 Corpo, alma e espírito estão interligados. Ter afeto o outro conforme a situação interna e externa que vivência.

G34 Me traz paz!

G35 A alegria faz com que sintamos mais dispostos conectados com as outras pessoas e parte verdadeira do mundo em que vivemos.

C.3. Sim – por envolvimento adicional de aspectos biomédicos (7 educadores e 8 gestores)

E1 Absoluto. Saúde compreende também bem estar. Mente sã, corpo são.

E7 Sim. O sorrir estimular e fortalece o nosso sistema imunológico e nos trás serenidade e equilíbrio emocional e espiritual

E9 Sim. Poderia falar que alegria melhora o sistema imunológico, prefiro a explicação contrária. É impossível ser saudável se não há alegria e não há brincadeira no seu dia a dia

E10 Sim. As pessoas tristes e pessimistas apresentam um índice maior de doenças auto imunes (espero que o termo esteja correto!!) e câncer.

E11 Existem ligações científicas já estudadas e explicadas que vinculam o estado de humor ao conjunto do bem estar do corpo

E12 Sim, porque sem alegria você "abre portas" para uma série de problemas, principalmente os problemas de saúde.

E13 A alegria é um estado de espírito, uma pessoa alegre tem boa energia e acredito que essa energia pode ser canalizada para o lado da saúde corporal

G3 Sim, pois diminui a tensão do dia a dia diminuindo a liberação de radicais livres, que são maléficis ao organismo.

G5 Sim. A tristeza desencadeia sentimentos ruins que são somatizados e transformados em doenças: úlcera, câncer, etc. A alegria derrama endorfina e faz com que supere as possíveis doenças que a pessoa viria a ter

G14 Acredito que as maiores mazelas do homem, são somatizados e mesmo com saúde, cedo ou tarde sucumbi mal a algum mal pois nos afastamos freqüentemente da alegria ou procuramos nos lugares erradas

G15 A alegria é uma expressão espontânea das suas ações ser o reflexo do seu equilíbrio biológico e emocional

G17 1) formar endorfina, 2) descobrir que rir é sempre um bom remédio, 3) forma vínculo com os colegas o que melhora o dia a dia no trabalho, 4) me sentir importante para os colegas e vice versa, o compartilhamento.

G19 Se a cabeça esta ruim, automaticamente seu corpo da sinal.

G21 O riso libera endorfinas, alivia o fígado, aquece o coração, relaxa a mente e faz muito bem para a alma

G28 Sim.Primeiramente porque saúde não é ausência de doença. Para ser saudável é necessário vários elementos como direito e acesso a educação, saneamento básico, terra, etc e como não pode faltar, diversão, alegria e cultura.

De modo geral, percebemos claramente que todos os 51 participantes que responderam ao questionário concordam que saúde e alegria estão vinculadas, seja por aspectos emocionais e afetivos ou até mesmo pelo envolvimento de possíveis inter-relações e efeitos na fisiologia humana. A ampla maioria percebe a oficina como útil para seu desenvolvimento pessoal e para as relações inter-pessoais, inclusive em seu ambiente de trabalho. E, para nós, o resultado mais interessante e importante: todos os participantes gostaram de participar da oficina, expressando vivências de prazer, diversão, relaxamento e alegria, recordando momentos da infância, que geraram lembranças da inocência e da simplicidade, desenvolveram vivências de auto-conhecimento, segurança e integração com colegas de trabalho, vivências do novo e da criatividade, destacaram o papel na quebra da rotina de trabalho. Elogiaram e agradeceram os condutores das oficinas e deixaram algumas sugestões e críticas construtivas. Sem dúvida, a experiência de avaliação dos participantes foi decisiva para a formatação atual da oficina e para nossa segurança de que esta é uma boa ferramenta para o trabalho de sensibilização quanto ao vínculo de saúde e alegria.

Por outro lado, ainda nos restam muitas dúvidas quanto à sua aplicação direta em quaisquer tipos de público, o que nos leva a planejar seu teste em outros contextos. Também podemos concluir que esta ainda não é a ferramenta central para formação de palhaços para o SUS, mas que pode contribuir para a sensibilização quanto à essa linguagem, bem como quanto à sua aplicabilidade a profissionais da saúde, ainda que de modo contextualizado segundo o tipo de profissional.

6.9. PALHASUS

Políticas públicas em saúde, introdução ao conceito.

Política pública é um conceito de Política e da Administração que designa certo tipo de orientação para a tomada de decisões em assuntos públicos, políticos ou coletivos. Embora, políticas públicas seja um conceito oriundo dessas duas áreas, vem sendo utilizadas nos mais variados campos, porque ele permite estudar o espaço social antes da implementação. Para tanto, é preciso a montagem de equipe transdisciplinar pois um projeto de política pública, necessariamente deve permitir a transversalidade, além de estabelecer um diálogo consencioso entre os atores envolvidos. O conceito de “Políticas Públicas” se refere ao conjunto de *ações coletivas* voltadas para a *garantia dos direitos* sociais, configurando um *compromisso* público que visa dar conta de determinada *demand*a (Guareschi et al. 2004). No campo da saúde, as políticas públicas podem ser definidas como conjuntos de disposições, medidas e procedimentos que traduzem a *orientação política do Estado* e regulam as atividades governamentais relacionadas às *tarefas de interesse público* (Lucchese, 2004). São também definidas como *todas as ações de governo*, que configuram diferentes tipos de políticas, divididas em atividades diretas de produção de serviços pelo próprio Estado e em atividades de regulação de outros agentes econômicos e sociais (Lucchese, 2004). Políticas públicas de saúde, portanto, integram o campo de ação social do Estado orientado para a melhoria das condições de saúde da população e dos ambientes naturais, sociais e do trabalho. Sua tarefa específica em relação às outras políticas públicas da área social consiste em organizar as funções públicas governamentais para a promoção, proteção e recuperação da saúde dos indivíduos e da coletividade. No Brasil, as políticas públicas de saúde orientam-se desde 1988, conforme a Constituição Federal, pelos princípios de universalidade e equidade no acesso às ações e serviços e pelas diretrizes de descentralização da gestão, de integralidade do atendimento e de participação da comunidade, na organização de um sistema único de saúde no território nacional, configurados no SUS.

As políticas públicas implicam em (1) definição de *demand*as, (2) no surgimento de *atores* políticos e (3) de definição do *tipo de política*. Quando o problema (demanda) mobiliza os atores e se desenha como política pública, inicia-se o *ciclo da política pública* com suas fases de formação de *agenda*, formulação de *propostas* (programas/ projetos), sua *implementação*, seu

monitoramento e sua *avaliação*. Assim, as políticas públicas se materializam através da ação concreta de sujeitos sociais e de atividades institucionais que as realizam em cada contexto e condicionam seus resultados (Lucchese, 2004). Por isso, o acompanhamento dos processos pelos quais elas são implementadas e a avaliação de seu impacto sobre a situação existente devem ser permanentes.

No caso que estamos examinando, as *demandas para promoção da saúde* não são novas, mas sim recorrentes, expressando problemas não resolvidos. Como já desenvolvemos na construção da proposta da *Dialogia do Riso* (2010), onde o diálogo com alegria é elemento promotor da saúde. Aqui, os *atores* políticos envolvidos passam a ser os *grupos sociais* assistidos pelo poder público e os *agentes culturais de saúde* que precisam se articular para uma prática educativa que agregue significado, tanto no campo da informação e comunicação em saúde, como no campo da afetividade, generosidade e alegria. Palhaços nesse contexto assumem o duplo papel de agentes de cultura e saúde, mediadores da promoção da saúde com alegria. Finalmente, o tipo de política pública de que tratamos ao propor Alegria para a Saúde é o distributivo, no sentido do próprio serviço de saúde poder exercê-la, ainda que, em alguns contextos, ele possa também adotar o tipo regulatório, quando por sua indução ou orientação, outros agentes sociais possam atuar em parcerias com os serviços de saúde, alinhados à essa política.

Política pública não é sinônimo de decisão política. Política pública é um nexo entre a teoria e a ação. Uma política pública envolve mais que uma decisão e requer diversas ações estrategicamente selecionadas para implementar as decisões tomadas. Ao propormos que Alegria para a Saúde seja assumida como uma política pública, não estamos antevendo um leque de alternativas para que, dentre estas, Alegria seja a adotada. Estamos afirmando que os problemas de saúde que podem ser prevenidos (prevenção) e a qualidade de vida que pode ser alcançada (promoção) através da introdução das práticas educativas com alegria deverão ser articuladas nacionalmente com um plano de ação entre serviços de saúde e cultura. Portanto, a decisão de adotar Alegria para a Saúde como Política Pública para a promoção da Saúde no SUS precisará da elaboração de programas e projetos que traduzam essa política em ação. Neste capítulo desenvolveremos uma proposta (projeto Palhasus) e uma ferramenta de prática educativa com alegria (Oficina S.A.P) para serem adotadas na esfera pública da saúde e da cultura, como elementos dessa política.

O PALHASUS é o desdobramento da tese de doutorado *Alegria Para Saúde: A Arte da Palhaçaria como proposta de Tecnologia Social para o Sistema Único de Saúde*, desenvolvida no Instituto Oswaldo Cruz - IOC/FIOCRUZ. O PALHASUS é uma tecnologia social baseada na *Arte da Palhaçaria*, direcionada para a educação popular em saúde onde, articula ciência e arte como elementos da Promoção da Saúde e Alegria. Visa ocupar técnica e politicamente os Pontos de Cultura e os Centros de Saúde com equipes mistas de Agentes Palhaços de Saúde e Cultura.

Objetivo

Constituir o projeto piloto para mobilizar e implantar nos Pontos de Cultura do MinC e nos Centros de Saúde do SUS, uma rede de agentes culturais de saúde palhasus.

Apresentação do projeto.

Criado em 1900 como uma iniciativa pioneira no país para a produção de vacinas, em seus 109 anos de existência o Instituto Oswaldo Cruz (IOC) diversificou suas ações e hoje constitui um complexo que gera conhecimento, produtos e serviços para atender as demandas do Sistema Único de Saúde. Atualmente conta com 71 laboratórios de pesquisa, desenvolvimento tecnológico e inovação. O instituto também forma cientistas e técnicos, através da atuação na educação profissional e de pós-graduação. Dentro dos programas de Pós Graduação, contamos com um novo curso de especialização denominado “Ciência, Arte e Cultura na Saúde” voltado para agentes e outros profissionais de saúde, e o Ensino em Biociências e Saúde (EBS), que abre a área de concentração em ensino não formal, tendo a linha de ciência e arte. O presente trabalho foi desenvolvido por um artista social (Marcus Matraca), que desde 2000 busca compreender a interface entre ciência, saúde e arte. O foco na promoção da saúde foi dirigido em 2003 para a arte da palhaçaria, quando passou a exercitar regularmente nas ruas da cidade do Rio de Janeiro o encontro de um palhaço-músico (Dr. Palhaço Matraca) com os moradores de rua, profissionais do sexo e transeuntes.

A partir de 2005 esta prática se estrutura no projeto de doutorado *Alegria para a Saúde: A arte da palhaçaria como proposta de tecnologia social para o sistema único de saúde*,

aprovado em 2009 pelo EBS/IOC. O trabalho foi realizado por um cientista social que utiliza a *Arte da Palhaçaria* como ferramenta na pesquisa participante, trata-se de uma investigação social de cunho educativo, que busca a plena participação coletiva da comunidade na análise de sua própria realidade. O foco para população de rua e profissionais do sexo nasce nos picadeiros da rua, com o Palhaço Matraca brincando, tocando seu sax tenor e dialogando sobre promoção da saúde e prevenção de DST/AIDS com os transeuntes. O pesquisador residiu no bairro do Flamengo e no dia a dia observava uma incidência relevante de moradores em situação de rua e profissionais do sexo no seu bairro, no Largo do Machado, no Catete, na Glória e na Lapa, todos localizados na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Questões de saúde presentes nesse trabalho são a prevenção de DST-Aids, a cultura de Paz, meio ambiente e a participação em políticas públicas. A percepção da boa receptividade das pessoas a esse trabalho e a intuição sobre seu potencial educativo estão na raiz da proposição e da elaboração do presente projeto. A arte da palhaçaria é uma tecnologia social com forte potencial pedagógico e dialógico, que pode gerar encanto, beleza e saúde, pois se trata de uma arte que vai para a rua cooperando para as mudanças sociais. Atualmente as ações do Dr. Palhaço Matraca são realizadas em conjuntos com o Laboratório Tupi Nagô da secretária municipal de saúde e defesa civil, nos mais variados territórios da cidade, visando fortalecer o projeto Palhaços do Sistema Único de Saúde: *PALHASUS*, sendo desdobramento da tese de doutorado.

Ao final do ano de 2007 os Ministérios da Cultura (MinC) e da Saúde (MS) firmaram um acordo de cooperação técnica para ações conjuntas, na percepção que a necessária transformação nas condições de educação, cultura e saúde dos brasileiros *passa pelo mesmo locus*: os espaços de desenvolvimento social das comunidades nos diferentes bairros de municipalidades do Brasil. Assim, o *conceito de território* está na base da proposta dos *Pontos de Cultura* fomentados pelo MinC e dos *Centros de Saúde* fomentados pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Esse locus é ideal para que, num processo de compartilhamento de saberes, a população possa interagir com os agentes de cultura e de saúde, se apropriar dos frutos da ciência e da arte, adotar comportamentos promotores de saúde e desenvolver sua criatividade, cultivando alegria e promovendo a cultura da paz.

No plano de trabalho deste acordo interministerial de cooperação estão previstas a utilização dos Pontos e Pontões de Cultura como espaços destinados à formação de agentes comunitários de saúde; a capacitação de gestores e lideranças comunitárias envolvidos com os

Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e outros serviços da rede de saúde mental no campo cultural; e a atuação, por meio de campanhas e programas de capacitação, na prevenção às doenças sexualmente transmissíveis e ao uso de drogas; dentre outras iniciativas. A parceria interministerial surge, portanto, como uma oportunidade de efetivar maior transversalidade e integração entre cultura e saúde.

Adotando as teses da *Alegria Para Saúde* e da articulação de *Ciência e Arte como elementos da cultura*. *PALHASUS* poderá ser uma tecnologia social baseada na arte da Palhaçaria e direcionada para a educação popular em saúde. Suas referências de construção estão no princípio da generosidade humana, da alegria, do riso e da promoção da saúde, encontros e diálogos.

Conceitos e referências.

Rir é o melhor remédio, diz o dito popular. Esta pequena frase nunca foi levada tão a sério como nos tempos atuais. A compreensão de que o riso melhora a qualidade de vida, previne doenças e promove saúde, reapareceu com força na década de 60 com o movimento da “Terapia do Riso” (Luz, 2003) vem ganhando os espaços acadêmicos em todo o mundo (Kraft, 2008) e se expandindo em ações concretas sob a forma de movimentos e grupos, tais como os mais de 2500 “clubes do riso”, em todos os continentes. O ris☺ promove saúde e alegria. No campo da saúde, o movimento de “humanização” nos traz um “projeto de Felicidade” (Ayres 2005), definindo felicidade como um índice de si mesmo, não mensurado por nada fora dela, e ao mesmo tempo totalmente ligado ao contexto social, como uma espécie de “bússola existencial”. O economista Richard Layard (2005) defende o conceito de felicidade como um indicador importante para a promoção de políticas públicas em saúde. A sensibilização e participação da comunidade na formulação de políticas no nível municipal é denominada de “Cidades e Comunidades Saudáveis”, conceito presente na Carta de Ottawa (1996), referência da construção do conceito contemporâneo de saúde adotado pela Organização Mundial de Saúde (OMS): uma cidade saudável é "... aquela que coloca em prática de modo contínuo a melhoria de seu meio ambiente físico e social utilizando todos os recursos de sua comunidade".

A arte de um palhaço tem um grande potencial de comunicação e educação, gera encanto, beleza e saúde, e pode ir à rua cooperar para as mudanças sociais. O palhaço é um excelente

instrumento de divulgação e promoção da saúde. Como acreditar na saúde sem rir da doença? De outro modo, parafraseando o poeta Milton Nascimento, *o artista tem de ir onde o povo está* e o promotor da cultura e da saúde também precisa ir onde está o povo. Assim a rua torna-se o espaço principal, o verdadeiro picadeiro, o palco do palhaço.

Dentre os vários modelos explicativos do processo saúde-doença, a estratégia de Promoção da Alegria é fundamental no enfrentamento da adversidade do adoecimento humano. A constatação deste fato se encontra nos grupos de palhaços de hospitais espalhados pelo planeta, como o Gesundheit Institute liderado pelo médico e palhaço Patch Adams (2002). Atualmente, vários cientistas e artistas vêm desenvolvendo projetos inovadores utilizando a *Arte da Palhaçaria* como ferramenta da promoção saúde. Como exemplos, podemos citar os relatos nos trabalhos de Koller e Gryski (2008) sobre palhaçaria e o tratamento de crianças, de Mundhenke (1994) sobre a redução da ansiedade, e de Scannavino (2003) com o projeto “Saúde e Alegria”. Estas experiências, mesmo em número reduzido, são chanceladas pelas vozes dos usuários, permitindo pensar na hipótese de que é necessário promover alegria nos projetos da área da saúde.

Atualmente o MS conta com a Política Nacional de Humanização (Humaniza SUS) e o Programa Gestão Saúde da Família (PGSF) que tem como princípios a inseparabilidade entre a atenção e a gestão dos processos de produção de saúde, a transversalidade, a autonomia e protagonismo dos sujeitos. Dentre estas estratégias, observam-se movimentos de valorização do riso no campo da saúde e o *PALHASUS* vem para agregar no processo de promoção da saúde e alegria. O projeto se baseia nos seguintes elementos:

- A GENEROSIDADE HUMANA – é a virtude em que o ser humano acrescenta algo ao próximo, não se limitando a bens materiais. Os generosos são tanto as pessoas que se sentem bem em dividir um tesouro com mais pessoas porque isso lhes fará bem, como as que dividirão um tempo agradável para outros sem a necessidade de receber algo em troca;
- O *DIALOGO* – fala entre duas ou mais pessoas na busca do entendimento de alguma idéia através da comunicação, objetivando a solução de problemas e sua harmonia;
- O *RISO* – “O riso não é um objetivo, é um meio que leva a idéia até o entendimento” (Palhaço russo Karandash). Adotamos e defendemos o ris☺ como ferramenta dialógica, numa postura de pactuação cotidiana frente à vida! A saúde que desejamos trabalha com a idéia de alegria.

- *O PALHAÇO* – Com a menor máscara do mundo “o nariz vermelho”, o Palhaço é um agente secreto social, pronto para uma revolução. Na poesia este anti-herói, tem seu “porte atlético invisível, num topete conversível, ele prepara o sermão, pra tratar do mundo cão, colocando a vida em perigo, por amor a profissão”.

- *A ALEGRIA* – Não uma alegria forjada e sintética, envolvida por vícios e paixões que iludem o ser humano no consume e no acumulo. Mas a alegria que pode advir dos encontros, situações inesperadas, súbitas e desconhecidas, gerando surpresas, admiração e encantamento.

Alinhamento com as políticas do MinC e do MS

Só se concebe a promoção da saúde no respeito às reais necessidades dos grupos sociais. Podemos destacar algumas possibilidades de intervenção atualmente em uso no MS: a) Atenção Básica; b) Estratégia Saúde da Família; c) Gestão Participativa; d) Tecnologias Sociais; e) Promoção da Alegria. As propostas e estratégias que já estão sendo desenvolvidas destacam-se como um processo de superação gradual do modelo médico assistencialista privatista, e gradativamente integra e privilegia a promoção da alegria, para a prevenção de riscos e agravos. Essas propostas respeitam as dimensões éticas e culturais tão essenciais para a promoção da saúde dos indivíduos e dos grupos populacionais do Brasil.

O governo federal desenvolve atualmente seu Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) que, no MS e no MinC, receberão programas e recursos específicos nos chamados PAC-Saúde e PAC-Cultura, denominados respectivamente “*Mais Saúde*” e “*Mais Cultura*”. O Palhasus se alinha com diversos eixos de atuação de cada um desses programas, que apresentam interfaces de cooperação dos quais se destacam:

- a) no *Mais Saúde*: Qualidade de Vida/ SUS/ Cidadão Saudável; Promoção da Saúde; Atenção à saúde – centros de saúde e núcleos comunitários; Força de trabalho em saúde; Participação e controle social
- b) no *Mais Cultura*: Cultura e Cidadania (Cultura, Identidade, Diversidade); Cidade Cultural (qualificação do ambiente social e direito à cidade); Cultura e Renda (ocupação, renda, emprego e financiamento da cultura);

Localidades e parcerias para o projeto piloto na cidade do Rio do Janeiro

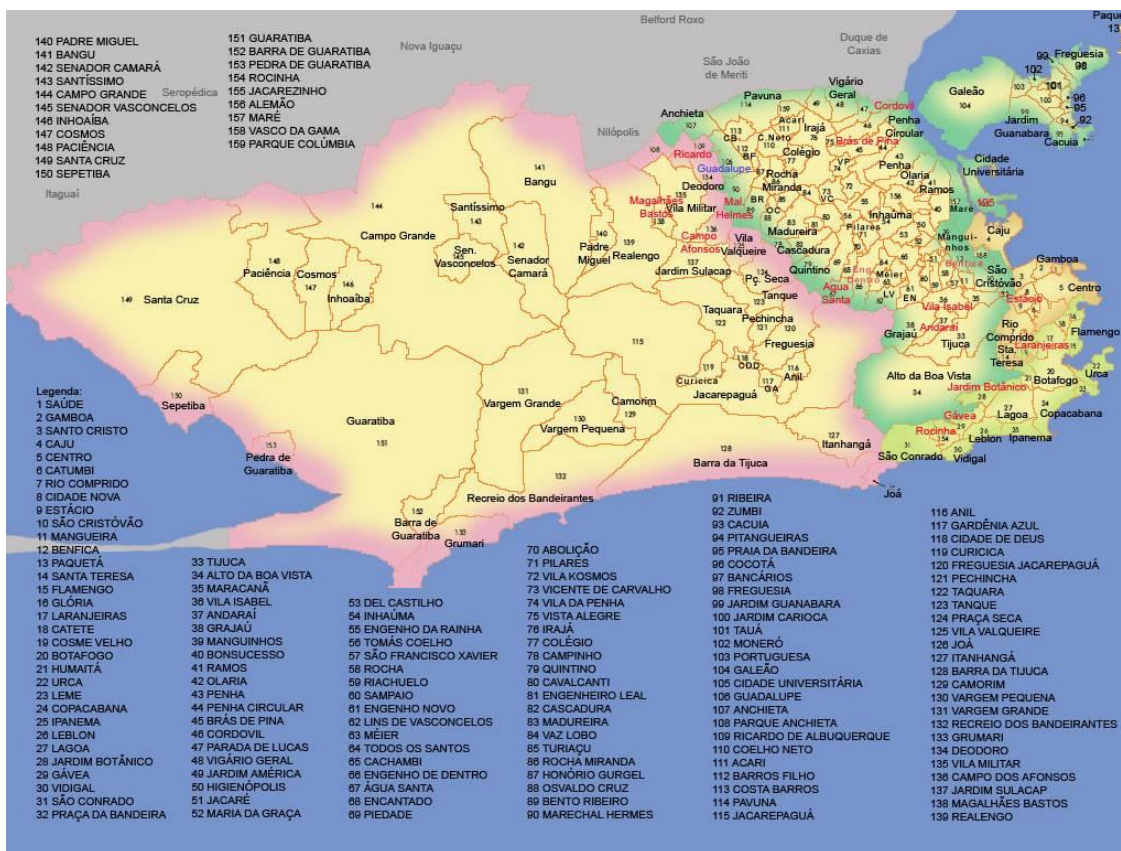


Imagem 15 – Mapa da Cidade do Rio de Janeiro

ZONA SUL: Glória, Lapa, Botafogo;

ZONA NORTE: Manguinhos, Maré, Vigário Geral, Madureira;

ZONA OESTE: Jacarepaguá, Sta. Cruz e Grande Méier;

Serão parceiros já definidos do Palhasus os seguintes:

- Instituto Oswaldo Cruz
- Secretaria Municipal de Saúde e Defesa Civil - Rio de Janeiro;
- Secretaria Municipal de Cultura Rio De Janeiro;
- Calouste Gulbenkian – SMCRJ;
- Universidade Popular de Ciência e Arte - RJ;
- Unidade de Saúde, Pavão, Pavãozinho e Cantagalo - RJ;

g) Pós em Ciência, Arte, Cultura na Saúde IOC/FIOCRUZ;

A estratégia de capacitação e seu conteúdo previsto

O projeto piloto se baseia na estratégia da educação popular em saúde, que articula diversos módulos temáticos na construção compartilhada do conhecimento com os Agentes Culturais de Saúde Palhasus. Serão selecionados vinte ACS, para compor 10 duplas de palhaços que estarão distribuído nos territórios eleitos em conjunto com a ESF da SMSDCRJ. Esses agentes serão capacitados durante todo o processo do projeto piloto, duas vezes na semana sendo período integral, nos três primeiros meses, teremos vinte quatro encontros (somando 192 horas); e nos outros três meses teremos um encontro por semana (somando 96 horas), totalizando 288 horas. Todos os participantes terão que realizar um breve relatório escrito sobre as atividades em campo, para ser compartilhado no coletivo Palhasus que ocorrerá durante todo o processo do projeto piloto meio período uma vez por semana.

Os cursos e oficinas são estruturados com base nos procedimentos e métodos de trabalho, podendo definir e desenvolver diferentes grupos temáticos, de acordo com as necessidades específicas de cada grupo social participante. Assim, diferentes questões podem ser inseridas como conteúdos temáticos, a partir de uma priorização feita com o próprio grupo.

Grupo temático da promoção de saúde e prevenção de doenças:

- Promoção da Saúde: qualidade de vida, alegria, comportamentos saudáveis em alimentação, sono, sexualidade, trabalho, educação, cultura, dentre outros;
- Prevenção de Doenças Sexualmente transmissíveis e uso de drogas;
- Prevenção de Doenças Infecciosas, em especial a dengue, a hanseníase, a tuberculose, a hepatite e as leishmanioses, além do conjunto de doenças infecciosas da pobreza;
- Saúde da mulher, da criança, do jovem e do homem;
- O Sistema Único de Saúde;
- Práticas complementares de saúde;

Grupo temático das humanidades

- Educação Popular em Saúde;
- Pesquisa Participante;
- O espaço e seus olhares;
- Sociologia da Rua;

Grupo temático da artes

- Palhaçaria;
- Teatro Popular;
- Contação de História;
- Construção e Prática de Malabares;
- Construção de bonecos;

6.2.8. Propostas de ação PALHASUS

O projeto prevê as seguintes etapas e propostas:

Fase 1:

- a. Identificação dos 20 atores sociais (Agentes Comunitários de Saúde/ACS), para formação de 10 duplas dos Agentes Culturais Palhasus, locais articulados e presentes nos pontos de Cultura e nos Centros de Saúde e núcleos comunitários das localidades escolhidas;
- b. Definição e pactuação com os grupos das temáticas a serem trabalhadas em cada território;
- c. Nos primeiros três meses, faremos dois dias de encontros integrais para capacitação e avaliação permanente,

Fase 2:

- d. Mapeamentos dos temas de cultura e saúde a serem trabalhados pelos grupos com as comunidades

- e. Articulação entre demandas sociais e oportunidades em políticas governamentais e do terceiro setor
- f. Elaboração dos planos de trabalho de campo, estimativas de custo e captação de recursos

Fase 3:

- g. Ações de campo
- h. Monitoramento e avaliação

Proposta de Identidade Visual

Marca / Versões

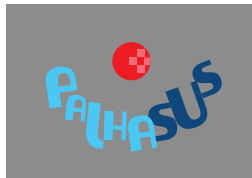
Marca Cor / Fundo branco



Cores alternativas / Fundo com cor



Marca Cor / Fundo com cor ou imagem



Marca uma Cor / Positivo



Negativo



Imagem 16 – Venicio Ribeiro

Cronograma de desenvolvimento

	BLOCO 1		BLOCO 2		BLOCO 3		BLOCO 4	
	1°	2°	1°	2°	1°	2°	1°	2°
Identificação dos agentes	X	X						
Capacitação	X	X	X	X	x	x	x	x
Campo Coletivo			X		X		X	
Campo em dupla	X	X	X	X	x	x	x	x
Diagnostico da área			X					
Fórum Palhasus							x	
Avaliação Final E possíveis desdobramentos								x

Capítulo 7

FIM DO PICADEIRO

Ao término desta investigação científica nada convencional, podemos afirmar que o conjunto de palavras grafadas nesta tese é apenas uma síntese, desta aventura no campo da ciência e da arte. Nesta aventura constatamos que ambas manifestações não estão separadas, e sentimos na pele do palhaço as paixões alegres e tristes, nos diversos encontros proporcionados no decorrer destes quatro anos de pesquisa. Para alguns pensadores citados nesta pesquisa, tais sentimentos foram classificados como paixões da alma, podendo gerar tristeza, como a dos milhares de seres humanos que vivem abaixo da linha da pobreza; ou alegria que o palhaço filma com seus olhos caminhantes pelos becos da cidade, sintetizada no sorriso do morador de rua, entre encontros e despedidas.

Foram quatro anos de investigação participante, onde inúmeras experiências, impressões, encontros, diálogos, picadeiros, chorinhos e muitas alegrias foram compartilhadas com todos os atores sociais envolvidos nesta trama da ciência e da arte. O trabalho torna-se científica, por que hibridizamos diversos campos do conhecimento para compor o referencial teórico e metodológico, na busca dos resultados da tese; Artística por que trilhamos o processo de aprendizagem e prática da palhaçaria e música. Campos distintos do conhecimento que naturalmente apresentam contradições, porém este trabalho teve o esforço de abrir o dialogo com alegria entre ciência e arte, apresentando similaridades na construção metodológica de ambos os campos.

Partilhamos as reflexões defendidas pelos diversos autores citados neste trabalho, abraçando e defendendo o conceito de que *Saúde é Alegria*. E para promover saúde com alegria, propomos para compartilharmos saberes a *Dialogia do riso*, enquanto ferramenta para a formação de vínculos, ao invés da lógica de restrições e obrigações. Para este trabalho adotamos a *Palhaçaria*, como uma prática da dialogia do riso, exercitada não só no picadeiro da vida, mas nas ruas, nos diversos congressos científicos e na militância de causas políticas e sociais.

Os produtos desta tese foram quatro artigos científicos, sendo um ensaio ficcional, (publicados e submetidos à publicação), dois vídeo-documentários, um site, uma oficina de trabalho e uma proposta de projeto que pode vir a se tornar uma política pública. Os resultados

apresentados nos textos e nos dois vídeos documentários apontam para a real necessidade de ***incentivar mais projetos de educação popular que promova saúde com alegria.***

Assim finda-se este picadeiro, tendo como desdobramento projeto ***PALHASUS*** (Palhaços do Sistema Único de Saúde). O PALHASUS é uma tecnologia social baseada na palhaçaria e direcionada para a educação popular em saúde. Suas referências de construção estão no princípio da generosidade humana, da alegria, do riso, da promoção de saúde com alegria e da educação como prática da liberdade.

Último Pronunciamento do Palhaço Matraca: **VIVA A DIALOGIA DO RIS☺.**

Bibliografia 8

ADAMS, P & MYLANDER, M. A terapia do Amor. 1ed. Rio de Janeiro: Mondrian, 2002.

ADORNO, Rubens C. F. e VARANDA, Walter. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de saúde. Saúde e Sociedade, São Paulo, 13(1): 23-45. 2004.

ALBERTI, V. O pensamento e o riso: a transformação do riso em conceito filosófico. Rio de Janeiro: CPDOC; 2000.

ALVES, Ataulfo. Ataulfo tradição. Faixa 9. *O Homem e o Cão*. Polydor 1967. [acessado 2011 Mar 10] Disponível em: <http://cliquemusic.uol.com.br/discos/ver/ataulfo-alves/ataulfo-tradicao>

ANJOS DO PICADEIRO - [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em:
<http://www.anjosdopicadeiro.com.br/>

ARAÚJO-JORGE, T. C. Relações entre ciência, arte e educação: relevância e inovação. Revista E, Sesc São Paulo, p. 12, 01 abr. 2007.

ARAÚJO-JORGE, T.C. Ciência e arte: caminhos para inovação e criatividade. Em: *Ciência e Arte: encontros e sintonias*. Parte I Cap. 1, pp: 22-47. Organização: Tania Araújo-Jorge. Editora Senac, Rio de Janeiro, Brasil, 2004

AYRES, J. R. C. M. Hermenêutica e humanização das Práticas de Saúde. *Ciencia e Saúde Coletiva*. 10 (03): 549 -560, 2005.

BAKHTIN, M. *Teoría y Estética de La novela*. Madrid: Taurus, 1989.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 2ª ed., Trad. M. E. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROSO. Projeto Saúde e Alegria: um ensaio crítico. Congresso Nacional de Saúde da Família – RJ – 2004.

BATONE N. Acrobatas Epiléticos; 2005 [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em:
<http://letras.terra.com.br/batone/1077803/>

BECKER, H. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. 1.ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 2008.

BENIGNI, R. *A Vida é Bela*. 1999. Ficha técnica disponível em:
http://www.terra.com.br/cinema/comedia/vida_bela.htm

BERGSON, H. *O Riso*. Zahar Ed. RJ: 1980.

BERK, L. S, FELTEN, D. L, Tan SA, BITTMAN, B. B, WESTENGARD, J. (2001)-
Modulation of neuroimmune parameters during the stress of humor-associated mirthful. - *Altern Ther Health Med* Mar;7(2):62-72, 74-6

BOAL, Augusto. *Jogos para Atores e não-atores*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2005.

BOFF, L. *A oração de São Francisco de Assis – Uma mensagem de paz para o mundo atual*. 7° Ed. Sextante. Rio de Janeiro: 1999.

BOLOGNESI, M. F. *Palhaços*. São Paulo: Ed. UNESP. 2003.

BRANDÃO, C. R. & STRECK, D. R. *Pesquisa Participante: a partilha do saber*. Aparecida, SP: Idéias Et Letras, 2006.

BRASIL, 2008. Relatório final da 13ª Conferência Nacional de Saúde. Disponível em:
www.datasus.gov.br/cns/13Conferencia/relatorio/relatorio.htm - 1k -

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão estratégica e Participativa. Departamento de Apoio á Gestão Participativa. *Caderno de Educação Popular e Saúde*, pg.134 – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. disponível em:
http://portal.saude.gov.br/portal/saude/Gestor/visualizar_texto.cfm?idtxt=25574

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, 1988. [acessado 2010 Dez. 10]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei N. 8069. 1990. . [acessado 2011 Mar 10] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira de Ocupação CBO*, 2009. [acessado 2010 Jan 06] Disponível em:
<http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/pesquisas/BuscaPorTituloResultado.jsf>

BURNIER L O. *Clown*; 2001. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em:
www.grupotempo.com.br/tex_burnier.html

CADERNOS DE RESUMO – Ciência e Arte 2006 – Fazendo Arte na Ciência: 2º: 3º Simpósio. FIOCRUZ. 2006.

CADERNOS DE RESUMO – 2º Simpósio e Ciência, Arte e Cidadania. Fiocruz 2004.

CAETANO, Marcio. *Ousadia, desejo e transgressão: as nuances da juventude gay, lésbica, bissexual e transgênero – GLBT*, 2007. [acessado 2011 Mar 15] Disponível em:
http://www.direitos.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2491&Itemid=2.

CAMPOS, M. V. O conceito de prevenção no discurso da Organização Pan Americana da Saúde. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Ciências Médicas. SP:2002.

CAMPOS, M. V, ARAÚJO-JORGE, T. C. *Palhaçadas, saúde e alegria*. Em Simpósio sobre Ciência e Arte - Memórias do Simpósio Ciência e Arte 2006 / Luisa Massarani (org.), Rio de Janeiro : Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007. ISBN 978-85-85239-35-0, p. 87-90, disponível em:
http://www.museudavida.fiocruz.br/publique/media/Memorias_Ciencia_e_Arte_2006.pdf

C.A.S.A – Ciência, Arte, Saúde e Alegria Disponível em: www.ioc.fiocruz.br/casa/

CARTA DE OTTAWA. I Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, Ottawa, nov1986. [acessado 2011 Jan 10] disponível em:
<http://www.opas.org.br/promocao/uploadArq/Ottawa.pdf>

CASTRO, A. V. O elogio da Bobagem – Palhaços do Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Ed. Família Bastos, 2005.

CASTRO, D. O mal das ruas. Disponível em:
<http://www.agencia.fapesp.br/materia/6989/especiais/o-mal-das-ruas.htm>

CAVAZOTTI, Diogo. *Violência contra travestis preocupa ONG*. Revista Ladoa 2009. Edição Online. [acessado 2011 Mar 01] Disponível em:
<http://www.revistaladoa.com.br/website/artigo.asp?cod=1592&idi=1&xmoe=84&moe=84&id=10074>

CLUBE DO RISO. Disponível em: <http://www.clubedoriso.com/>

CANDOTTI, E. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/>

CANTARINO, Carolina. Uma câmera na mão e uma idéia na cabeça! Era só isso mesmo?. Cienc. Cult. [online]. 2007, v. 59, n. 1, pp. 51-51.

CARLOS E e CARLOS R. Imoral, ilegal ou engorda. 1976. Letra disponível em:
<http://letras.terra.com.br/roberto-carlos/48609/>

CARTA DE OTTAWA 1986. Disponível em: www.opas.org.br/coletiva/carta.cfm?idcarta=15

CHAUI, M. Convite à filosofia. 1. ed. São Paulo: Ática, 1994. 440 p

CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI. Afrociberdelia, Chãos,1996.

COSTA, F. B. Homens invisíveis: relatos de uma humilhação social. São Paulo: Globo, 2004.

DA MATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues” In: Nunes, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA. 1959. [acessado 2011 Mar 01]. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/infantil/direitodacrianca.htm>

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS DOS HOMENS. 1948. [acessado 2011 Fev 01]. Disponível em: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/cidh-dudh.html>

DELEUZE, G. Espinosa. Filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002

DESCARTES, R. As paixões da alma. 1 ed. Ad. Abril. 1973.

DISCURSO do Presidente Federativa do Brasil, disponível em: http://www.abc.org.br/arquivos/lula_cct.html

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. 1 ed. Abril. São Paulo. 1973.

ECO, U. *O nome da rosa*. Nova Fronteira. 2000.

EPICURO. Antologia de Textos. Abril Cultural. São Paulo: 1973.

ESPINOSA, B. Ética III – Da origem e da natureza das afeições. Abril Cultural. São Paulo: 1972.

SCOREL, S. Vidas ao Léu – Trajetórias de Exclusão Social. 1 Ed. Fiocruz. RJ. 1999.

SCOREL, Sarah. *Vivendo de Teimosos moradores de rua da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2003.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8069.htm

EMICIDA. Pra quem já Mordeu um Cachorro por Comida, até que eu Cheguei Longe... Faixa 23. *Triunfo*. São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YMJOmIuUwiM>

ENFERMARIA DO RISO. Disponível em: www.enfermariadoriso.com.br

FESTIVAL INTERNACIONAL DE HUMOR EM DST & AIDS: Disponível em: <http://www.aids.gov.br/humor/>

FELLINI, F. Sobre o clown; 1970. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: http://www.grupotempo.com.br/tex_fellini.html

FRANKL, V. E. Em Busca de Sentido Um Psicólogo no Campo de Concentração. 1984. Disponível em: <http://gropius.awardspace.com/ebooks/frankl.pdf>

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1987.

FREIRE, Marcius. *Fronteiras imprecisas: o documentário antropológico entre a exploração do exótico e a representação do outro*. Revista FAMECOS Vol. 03. nº 28 • Porto Alegre dez. 2005 quadrimestral. [acessado 2011 Fev 06] Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/issue/view/40>.

FREIRE, Paulo & Educadores de Rua. *Uma abordagem Crítica*. 2 ed. Editora Lidador. 1987.

HECHOS. Disponível em: <http://www.hechoenbsas.com/>

GADOTTI, M. *Convite à leitura de Paulo Freire*. 2º ed. Scipione. SP: 1991.

GARCEZ-GHIRARDI MI, LOPES SR, BARROS DD, GALVANI D. Vida na rua e cooperativismo: transitando pela produção de valores. *Interface - Comunic, Saúde, Educ* 2003; 9 (18): 601-10.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1988

GRUPO LUME - [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.lumeteatro.com.br

GRUPO TEMPO - [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.grupotempo.com.br

GRUPO DIGNIDADE. Disponível em:

<http://www.revistaladoa.com.br/site/artigo.asp?cod=1592&idi=1&xmoe=84&moe=84&id=10074>

GUARESCHI, N. COMUNELLO, L. N., NARDINI, M.; HOENISCH J.C Problematizando as práticas psicológicas no modo de entender a violência. In: *Violência, gênero e Políticas Públicas*. Orgs: Strey, Marlene N.; Azambuja, Mariana P. Ruwer; Jaeger, Fernanda Pires. Ed: EDIPUCRS, Porto Alegre. (2004).

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina Bittencourt. 3ª ed. Campinas: Papirus, 1991

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCAIL. *Conhecimento e Cidadania: 1 Tecnologia social*. 2007. Disponível em: <http://www.itsbrasil.org.br/>

HECHOS. Disponível em: <http://www.hechoenbsas.com/>

HORTON, M, FREIRE, P. Introdução. Em: *O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social*. Bell, B. Gaventa, J. & Peters, J. (Orgs.). Petrópolis RJ: Vozes, 2003.

HOUAISS, A, Villar MS. Dicionário de Língua Portuguesa. S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUMANIZA/SUS: Política Nacional de humanização- marco teórico. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/marco_teorico.pdf

HUMORESQUE. [acessado 2010 Jan 06]Disponível em: <http://pagesperso-orange.fr/corhum.humoresques/>

INTERNATIONAL JOURNAL OF HUMOR RESEARCH. [acessado 2010 Jan 06]Disponível em: www.hnu.edu/ishs/JournalCenter.htm

INSTITUTO DE TECNOLOGIA SOCAIL. Conhecimento e Cidadania: 1 Tecnologia social. 2007. Disponível em: <http://www.itsbrasil.org.br/>

JORGE, S. Disponível em: <http://minablixen.blogspot.com/2006/02/revista-bravo-entrevista-com-seu-jorge.html>

JUNIOR, A. L. S. God save the queen: A transgressão e o vazio no universo de riso das drag queens. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis:2008.

KALILI, S. Caros Amigos – ANO VI N. 64 Julho de 2002.

KLEIN, L. ; AZEVEDO, N. ; PESSOA, A. ; LACERDA, A. L. ; SOARES, P. P. ; COSTA, R. G. ; GIRAO, A. L. . Oswaldo Cruz. O médico do Brasil. São Paulo; Brasília, DF: Fundação Odebrecht; Fundação Banco do Brasil, 2003.

KOLLER D, GRYKI C. The life threatened child and the life enhancing clown: towards a model of therapeutic clowning. Alternat Med. 2008 Mar;5(1):17-25.

KRAFT, U. Dossiê: De bem com a vida - O poder do riso. Mente e Cérebro. Ed.188. 09/08. Disponível em: http://www2.uol.com.br/vivermente/dossie/dossie_de_bem_com_a_vida_-_o_poder_do_riso.html

LAYARD, R. Happiness and Public Policy. LSE Health and Social Care Discussion Paper Number 14. London: 2005.

LARROSA, J. Pedagogia Profana – Danças, Piruetas e mascaras. 4° Ed. Autentica. Belo Horizonte: 2003.

LEFÈVRE, Fernando. *Promoção da Saúde, ou, A negação*. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

LECOC, J. Em busca de seu próprio clown. 1987. Tradução livre de Roberto Mallet. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.grupotempo.com.br/tex_busca.html

LOS HERMANOS. Bloco do Eu Sozinho. Faixa 01. Abril Música. 2001.

LIBAR, M. A nobre arte do Palhaço. Ed. do Autor. Rio de Janeiro, 2008.

LUCHESE P 2004. Políticas Públicas em Saúde – introdução. Disponível em: [http://itd.bvs.br/itd-mod/public/scripts/php/page_show_introduction.php?lang=pt&menuId=2&subject=healthPolicias&search=\(*\)*\(introduction/\(channel\)\)](http://itd.bvs.br/itd-mod/public/scripts/php/page_show_introduction.php?lang=pt&menuId=2&subject=healthPolicias&search=(*)*(introduction/(channel)))

LUYPAERT, B. Rir um poderoso remédio. RTBF. Bélgica: 2005.

LUME. Disponível em: www.lumeteatro.com.br

LUZ, T. M. Novos Saberes e Práticas em Saúde Coletiva – Estudo Sobre Racionalidades Médicas e Atividades Corporais. Ed. Hucitec. Rio de Janeiro: 2003.

MAIS SAÚDE - direito de todos 2008-2011. 2008. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/mais_saude_direito_todos_2ed.pdf

MATRACA, M. V. 2006. MATRACA E O POVO INVISÍVEL. Video-documentário disponível em: <http://video.google.com/videoplay?docid=-2615803161554076328>

MATRACA, M. V. 2007. NA PISTA. Video-documentário disponível em: www.youtube.com/watch?v=Am2r8QGCuHQ

MARIOTTI, H. Dialogo: Um método de reflexão conjunta e observação compartilhada da experiência – 2003. Disponível em: www.teoriadacomplexidade.com.br/textos/dialogo/Dialogo-Metodo-de-Reflexao.pdf

MALINOWSKI, B. "Prefácio" de Sir James Frazer e "Introdução. Tema, método e objetivos desta pesquisa". In: Os argonautas do Pacífico Ocidental São Paulo, Ed. Abril, Coleção Os Pensadores. 1976.

MEDEIROS, E. Maioria sem nenhum. 1968. Disponível em: <http://ocourodocabrito.blogspot.com/2008/05/maioria-sem-nenhum-mauro-duarte-elton.html>

MÉDICOS SEM FRONTEIRAS. *Projeto Meio Fio*. 2004. [acessado 2011 Mar 22] disponível em: <http://www.msf.org.br/galeriaFotos/92/populacao-de-rua-atendimento-diferenciado/>

MONZANI, Josette. *AXÉ, GLAUBER!* galáxia n.6 out 2003 - 249-254.

MORAES, Vinicius. *Poesia completa e prosa: "Poemas infantis"*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1999.

MILLET, D, TOUSSAINT, E. O Banco Mundial descobre 400 milhões de pobres a mais – BRASIL DE FATO. Uma visão popular do Brasil e do mundo. 09/08.

<http://www.brasildefato.com.br/v01/agencia/analise/o-banco-mundial-descobre-400-milhoes-de-pobres-a-mais>

MITRE, RMA, GOMES R. A perspectiva dos profissionais de saúde sobre a promoção do brincar em hospitais. Ciênc Saúde Coletiva 2007; 12(5):1277-84.

MINOIS, G. História do riso e do escárnio. São Paulo: UNESP, 2003.

MORAES, V E LARA, O. Samba da Benção. Faixa 1. Elenco 1963.

MORAES, V. Poesia completa e prosa: “Poemas infantis” . Nova Aguilar. RJ. 1999. Disponível em: http://www.viniusdemoraes.com.br/discografia/sec_discogra_discos.php?id=2

MORA, F. J. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Loyola, 2000.

MORROW V. Children's "Social Capital": Implications for Health and Well-Being Health Education, v104, p211-225, 2004.

MUNDHENKE, C. A. Gayety should drive away anxiety. Clown doctors in the pediatric ward Krankentpfl J. 1994 Jan-Feb;32(1-2):33.

NEVES, L. F. B. Ideologia da seriedade e o paradoxo do coringa. O riso e o cômico. Revista de cultura vozes. Ano 68. Vol. LXVIII. Jan/Fev. 1974.

NIETZSCHE, F. Vida e Obra - Assim Falou Zaratrusta. Ed. Nova Cultural. 1999.

NITERÓI. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Niter%C3%B3i>

OCAS – Saindo das ruas. N. 42. Fev. 2006.

OMS, Organização Mundial da saúde. Día Mundial para la Prevención del Suicidio 10 de septiembre de 2007 . [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: disponível em: <http://www.who.int/mediacentre/news/statements/2007/s16/es/index.html>

OPS, Organização Panamericana da Saúde – Disponível em: <http://www.opas.org.br/coletiva/temas.cfm?area=Conceito&id=28>

PALHAÇO KARANDASH. [acessado 2010 Jan 06] Disponível em Disponível em: www.mundoclown.com.br/falouedisse/karandashpalhacorusso

PASSONI, I. Conhecimento e Cidadania - 1 Tecnologia Social - São Paulo: Instituto de Tecnologia Social – ITS; 2007. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.itsbrasil.org.br/pages/23/CadernoTS2007.pdf

- PASCHE DF, Passos E, Barros MEB. A Humanização do SUS como uma política do comum. Interface 2009; 13(suppl.1): 491-491.
- PEREIRA, C. C. Povos da Rua. Rio de Janeiro: Luziletras, 2003.
- PIRES, F. C. Educação em saúde – brincando e aprendendo. Congresso Nacional de Promoção da Saúde – RJ. 2004.
- PINDORAMA CIRCUS. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.pindoramacircus.arq.br
- PROFISSIONAL DO SEXO. Disponível em:
<http://www.mtecbo.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=5198>
- PROGRAMA RODA VIVA – TV Cultura – 2007. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em:
<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=1092>
- PROJETO BRINCAR, Instituto Fernandes Figueira/Fundação Oswaldo Cruz. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: http://www.iff.fiocruz.br/textos/prog_brincar.htm
- PROJETO SAÚDE E ALEGRIA. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em:
www.saudeealegria.org.br
- QUINTANA, Mario. *Caderno H*. Segunda Edição. São Paulo. Globo, 2006.
- REALI, G. História da Filosofia. Vol. 05. São Paulo: Ed. Paulus. 2005.
- REIS, M. A tecnologia a serviço das pessoas. 2002. Disponível em:
http://www.ccpm.pt/rev30_tecnologia.htm
- ROOT-BERNSTEIN, R & M. Centelhas de Gênios – como pensam as pessoas mais criativas do mundo. Rio de Janeiro: Nobel, 2000
- RODRIGUES, P. H. Saúde e Sociedade: Uma visão histórica e comparada do SUS/Paulo Henrique Rodrigues, Isabela Soares Santos. – São Paulo: Ed. Atheneu, 2009.
- ROCHA, G. Disponível em: <http://oventilador.org/camera-na-mao-ideia-na-cabeca>
- ROSSET, C. Alegria: a força maior. Relume Dumará. RJ: 2000.
- ROOT – BERNSTEIN, R & M. Centelhas de Gênios – como pensam as pessoas mais criativas do mundo. Rio de Janeiro: Nobel. 2005.
- ROUSSEAU, J. J. *O contrato social ou princípios do direito político*. 1 ed. Abril Cultural. São Paulo:1973.
- RUIZ, R. Hoje tem espetáculos? As origens do circo no Brasil. INACEM, 1987.

SANTOS, Lucíola Lucínio & LOPES, José de Souza Miguel. *Globalização, Multiculturalismo e Currículo*. In: MOREIRA, Antônio Flávio B. (org). *Currículo: Questões Atuais*. Campinas: Papirus, 1997.

SANTOS, N. R. *Ética Social e os Resumos do Sistema Único de Saúde*. 2004.

SAÚDE E ALEGRIA. Disponível em: www.saudeealegria.org.br

SAÚDE E BRINCAR. Disponível em: http://www.iff.fiocruz.br/textos/prog_brincar.htm

SAÚDE DA FAMÍLIA. 2005. *Revista Brasileira Saúde da Família*. Ministério da Saúde. Disponível em: <http://dtr2004.saude.gov.br/dab/atencaobasica.php>

SCANNAVINO, E. *Saúde e Alegria*. Disponível em: <http://www.saudeealegria.org.br/>

SKINNER, Q. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. 1 ed Unisinos - Coleção Andos 07. RS: 2002.

SEGRE, M, FERRAZ, C. O conceito de saúde. *Rev. Saúde Pública* vol. 31 no. 5 São Paulo Oct. 1997.

SERAFIN, José Francisco. *Estratégias fílmicas do documentário antropológico: três estudos de caso*. Doc On-line, n.03, Dezembro 2007. [acessado 2011 Fev 06] Disponível em: www.doc.ubi.pt/03/artigo_jose_francisco_serafim.pdf

SEVCENKO, N. *A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1993.

SICOLI, J. L, NASCIMENTO, P. R. *Promoção de Saúde: Concepções, princípios e operacionalização*. Interface - Comunic, Saúde, Educ, v7, n12, p.101-22, fev 2003.

SOARES ALM. *Enfermaria do Riso: experiência interdisciplinar na UNIRIO*. In: Alberto Ferreira da Rocha Junior, organizador. *Cultura e Extensão Universitária - A Produção de Conhecimento Comprometida com o Desenvolvimento Social*. 1ª ed. São João del Rey: Malta Editores Ltda; 2008, pp: 32-41.

STOTZ, E. M. CARVALHO, A. P. ACIOLI, S. O processo de construção compartilhada de conhecimento – uma experiência de investigações científicas do ponto de vista popular. In: Eymard Mourão Vasconcelos. (Org). *A saúde nas palavras e nos gestos: reflexões da Rede de Educação Popular e Saúde*. 1 ed. São Paulo: Hucitec, 2001, v.1, p. 101 – 104.

TERAPEUTAS DO RISO. [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em: www.terapeutasdoriso.com.br

VIANA C. Entrevista com Chico Viana. *REVISTA CAROS AMIGOS*: Ano XII Número 137 Agosto 2008.

VALIATE F, TOZZI, V. A busca da humanização no ambiente hospitalar através dos Especialistas do Riso. COMSAÚDE – 2001. Disponível em:
http://www.projeto-radix.com.br/dsp_abstr.asp?fuseaction=10a&id=173

VELOSO C. Totalmente demais ao vivo - Dom de Iludir. Polygram; 1986. 1982 . [acessado 2010 Jan 06]. Disponível em:
http://www.caetanoveloso.com.br/sec_busca_obra.php?language=pt_BR&page=1&id=68&f_busca=DOM%20DE%20ILUDIR

VELHO, G. Uma entrevista com Harold Becker. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 3, n. 5, 1990, p114-136.

VIEIRA, F. L. Pessoa em situação de rua: Paisagem aos olhos do PSF. Congresso Nacional de Saúde da Família – RJ – 2004.

XAVIER C. Aids é coisa séria! — humor e saúde: análise dos cartuns inscritos na I Bienal Internacional de Humor, 1997 . Hist Ciênc Saúde 2001; 8(1):193-221.

WALLACE, M. Quebrando barreiras entre ciência e arte através de exposições.. Em Simpósio sobre Ciência e Arte - Memórias do Simpósio Ciência e Arte 2006 / Luisa Massarani (org.), Rio de Janeiro : Museu da Vida/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007. p. 87-90, disponível em:
http://www.museudavida.fiocruz.br/publique/media/Memorias_Ciencia_e_Arte_2006.pdf

WALKER J, BOYCE-TILMAN, J. Music lessons on prescription? The impact of music lessons for children with chronic anxiety problems. Health Education, V102 p 172 – 179, 2002.

WEIL, P. Normose a patologia da normalidade. Campinas, SP: Versus Ed. 2003.

Anexos:

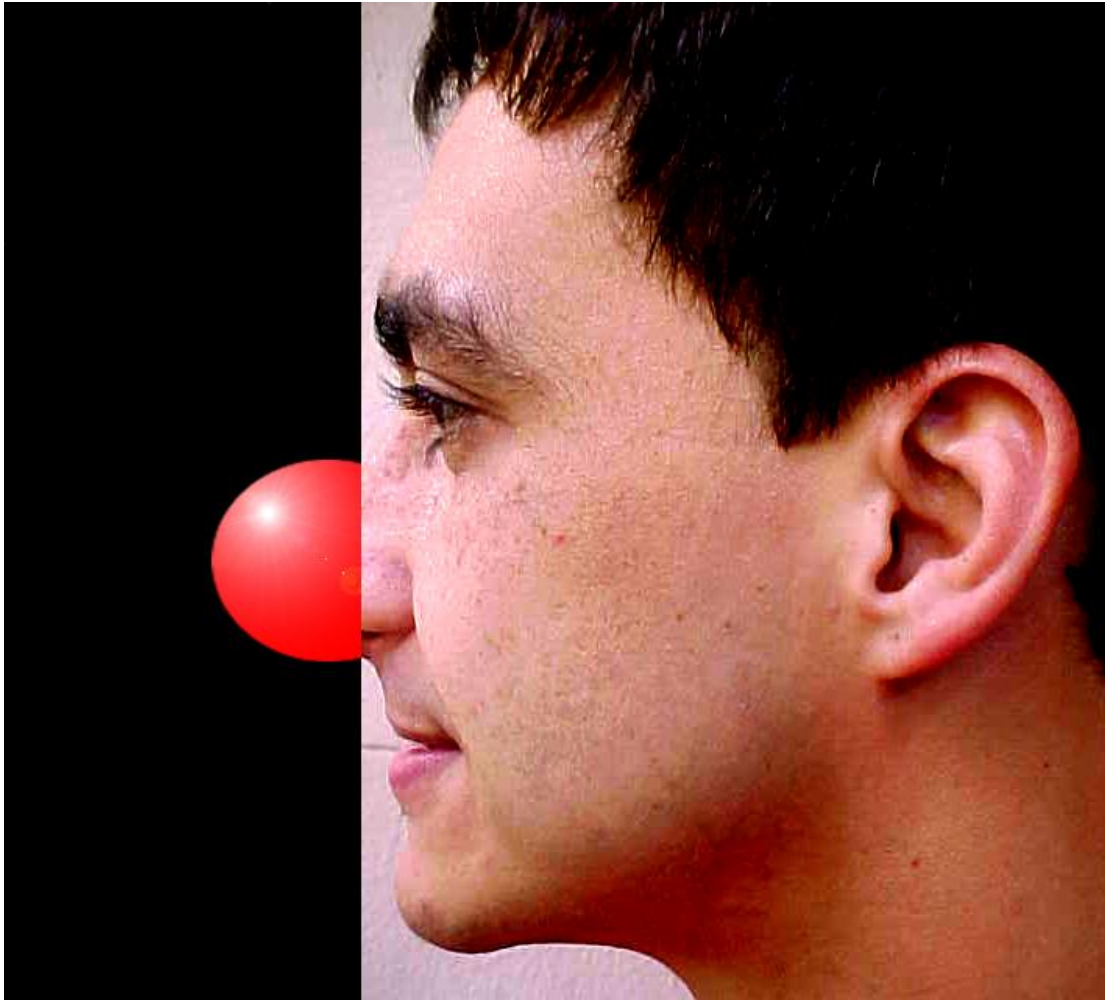


Imagem 17 – Eduardo Reginato



Imagem 18 – Eduardo Reginato

Um Caipira no Rio de Janeiro - Flamengo - 2003



Imagem 19 – Eduardo Reginato



Imagem 20 – Radio Maré ManguinhosASFOC

Lançamento da Rádio Maré Manguinhos ASFOC/FIOCRUZ– 2004



Imagem 21 – Marcelo Duarte

Dia Mundial de luta contra AIDS – Central do Brasil Rio de Janeiro – 2005



Imagem 22 – Eduardo Reginato

LAPA NO LABOR – Rio de Janeiro – 2005



Imagem 23 – Marcus V. F. Nogueira

Salão Internacional do Humor em AIDS – Rio de Janeiro – 2006

Alegria dá a receita para promoção da saúde entre população de rua

Uma iniciativa inusitada está levando informação e conhecimento sobre saúde à população de rua no Rio de Janeiro. Sociólogo, mestre em Saúde Pública pela Unicamp, Marcus Vinícius Campos criou o personagem do Palhaço Matraca, encarnado por ele mesmo, para levar cidadania e educação à população de rua, em um trabalho de promoção da saúde que une arte e pesquisa acadêmica. A atividade foi retratada no documentário *Matraca e o povo invisível*, que teve sua primeira exibição ontem, quarta-feira, encerrando o projeto *Todo O Mundo da Rua* no SESC Niterói. O filme faz parte do projeto de doutorado em Ensino em Biociências e Saúde desenvolvido por Marcus Vinícius no Instituto Oswaldo Cruz (IOC) e é a conclusão de um trabalho de campo iniciado há três anos.

“Eu sempre gostei de palhaço e sempre vivi a dicotomia entre arte e ciência. Consegui encontrar na educação informal um nicho ainda pequeno, porém em crescimento, que acaba com essa dicotomia e integra essas duas vertentes do conhecimento”, o pesquisador relata. “Quando fui para campo como palhaço, percebi o potencial absurdo de linguagens que existe entre moradores de rua, profissionais do sexo e o cidadão comum e o quão distante a academia está dessa realidade”. No documentário, a integração entre o conhecimento acadêmico e a realidade das ruas é feita pela sobreposição de diferentes discursos, expostos pelo depoimento de moradores e ex-moradores de rua, profissionais do sexo, deputados, educadores e profissionais de saúde.



As doenças sexualmente transmissíveis são um dos temas abordados pelo sociólogo em seu trabalho de campo

A experiência como palhaço de rua mostrou ao pesquisador como a alegria é fundamental para a promoção da saúde. “O objetivo da minha tese de doutorado é investigar o uso da arte do palhaço como estratégia para divulgar e promover saúde em população de rua, através do conceito Alegria para Saúde”, apresenta. “Por estar também à margem da sociedade, o palhaço consegue uma aproximação maior com a população de rua. Através de brincadeiras lúdicas é capaz de multiplicar informações sobre saúde e educação e promover a cidadania”, conclui.

Por Renata Fontoura e Bel Levy
30/03/2006

[Volta](#)



Imagem 25 – Eduardo Reginato

OPERÁRIAS DO AMOR – Glória – Rio de Janeiro – 2006



Imagem 26 – Marcelo Duarte

Dia Mundial de Luta Contra a Tuberculose – Queimados –RJ – 2006



Imagem 27 – Flávia Cordeiro Campos

Argentina - BUENOS AIRES - 2006



Imagem 28 – Fernanda Sarkis

MATRACA E RIVELINDO TRAMBIQUE NA PISTA - BRASILIA - 2007



Imagem 29 – Paulo Vinicius Alves

Na rua Curitiba - 2007



Imagem 30 – Élio Grossman

Ciência e Arte - Tiradentes - 2007



Imagem 31 – Alvaro

CONASEMS - Joinvile - 2007



Imagem 32 – Fernanda Sarkis

Oficina Saúde, Alegria e Palhaçadas - BRASILIA - 2008



Imagem 33 – Kika Serra

Encontros - Rio de Janeiro - 2008



Imagem 34 – Gutemberg Brito

FIOCRUZ PARA VOCÊ - Manguinhos - Rio de Janeiro -2008



Imagem 35 – Marcus Vinicius Campos Matraca

GO SLOW – Rio de Janeiro – 2008



Imagem 36 – Gutemberg Brito

A BANDA – Ciência, Arte e Cidadania – IOC/FIOCRUZ – Rio de Janeiro 2008



Imagem 37 – Studio PV



Imagem 38 – DJ TUCHO

**DOUTOR EM CIÊNCIAS – IOC/FIOCRUZ – Tenda da Ciência
Rio de Janeiro – 2009**



<http://video.google.com/videoplay?docid=-2615803161554076328>



<http://www.youtube.com/watch?v=Am2r8QGCuHQ>



Imagem 41 –LOGO

www.palhacomatraca.com.br